Revista Conexão Literatura

LITERATURA • CULTURA • ESCRITA • ARTE

Nº 137
Novembro/2026
Distribuição Gratuita

CONEXÃO LITERATURA

A REVISTA DO LEITOR E DO ESCRITOR

DESTAQUE DO MÊS

LEIA CONTOS E POEMAS EXCLUSIVOS
Textos inéditos de autores de todo o Brasil.

ENTREVISTAS COM ESCRITORES
Conversas sobre criação, carreira e livros.

DICAS PARA LEITURA
Livros que merecem um lugar na sua estante.

AUTOR EM DESTAQUE
Conheça o autor e a sua obra.



RICARDO RAMOS

liderança, autoconhecimento e os desafios de decidir sob pressão

Autor do livro:

Presença sob Pressão:
liderança e autoconhecimento para decidir sem se perder de si

ISSN 2448-1068

E MAIS: RESENHAS • POESIA • CRÔNICAS
LANÇAMENTOS • NOTÍCIAS DO MUNDO LITERÁRIO

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA
A REVISTA DO LEITOR E DO ESCRITOR



NESTA EDIÇÃO

Entrevista de capa
RICARDO RAMOS

LIDERANÇA E AUTOCONHECIMENTO PARA DECIDIR SOB PRESSÃO

PRESENÇA SOB PRESSÃO
Brasport, 2026

EDIÇÃO Nº 137 | NOVEMBRO / 2026

SOBRE A REVISTA

CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

SAIBA+

Para baixar nossas edições anteriores: **clique aqui**

Layout da capa, organização e arte interna: **Ademir Pascale**

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: **clique aqui**

EXPEDIENTE

Ademir Pascale
Editor-Chefe
ademir@revistaconexaoliteratura.com.br

Elenir Alves
Assessora de Imprensa
elenir@cranik.com

ISSN: 2448-1068

CONTATO E REDES SOCIAIS

Facebook: @conexaoliteratura
Instagram: @revistaconexaoliteratura
Youtube: @conexaonerd
E-mail: ademir@revistaconexaoliteratura.com.br
Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

REVISTA

CONEXÃO LITERATURA

A REVISTA DO LEITOR E DO ESCRITOR

EDIÇÃO Nº 137 • NOVEMBRO / 2026

"A literatura nos ensina a ver o mundo com outros olhos e a sentir com mais profundidade."



ENTREVISTA DE CAPA
RICARDO RAMOS



LITERATURA QUE TOCA E TRANSFORMA

SUMÁRIO

Expediente 02

Editorial
por Ademir Pascale 04

Patrocinadores da Revista Conexão Literatura 05

Entrevista de capa: Ricardo Ramos
Liderança, autoconhecimento e decisões sob pressão 06

HQ de terror: Três Batidas à Porta (download grátis)
por Ademir Pascale 14

Oscar Wilde e a simbiose entre vida e arte
por Gilmar Duarte Rocha 15

Desafios
por Mónica Palacios 18

Poema: Sonhos e Delírios
por Mirian Menezes de Oliveira 21

Poema: Travessia
por Ivana Souza 23

Cordel: A Loira do Banheiro
por Ademir Pascale 25

Poema: Ipês
por Jaff Silva 26

Série *Garças Brancas e Eu*
por Sellma Luanny 28

Dicas de Leitura 32

Poema: Quinta de Oração – Ação de Graças e Paz
por Clarissa Machado 34

Viajantes do Tempo – Voyagers
por Sheila Sacks 35

Estação Futuro – A Décima Praga
por Sheila Sacks 37

O Tempo Escreve em Nós
por A Carlos Misawa 42

Cora Coralina: a poesia do simples e do eterno 45

10 curiosidades reais sobre grandes autores e livros 46

Qual a cor da nossa consciência?
por Potiara Cremonese 47

Soneto "Agregado infeliz de sangue e cal" – Análise e Interpretação
por Max Moreira 52

Citação: Franz Kafka 56

Tributo a Você, Mãe
por Sellma Batalha 57

Poema: A Calúnia Difamatória
por Flavio Joppert 60

Revisão Literário-Heráldica sobre Carmina Burana
por Flavio Joppert 61

Entrevista com Bernardo Parreiras Salgueirinho 78

Entrevista com Daniel Pereira Pondé 83

Entrevista com Mini Kat 90

Entrevista com Regis Lee 94

Entrevista com Gabriel Ethan Paz 99

Entrevista com Maria Cecilia de Lima 106

Entrevista com Sérgio Camargo 109

Entrevista com M. J. Franco 112

Entrevista com Wagner Rodrigues Silvestre 117

Citações para pensar, sentir e viver 123

HQ: De Volta à Vida
por Ademir Pascale 125

Conto: Água Limpa
por Anderson Nogueira 145

Conto: Núbia e o Movimento das Águas
por Elisa Mattos 149

Conto: O Cadete
por Iraci José Marin 154

Conto: Ainda é cedo amor
por Luciana Simon de Paula Leite 157

Conto: O Pescador
por Ney Alencar 163

Conto: A Bibliotecária
por Raul Schaefer Filho 167

Conto: O Menino e o Cometa – Parte II
por Roberto Schima 172

Passatempo: Caça-palavras 185

Passatempo: Tirinha – Estante cheia, leitor feliz! 186

Mídia Kit 187

Anuncie ou participe da próxima edição 190

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA
A REVISTA DO LEITOR E DO ESCRITOR

LITERATURA
QUE TOCA E
TRANSFORMA.



Ademir Pascale
Editor-Chefe

“Não escrevemos apenas para ser lidos. Escrevemos para ficar na memória, para provocar ideias e para transformar vidas, uma história de cada vez.”

NESTA EDIÇÃO

ENTREVISTA DE CAPA:
RICARDO RAMOS
LIDERANÇA, AUTOCONHECIMENTO E DECISÕES SOB PRESSÃO



EDIÇÃO Nº 137 NOVEMBRO / 2026

Editorial

Nesta edição de novembro, a Conexão Literatura chega ao número 137 com uma entrevista que nasceu de uma pergunta que muita gente faz em silêncio: **como decidir sob pressão sem se perder de si?** Quem responde é **Ricardo Ramos**, executivo, engenheiro, mestre em Administração e conselheiro de empresas, que passou 28 anos no BNDES, chegou à diretoria e transformou essa trajetória no livro *Presença sob Pressão: liderança e autoconhecimento para decidir sem se perder de si* (Brasport, 2026).

Na conversa, ele fala de liderança, autoconhecimento e das escolhas difíceis com uma honestidade rara. Se a leitura despertar a vontade de ir além, leve o livro dele para casa: **comprar e divulgar o livro de quem escreve** é a forma mais direta de manter viva a literatura.

Você encontra ainda contos e poemas exclusivos, entrevistas com escritores, crônicas e dicas de leitura, sempre com o compromisso de valorizar a literatura em suas múltiplas formas e de aproximar você, leitor, de novas histórias.

A Conexão Literatura segue firme em sua missão de ser um espaço plural, independente e aberto ao diálogo, celebrando o poder transformador da palavra.

Desejo a todos uma ótima leitura!

Ademir Pascale

ENTREVISTA DE CAPA
Ricardo Ramos fala de liderança e decisões sob pressão.

CONTOS E POEMAS
Textos exclusivos que tocam, inspiram e ampliam o olhar sobre o mundo.

ENTREVISTAS
Conversas com escritores que fazem a literatura acontecer.

CRÔNICAS
Leituras curtas e imperdíveis para o dia a dia.

DICAS DE LEITURA
Sugestões de livros e muito mais para a sua estante.

NOSSOS SINCEROS AGRADECIMENTOS AOS PATROCINADORES DA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Casa Brasileira de Livros

www.casabrasileiradelivros.com



Roberto Schima

Leia seus textos no site da Revista Conexão Literatura:
https://encurtador.com.br/ax5Gt



Luciana Simon de Paula Leite

Instagram: @lucianasimonleite



Mirian Menezes

Escritora Independente
Seus livros podem ser adquiridos pelo link:
encurtador.com.br/jgdpm



Gilmar Duarte Rocha

www.gilmarduarterocha.com.br
Instagram: @gilmarduarterocha



Gabriel Ethan Paz

https://gabrielethanpaz.com
Facebook: https://lix.li/lloyx



Jaff Silva

Youtube: @Jaffkamphorst
Instagram: @jaffkamphorst

APOIE A NOSSA CAUSA DE INCENTIVO À LEITURA E FAÇA PARTE DESSE TIME.
SAIBA COMO:

clique aqui

ENTREVISTA ESPECIAL

RICARDO RAMOS

liderança, autoconhecimento e os desafios de decidir sob pressão



Presença sob Pressão
(Brasport, 2026)

O que acontece com um líder quando precisa tomar decisões importantes em momentos de pressão? Como conciliar responsabilidades profissionais, expectativas externas e resultados sem perder de vista a própria identidade? Essas são algumas das questões que atravessam a trajetória de Ricardo Ramos, executivo, engenheiro, mestre em Administração, conselheiro de empresas, mentor de lideranças e autor.



Ricardo Ramos

Quem é Ricardo Ramos

Após 28 anos de atuação no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), onde chegou à diretoria, Ricardo acumulou experiências em áreas estratégicas, como crédito, infraestrutura, financiamento à exportação, tecnologia e transformação digital. Ao longo dessa jornada, esteve à frente de grandes equipes, participou de decisões de elevado impacto e acompanhou de perto os desafios de liderar em ambientes complexos, nos quais as escolhas precisam ser feitas mesmo quando não há respostas simples.

Foi também a partir de sua própria experiência profissional e de um processo de reflexão sobre a maneira de exercer a liderança que nasceu o livro ***Presença sob Pressão: liderança e autoconhecimento para decidir sem se perder de si***, lançado em 2026. Na obra, o autor propõe uma reflexão sobre a importância do autoconhecimento como prática cotidiana, construída pela observação, pela elaboração das experiências e pela disposição de rever atitudes e decisões.

Atualmente, Ricardo divide seu tempo entre os conselhos de administração, a mentoria de executivos e as palestras, além de desenvolver novos projetos editoriais. Nesta entrevista exclusiva à Revista Conexão Literatura, conversamos sobre sua trajetória, os aprendizados acumulados no BNDES, os desafios da liderança contemporânea, a influência do autoconhecimento nas decisões e as reflexões que espera despertar nos leitores com seu livro.

> ***Uma conversa sobre carreira, escolhas, responsabilidade e, sobretudo, sobre a importância de não perder a si mesmo enquanto se busca alcançar grandes objetivos.***

28
anos no BNDES

190
profissionais formados no mini-IMPM

Livro lançado em
2026

Uma pergunta que se formou aos poucos



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Seu livro Presença sob Pressão: liderança e autoconhecimento para decidir sem se perder de si nasceu de uma pergunta que o acompanhou durante sua trajetória profissional: quem você era naquelas decisões? Em que momento essa questão se tornou tão importante a ponto de motivá-lo a escrever o livro? Houve alguma experiência específica que marcou essa mudança de perspectiva?

RICARDO RAMOS

Não houve um momento único. A pergunta foi se formando aos poucos, como um incômodo que a agenda nunca me deixava elaborar. Eu entregava o que era esperado, era reconhecido por isso, e ainda assim algo não fechava. Sucesso por fora e desorientação por dentro convivem por um tempo surpreendente sem que ninguém perceba, nem a própria pessoa.

O primeiro sinal claro veio em 2013, quando comecei o mestrado em Lancaster. O programa tratava a reflexão crítica como prática, e foi ali que me vi, pela primeira vez, examinando com rigor o meu jeito de agir sob pressão. Nem tudo o que enxerguei me agradou. Mas a pergunta passou a ter nome.

O segundo momento aconteceu dentro de casa. Em 2020, durante a pandemia, convivi por mais de um ano, o tempo inteiro, com meus cinco filhos, quatro já adultos jovens e a caçula ainda adolescente. Em casa não existe cargo que proteja ninguém, e o incômodo voltou com força. Uma das perguntas que mais me marcaram veio de uma das minhas filhas, que quis saber se fazia sentido construir uma vida profissional que, para funcionar, exigia suspender parte do que somos. Não soube responder na hora, e a pergunta ficou comigo.

Escrever o livro foi a forma que encontrei de responder, com método, ao que durante anos tinha sido só desconforto.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

O título da obra chama a atenção para um desafio que muitos profissionais enfrentam: tomar decisões sob pressão sem perder a própria identidade. Como você definiria o conceito de presença sob pressão? E quais são os primeiros sinais de que uma pessoa está deixando de agir de acordo com seus valores para simplesmente atender às exigências do ambiente?

RICARDO RAMOS

Presença sob pressão é a capacidade de continuar em contato consigo mesmo quando o ambiente exige resposta rápida. Quem tem presença lê o que acontece ao redor e também o que acontece dentro de si, e só então decide. Isso inclui sustentar a realidade sem fugir dela de imediato e rever uma leitura sem se sentir anulado por isso.

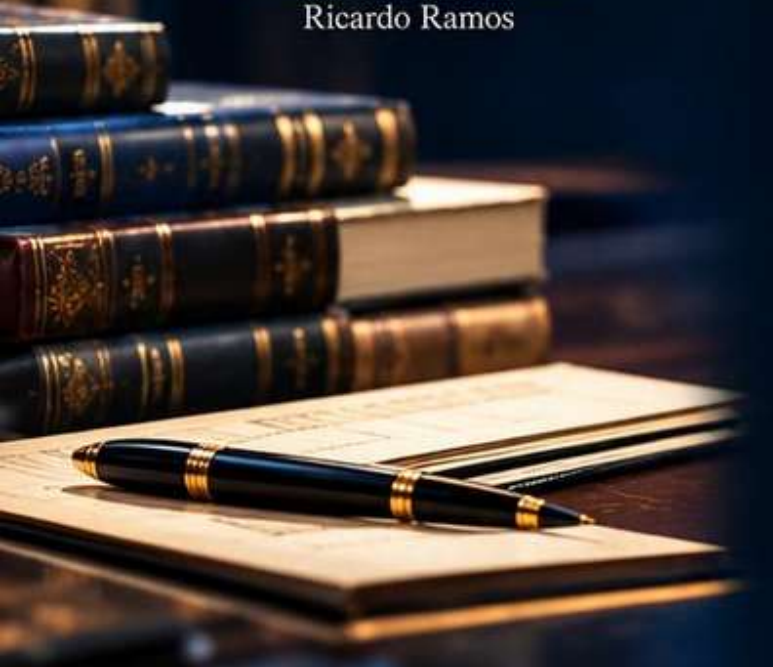
Os primeiros sinais de afastamento costumam ser pequenos e aparecem no corpo, no humor, na linguagem e na velocidade da resposta. Pressa em encerrar a conversa, irritação que chega antes do argumento, necessidade de controlar, vontade de agradar ou retraimento. Há um sinal mais sutil, que reconheci em mim. Passamos a justificar, com um vocabulário cada vez mais sofisticado, escolhas que na verdade foram movidas por hábito, conforto ou reputação. Quando a explicação fica elegante demais, vale desconfiar.

> *“Quando a explicação fica elegante demais, vale desconfiar.”*



Quando o método já não basta

> *Liderar começa por reconhecer o que o próprio jeito de agir já não alcança.*
>
> Ricardo Ramos



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Você passou 28 anos no BNDES e chegou à diretoria da instituição, tendo responsabilidades que envolveram grandes equipes, carteiras expressivas de crédito e projetos estratégicos para o país. Olhando para essa trajetória, quais foram os aprendizados mais importantes sobre liderança? E existe alguma decisão profissional que tenha transformado profundamente sua maneira de enxergar o papel de um líder?

RICARDO RAMOS

O aprendizado mais importante foi perceber que o método que me trouxe até um cargo nem sempre serve para o cargo seguinte. Durante quase toda a carreira no banco, o desafio era fazer as coisas acontecerem. Eu chegava, entendia o processo, melhorava e acelerava a entrega. Funcionava, e eu confiava nisso.

Em 2008, quando assumi a superintendência da área social, repeti a fórmula. A área financiava desde grandes obras de infraestrutura até pequenas ONGs e projetos culturais, com lógicas completamente distintas, e nada andava. Durante dois ou três meses não entendi o porquê. Quem me ajudou foi um chefe de departamento, que me disse sem rodeios que a área precisava de direcionamento antes de precisar de operação. Foi uma devolução incômoda e a mais útil daquele período. Criamos uma unidade para qualificar os dados e implantamos um balanced scorecard que, em seis meses, mudou a resposta da área e depois foi adotado pelo banco inteiro, como método de gestão entre 2009 e 2014.

Dessa decisão ficou a convicção de que liderar começa por reconhecer o que o próprio jeito de agir já não alcança. E de que, sozinhos, demoramos muito para perceber.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Em 2013, você iniciou seu mestrado em Lancaster, no Reino Unido, experiência que, segundo sua trajetória, contribuiu para uma reflexão crítica sobre sua forma de liderar sob pressão. O contato com outras perspectivas acadêmicas e culturais mudou sua maneira de compreender o comportamento humano nas organizações? Que descoberta daquele período permanece presente em sua vida profissional?

RICARDO RAMOS

Mudou, e de um modo que eu não esperava. O IMPM tinha módulos em países diferentes, e conviver com colegas de culturas e formações distintas tornou visíveis pressupostos que eu tratava como naturais. Ele me desorganizou por dentro, no melhor sentido possível.

A descoberta que permanece é a diferença entre reflexão e ruminação. Ruminar é voltar ao mesmo pensamento sem sair do lugar. Refletir exige método, uma pergunta clara, o contraste com outras pessoas e disposição para revisar a conclusão. Aprendi ali a tratar o pensamento crítico como prática, e não como adorno intelectual.

Ao fim de cada módulo, a pergunta era qual seria o impacto daquilo na organização. Ela me acompanhou de volta ao BNDES. Quando assumi a diretoria de RH, colegas que também tinham passado pelo programa propuseram um projeto interno inspirado nele, que chamamos de mini-IMPM. Meu papel foi dar sustentação para que existisse. Começou com 25 pessoas e formou 190, em cinco turmas, com aulas gratuitas de Lancaster, McGill e FGV.

Isso aconteceu num período de muita pressão no banco, que era desafiado pela Lava Jato e vivia um ambiente de medo e desconfiança. Mesmo assim, as pessoas se engajaram. O mini-IMPM mostrou que, quando se abre espaço para a reflexão, até sob pressão as pessoas estão dispostas a fazer esse esforço.

Começar pequeno, mas começar

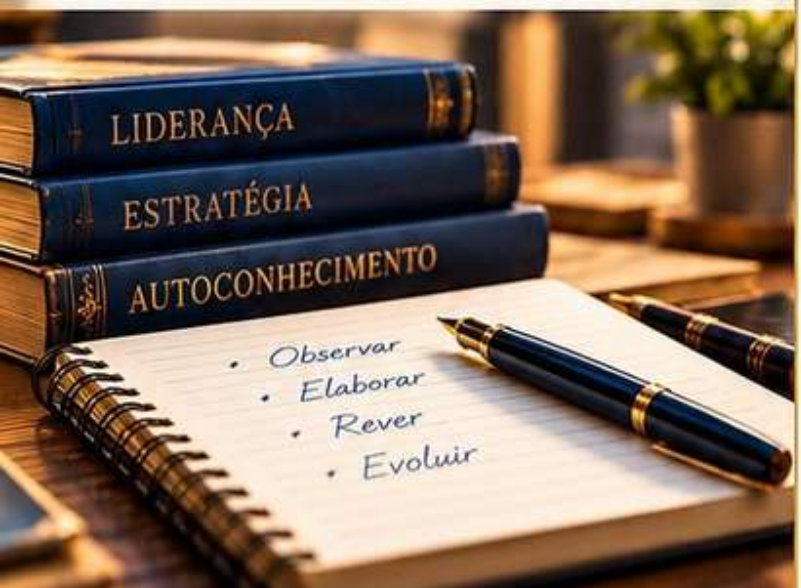
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Depois de deixar o BNDES, em 2021, você passou a escrever sobre suas reflexões profissionais no LinkedIn, aprofundou seus estudos e, posteriormente, transformou essas ideias em livro. Como foi essa transição de uma carreira executiva para uma atuação que também envolve a escrita, a mentoria e as palestras? Escrever ajudou você a compreender melhor sua própria trajetória?

RICARDO RAMOS

Foi mais um desdobramento do que uma ruptura. Ao deixar o banco, em 2021, a pausa me obrigou a olhar para o que eu vinha fazendo. Comecei a escrever no LinkedIn, e escrever em público tem um efeito curioso, porque o leitor não perdoa imprecisão. Percebi que precisava estudar mais, tanto os temas quanto a mim mesmo, e fiz cursos. Dessas leituras e desses textos nasceu o livro. A mentoria e as palestras vieram como consequência natural, porque passei a conversar sobre essas ideias com quem vive o mesmo dilema.

Escrever me ajudou a compreender a trajetória, sim, e mais do que eu esperava. Dar linguagem ao que vivi me obrigou a rever pontos que eu julgava entendidos. Há temas que só ganham clareza quando são postos em palavras diante de um leitor imaginário que não aceita imprecisão. O livro não nasceu de uma convicção pronta, ele participou da própria maturação.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Em *Presença sob Pressão*, você defende que o autoconhecimento não tem atalhos, mas exige uma prática diária de observar, elaborar e rever. Na vida real, porém, muitas pessoas estão tão ocupadas com prazos, metas e responsabilidades que quase não encontram tempo para refletir sobre si mesmas. Que práticas simples você recomendaria a quem deseja começar esse processo de autoconhecimento, mesmo em uma rotina exigente?

RICARDO RAMOS

Eu começaria pequeno, porque a rotina exigente não vai abrir espaço sozinha. O autoconhecimento não depende de retiro nem de uma grande crise. Depende de atenção distribuída ao que se vive, ao que os outros devolvem e ao que se consegue elaborar com mais método. Por isso o modelo 70/20/10 me serviu tanto.

Sugiro três práticas simples.

1. A primeira é fechar o dia com duas ou três anotações curtas sobre onde você reagiu no automático, onde foi melhor do que o seu padrão e o que fez você perder qualidade.

2. A segunda é registrar, na próxima situação de tensão, o primeiro sinal de perda de presença, seja no corpo, no humor ou na velocidade da resposta.

3. A terceira é uma pergunta silenciosa antes de responder numa conversa importante: o que estou tentando proteger agora? Ela não precisa mudar o que você vai dizer, só o lugar de onde você fala.

Vale somar a isso o pedido de feedback a alguém de confiança, sem se defender de imediato. Ninguém se vê inteiro sozinho.

> *“Ninguém se vê inteiro sozinho.”*

Velocidade não é clareza

> *Sem pausa, a pessoa apenas reage com mais sofisticação. Com ela, começa a escolher.*



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Vivemos em uma época marcada pela aceleração tecnológica, pela inteligência artificial, pelo excesso de informações e pela cobrança constante por produtividade. Na sua avaliação, esses fatores tornam a liderança mais complexa? Como um profissional pode utilizar a tecnologia e buscar melhores resultados sem perder a capacidade de escutar, refletir e tomar decisões conscientes?

RICARDO RAMOS

Torna mais complexa, sim, porque a velocidade passou a ser confundida com clareza. A inteligência artificial entrega análises em segundos e acelera a decisão, mas o tempo que antes gastávamos elaborando um problema, revendo premissas e desconfiando da primeira resposta também servia para pensar. Quando a ferramenta é usada apenas para produzir mais, esse tempo desaparece, e o risco é aceitar a resposta pronta da máquina sem examiná-la. Sem pausa, a pessoa apenas reage com mais sofisticação. Com ela, começa a escolher.

Minha sugestão é separar o que se delega do que se decide. Dados, cenários e rascunhos podem vir da tecnologia. O critério, os valores em jogo e o custo humano da decisão continuam com quem decide. E vale uma prática de dois minutos antes de qualquer escolha importante: nomear o que está conduzindo a decisão, se é medo, urgência ou vaidade. Parece pouco, mas devolve ao líder a pausa que o ritmo tirou, e é nela que ele consegue escutar.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Atualmente, você atua em conselhos de administração, trabalha como mentor de executivos e participa de iniciativas relacionadas à governança corporativa. Ao observar as empresas e seus líderes, quais são os desafios humanos mais recorrentes que você identifica? E o que diferencia, na prática, um profissional que ocupa uma posição de liderança de alguém que realmente consegue inspirar confiança e desenvolver pessoas?

RICARDO RAMOS

Um desafio muito recorrente é a distância entre o que o líder acredita estar transmitindo e o que a equipe de fato aprende com ele. O líder que evita conflito raramente imagina que está ensinando medo. Quase sempre diz a si mesmo que está sendo prudente, preservando as relações. Mas, se a prudência vira padrão, a equipe aprende que certas verdades custam caro. O mesmo ocorre com a necessidade de controle, que começa como microgestão e termina como filtragem da realidade, porque o líder passa a ouvir apenas o que cabe na sua narrativa.

Por isso costumo dizer que a cultura aprende menos com o que o líder declara e mais com o que ele tolera, protege, incentiva ou pune quando a pressão sobe.

Quem consegue inspirar confiança tem alguns traços em comum. Age de forma coerente com o que diz valorizar, mesmo quando isso custa. Aceita divergência honesta sem se sentir ameaçado. Reconhece o que não sabe sem transformar isso em vergonha. E trata o desenvolvimento das pessoas como parte central do trabalho. Ocupar uma posição de liderança dá autoridade formal. A confiança vem depois, e se constrói no detalhe.

A pessoa por trás do resultado

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Em 2026, você também se tornou coautor do livro *A Essência da Influência* e está desenvolvendo uma nova obra sobre equipes de alta performance. Como esses projetos dialogam com as reflexões apresentadas em *Presença sob Pressão*? Na sua visão, é possível construir equipes de alto desempenho sem considerar o autoconhecimento, a qualidade das relações e a maneira como cada pessoa reage diante das dificuldades?

RICARDO RAMOS

Os dois projetos conversam com o livro por um caminho comum, a pessoa por trás do resultado. A influência, a meu ver, começa em quem influencia. A maneira como alguém escuta, reage a uma discordância ou sustenta uma posição incômoda diz mais sobre sua capacidade de influenciar do que qualquer técnica de persuasão. O autoconhecimento é, nesse sentido, o ponto de partida.

Com o livro sobre equipes de alta performance, a relação é ainda mais direta. A minha intenção inicial era escrever sobre alta performance. Recuei e escrevi antes *Presença sob Pressão*, porque percebi que faltava uma base. Agora pergunto como equipes de alta performance colaboram e se coordenam para formar uma empresa de alta performance, e não acredito que isso seja possível sem considerar a qualidade das relações e o modo como cada pessoa reage quando as coisas ficam difíceis. Uma equipe é feita de pessoas que, sob pressão, tendem a voltar ao automático. Se ninguém olha para isso, o desempenho se sustenta só até o primeiro grande atrito.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Para quem está começando a carreira, assumindo a primeira posição de liderança ou tentando se preparar para responsabilidades maiores, quais conselhos você considera fundamentais? E que mensagem deixaria para aqueles que, diante da pressão por reconhecimento, crescimento profissional e resultados, sentem que estão se afastando de quem realmente são?

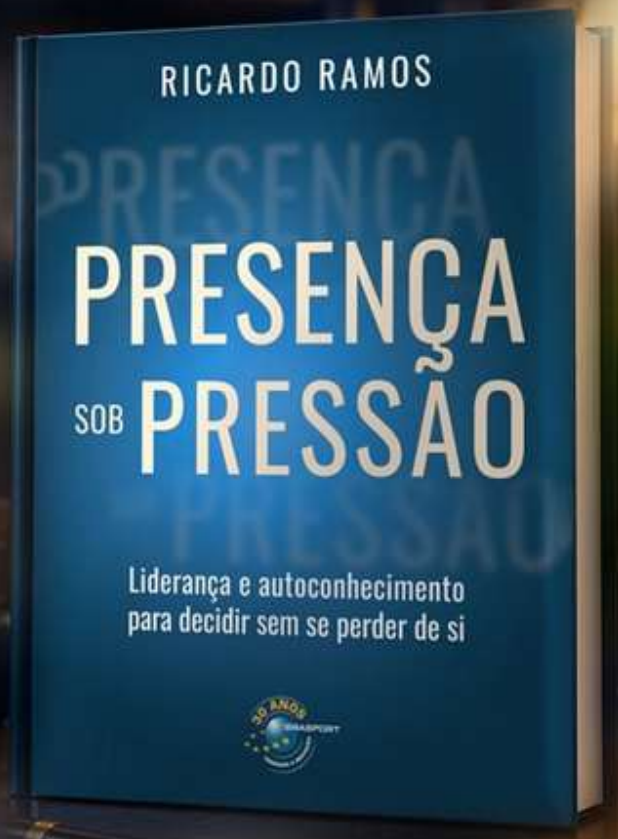
RICARDO RAMOS

Para quem está começando, eu daria três conselhos. Procure feedback cedo e com frequência, de pessoas que tenham coragem de dizer o que você não está vendo. Aprendi isso na área social do BNDES, quando a fala de um colega me mostrou em um minuto o que eu não tinha percebido em meses. Proteja algum tempo para pensar, mesmo que sejam poucos minutos por dia, porque a agenda nunca vai oferecer esse espaço sozinha. E observe o que você tolera, porque é isso que sua equipe vai aprender com você, mais do que com seus discursos.

A quem sente que está se afastando de quem realmente é, a minha mensagem é que não há necessidade de esperar um grande momento de clareza. O caminho de volta costuma começar pequeno. Uma pausa antes da reação. Uma pergunta mais honesta. Um pedido de feedback sem autodefesa imediata. Um "não" dito com mais consciência. E vale lembrar que se enxergar melhor aumenta a responsabilidade. Fica mais difícil culpar o contexto, e isso, embora incomode, devolve liberdade.

> ***"O caminho de volta costuma começar pequeno."***

Conhecer-se serve para viver com mais verdade



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Para encerrarmos, gostaríamos de saber como os leitores podem conhecer melhor seu trabalho e encontrar *Presença sob Pressão: liderança e autoconhecimento para decidir sem se perder de si*. Onde o livro está disponível? Em quais canais podem acompanhar seus artigos, suas reflexões, suas palestras e seus próximos projetos? E, se você pudesse deixar uma única reflexão ao leitor que terminar esta entrevista, qual gostaria que fosse?

RICARDO RAMOS

Presença sob Pressão está disponível na Amazon e no site da Brasport. Meus artigos e reflexões, assim como informações sobre palestras e mentoria, estão no site www.jornadaparalideranca.com, no Instagram @jornadaparalideranca e no meu perfil do LinkedIn, Ricardo Ramos, onde escrevo regularmente.

Se eu pudesse deixar uma única reflexão ao leitor, seria esta. Conhecer-se serve para viver com mais verdade. Nada disso tem espetáculo. Começa numa pausa antes da reação, numa pergunta mais honesta, numa conversa menos encenada, e é assim que a vida muda por dentro.

ONDE COMPRAR

Amazon | Site da Brasport

ACOMPANHE

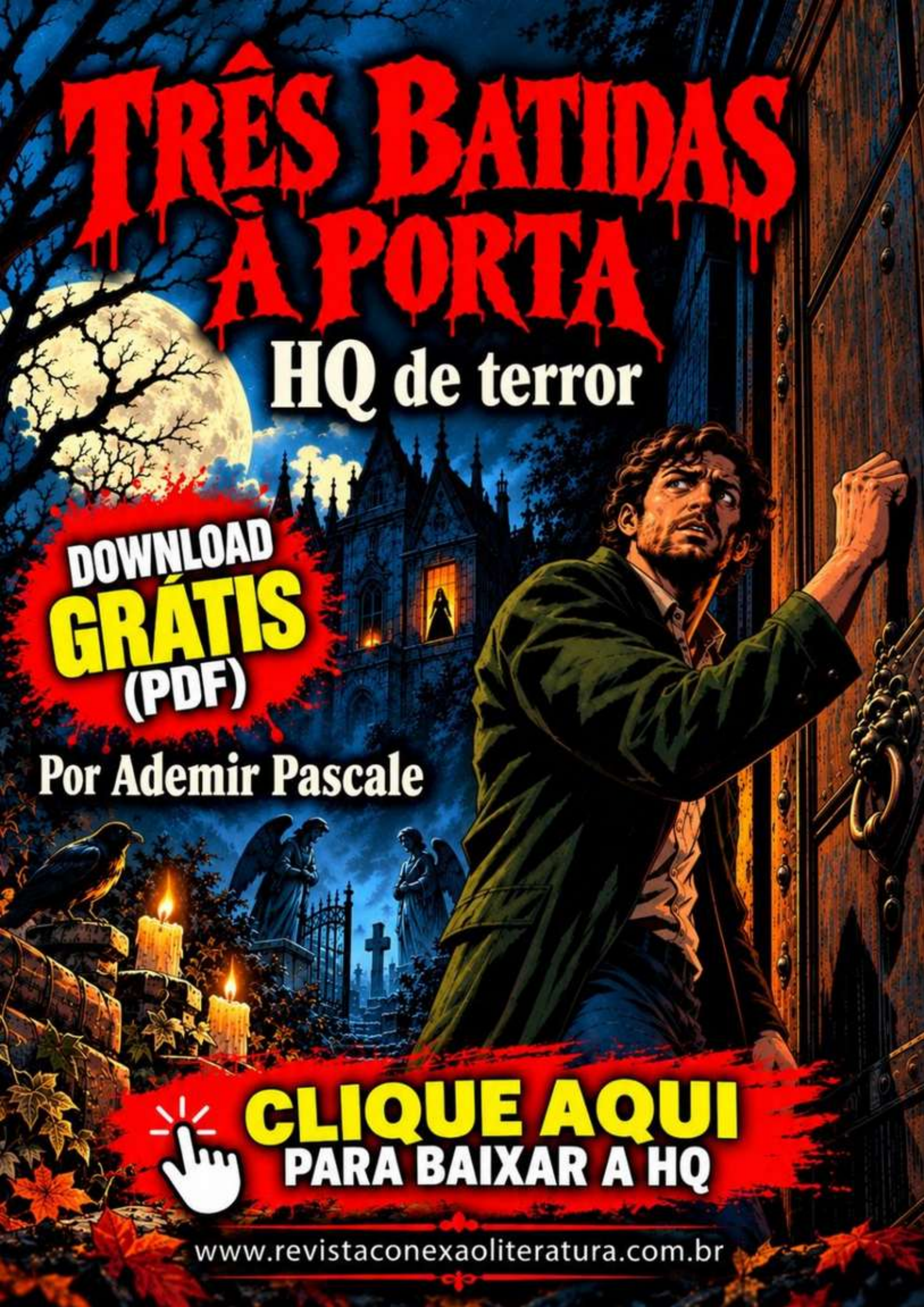
www.jornadaparalideranca.com

@jornadaparalideranca

LinkedIn: Ricardo Ramos

A Revista Conexão Literatura agradece a Ricardo Ramos pela participação e pela oportunidade de compartilhar com nossos leitores suas experiências, reflexões e aprendizados sobre liderança, autoconhecimento e desenvolvimento humano.

Ademir Pascale
Editor-Chefe · www.revistaconexaoliteratura.com.br


TRÊS BATIDAS À PORTA
HQ de terror
DOWNLOAD GRÁTIS (PDF)
Por Ademir Pascale
CLIQUE AQUI
PARA BAIXAR A HQ
www.revistaconexaoliteratura.com.br

Oscar Wilde
e a simbiose entre vida e arte



Por Gilmar Duarte Rocha

Escrever bem é uma virtude; criar ficção com profundidade, inspiração e maestria é arte em estado puro. Rabelais, Dante, Cervantes, Shakespeare, Goethe, Dickens e Victor Hugo são os pilares de uma arquitetura monumental erguida pelo gênio humano. Em suas obras, eles capturaram a essência da vida ao transformar letras em sonhos, lapidando páginas com imaginação, suor e sangue, sem jamais se desligarem da realidade nua e crua.

> *Em suas obras, eles capturaram a essência da vida ao transformar letras em sonhos, lapidando páginas com imaginação, suor e sangue, sem jamais se desligarem da realidade nua e crua.*

Na literatura ocidental, os grandes autores do meio e fim do século XIX beberam copiosamente dessa fonte inesgotável de ideias, dilemas e analogias. É no ápice desse arcabouço de mentes brilhantes que surge Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde — ou simplesmente Oscar Wilde —, nascido em Dublin, na Irlanda, em 16 de outubro de 1854.

Filho de intelectuais de classe alta, Oscar Wilde teve acesso à melhor educação da Grã-Bretanha, coroada com sua formação em Estudos Clássicos na Universidade de Oxford. Ao se mudar para Londres, mergulhou em uma rotina intensa e excêntrica, transformando-se no grande porta-voz do esteticismo.

Sua dedicação à arte e à decoração foi tão marcante que o levou a realizar turnês de conferências pelos Estados Unidos, Canadá e França.

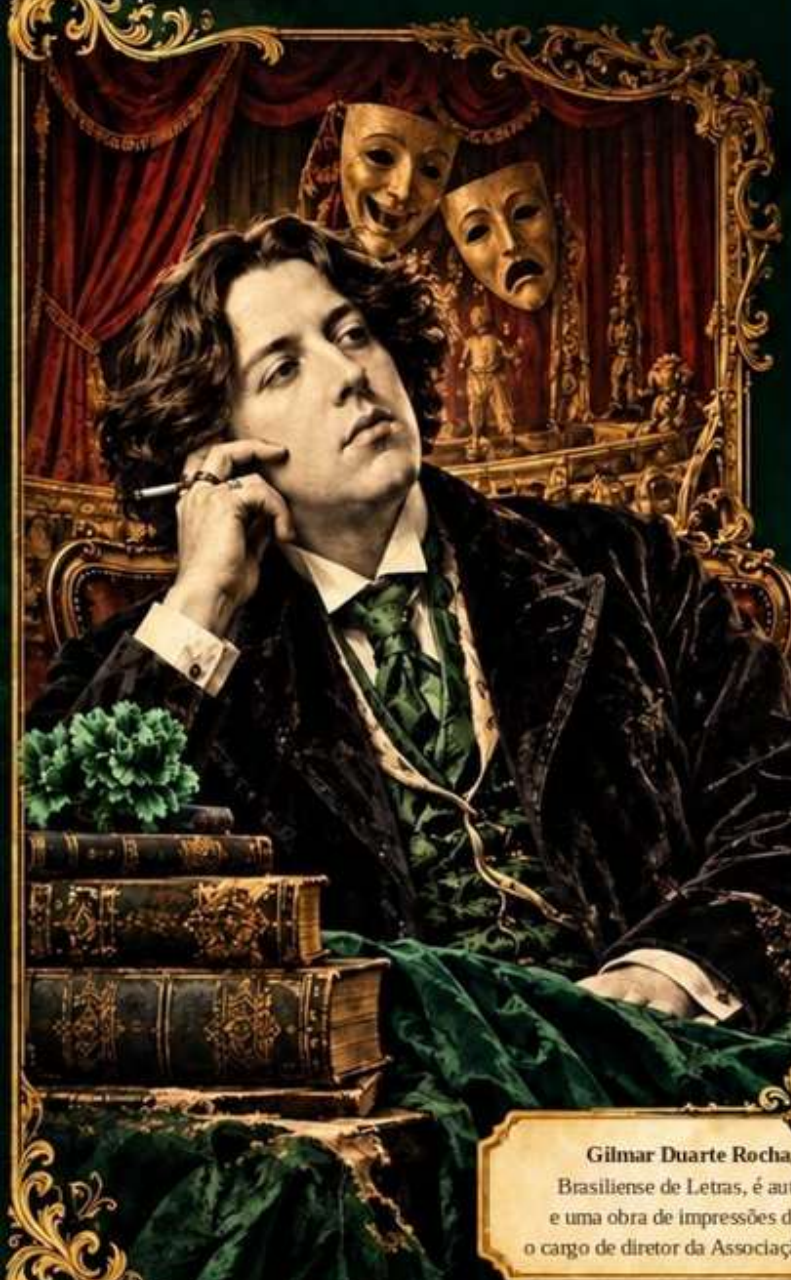
A passagem pela França despertou sua veia literária: foi ali que Wilde trocou o esteticismo pelas letras e começou a desenvolver sua obra-prima — e seu único romance publicado —, "O Retrato de Dorian Gray".

A trama do livro se passa na Inglaterra vitoriana do século XIX. Basil Hallward, um pintor em ascensão, apresenta ao amigo Lorde Henry o jovem e belo Dorian Gray, que aceitara posar para seu mais novo quadro. Movido por uma intensa curiosidade, Lorde Henry encontra-se com Dorian e opina que a juventude e a beleza do rapaz são efêmeras. Impactado e fascinado ao ver a pintura finalizada, Dorian celebra um pacto fáustico ao desejar que apenas o retrato envelheça e sofra os impactos do tempo, enquanto ele próprio se manteria eternamente jovem. Os anos passam e a vida segue, mas uma sucessão de tragédias passa a perseguir Dorian, que permanece assustadoramente imutável.

O romance de Oscar Wilde é genial, mas o conteúdo subliminar que nele se encerra e que nos dias atuais poderia ser considerado algo banal, custou caro ao autor quando este, anos mais tarde, seria acusado de praticar crime de sodomia e atentado ao pudor depois de uma conturbada relação homoafetiva com o jovem burguês Alfred Douglas.

A despeito de seu imenso talento, o autor irlandês era um homem confuso e contraditório. Seu comportamento de dândi esteta, sofisticado e esnobe, provocava a ira da conservadora sociedade vitoriana — atrito intensificado por ser casado com uma mulher da aristocracia, Constance Lloyd, com quem teve dois filhos.

Perseguido diuturnamente, Wilde começou a enfrentar (e a contestar) uma série de acusações difamatórias, num processo que dominaria os tabloides da época e que durou meses e meses, sendo finalmente julgado, acusado e preso por dois anos.





Depois de cumprir a pena, o escritor deixou a Grã-Bretanha definitivamente e se mudou para Paris onde adotou outro nome e viveu os seus últimos dias em relativa paz, longe dos holofotes e da crítica impiedosa. Faleceu prematuramente em 30 de novembro de 1900, vítima de uma meningite crônica, pouco mais de um mês após completar 46 anos.

Além do sucesso de "O retrato de Dorian Gray", Oscar Wilde teve enorme êxito na dramaturgia, produzindo peças como "Salomé" (1891), "O leque de Lady Windermere" (1892), "Uma mulher sem importância" (1893), "Um marido ideal" (1895) e "A importância de ser prudente" (1895). Também escreveu contos e fábulas, com destaque para "Uma casa de romãs" (1891) e "O fantasma de Canterville" (1891). Vale ressaltar ainda a sua obra póstuma "De profundis", uma carta escrita na prisão e que seria publicada em 1905.

Para o historiador, crítico literário e jornalista Otto Maria Carpeaux, autor do caudaloso e aclamado compêndio "A história da literatura ocidental", (4 volumes, Editora do Senado do Brasil), a obra de Oscar Wilde se entrelaçou com a sua vida, amalgamando a própria existência pública com o escândalo de sua persona literária.

> *"A obra de Oscar Wilde se entrelaçou com a sua vida, amalgamando a própria existência pública com o escândalo de sua persona literária."*

Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

CORRESPONDÊNCIAS DO FIM DO MUNDO

"Um thriller histórico intenso e arrebatador que revela como o ódio pode transformar qualquer inverno em trevas."

DO AUTOR GILMAR DUARTE ROCHA



Em 1939, às vésperas da II Grande Guerra, no interior de Santa Catarina, uma comunidade de descendentes de alemães recria a cultura da terra natal por meio da língua, de usos e costumes. Mas a ocorrência de assassinatos em série chama a atenção de um policial da capital do estado, que para lá se desloca e passa a investigar a influência criminosa da ideologia importada da Alemanha nazista sobre uma comunidade até então pacífica.

Com uma narrativa densa e repleta de suspense, Gilmar Duarte Rocha oferece ao leitor o inverno glacial da Serra Catarinense como metáfora perfeita de um tempo sinistro, em que o ódio preponderou sobre a humanidade.

SUSPENSE HISTÓRICO ENVOLVENTE

INVESTIGAÇÃO E MISTÉRIO

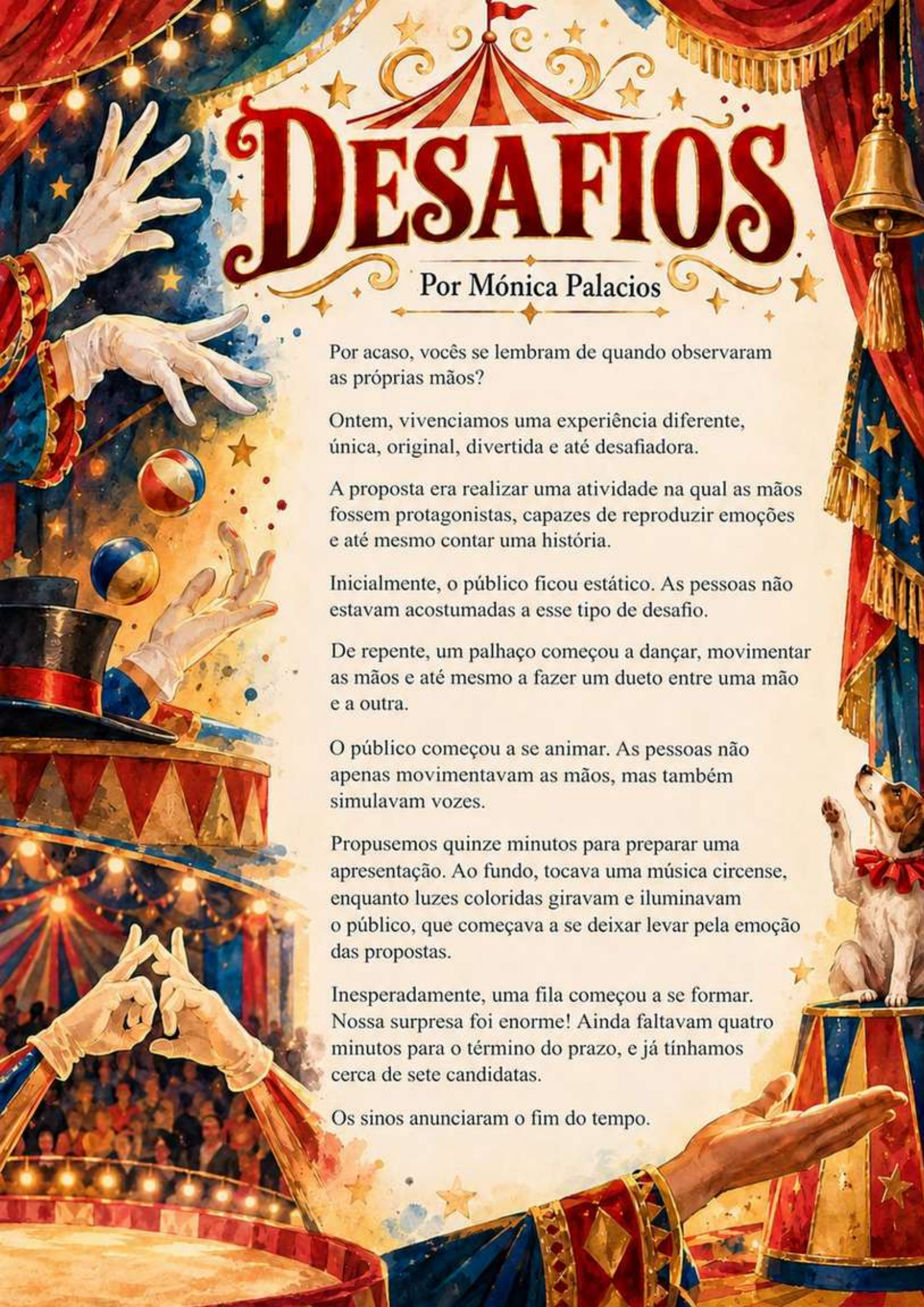
UMA HISTÓRIA BASEADA EM FATOS REAIS

"ALGUNS INVERNOS NUNCA TERMINAM. ALGUMAS FERIDAS NUNCA CICATRIZAM."

DISPONÍVEL NAS GRANDES PLATAFORMAS DE VENDAS

AMAZON
https://encurtador.com.br/Car4V

MERCADO LIVRE
https://encurtador.com.br/DSRSw



DESAFIOS

Por Mónica Palacios

Por acaso, vocês se lembram de quando observaram as próprias mãos?

Ontem, vivenciamos uma experiência diferente, única, original, divertida e até desafiadora.

A proposta era realizar uma atividade na qual as mãos fossem protagonistas, capazes de reproduzir emoções e até mesmo contar uma história.

Inicialmente, o público ficou estático. As pessoas não estavam acostumadas a esse tipo de desafio.

De repente, um palhaço começou a dançar, movimentar as mãos e até mesmo a fazer um dueto entre uma mão e a outra.

O público começou a se animar. As pessoas não apenas movimentavam as mãos, mas também simulavam vozes.

Propusemos quinze minutos para preparar uma apresentação. Ao fundo, tocava uma música circense, enquanto luzes coloridas giravam e iluminavam o público, que começava a se deixar levar pela emoção das propostas.

Inesperadamente, uma fila começou a se formar. Nossa surpresa foi enorme! Ainda faltavam quatro minutos para o término do prazo, e já tínhamos cerca de sete candidatas.

Os sinos anunciaram o fim do tempo.

Participante 1 - Entrou em cena e deu uma cambalhota. Uma das mãos amparava delicadamente a outra até que ela ficasse em pé. Em agradecimento, fez movimentos circulares, aproximou-se e abraçou a companheira.

Participante 2 - Com as mãos sobre a cabeça, estabeleceu um diálogo entre elas. Uma delas pulava, enroscando-se nos cabelos, enquanto a outra fazia movimentos mais precisos e acariciava a testa. As mãos se cumprimentavam, convidavam-se para dançar, brincar e rir. Ao final, deram um nó nos cabelos e, abraçadas, flexionaram as pontas dos dedos, simulando longas gargalhadas.

Assim, tivemos a oportunidade de ver mãos que caminhavam pelo picadeiro, mãos que cavalgavam como poucas, mãos que faziam malabarismos e, quase ao final, uma mão representando uma mãe.

Ela tinha o bebê no colo, enquanto a outra mão, delicadamente posicionada, simulava uma canção suave. Balançava a criança e, quando finalmente ela adormeceu, levou-a no colo e a colocou no carrinho dos cachorros acrobatas. Em seguida, pediu silêncio e retirou-se serenamente.

Depois dessa experiência tão enriquecedora, compreendemos o quanto é necessário dar espaço e estimular cada parte do nosso corpo.

Sobre a autora

Mónica S Silva de Palacios é Argentina, radicada no Brasil. Mestre em Literatura pela USP. Possui bacharelado em Literatura e Latim. Professora de Espanhol de diversas instituições e atualmente, autônoma, aplicando o seu próprio método de ensino de Espanhol.

Publicou cinco livros infantis: Cartas de Manú - Aventuras de Filipe - A magia está dentro e Medos, nunca mais. Livro de Crônicas: Crônicas da presença.

Participou de várias antologias e Publicações em Revistas literárias. Participou de Elos da Língua Portuguesa dos dois últimos exemplares assim como também de duas antologias do grupo de escrita literária coordenado pelo professor Alexandre Damascena: Nossos contos e O vento nas esquinas.

Publicou, em coautoria a Coleção Parâmetros para o Ensino de Espanhol pela Editora Scipione.

TEMPO DE *recolher* AS FOLHAS

MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA



Apesar do processo intimista de organização, TEMPO DE RECOLHER AS FOLHAS não é autobiográfico, não possui fins "utilitários" e não é de autoajuda... É, somente, um livro de Poesia.

Justiça seja feita à Literatura: Arte responsável por recriar a realidade, ressignificá-la e redimensioná-la!

Literatura é **VIDA, ARTE** e gênero de primeira necessidade!

ADQUIRA O LIVRO NA LIVRARIA SCORTECCI

CLIQUE AQUI →

SONHOS E DELÍRIOS

Por Mirian Menezes de Oliveira



Tenho delírios imensos;
Fantásticos pensamentos...
que me fazem desejar
outro universo alcançar.

Vejo cenas surreais,
converso com animais...
Imagino um mundo à parte:
repleto de luz e de Arte!

Absurdos são meus sonhos:
uns belos, outros medonhos.
Aves belas e gigantes
irrompem todas brilhantes,
no universo paralelo,
onde tudo é forte e belo!

Terreno fértil é a mente!
É terra, adubo e semente.
A cabeça é arapuca,
que recolhe a alma maluca.

Tenho delírios imensos;
fantásticos pensamentos...
que me fazem levitar...
Bom é viver e sonhar!

Abraço o que é surreal;
tento esquivar-me do mal,
mas há sombrias gavetas...
evasão de borboletas...

Absurdos são meus sonhos:
uns belos, outros medonhos!
Às vezes, os pesadelos
surgem em forma de: apelos,
manifestações ou gritos,
em prol de um mundo bonito!

Mas delírio que "ultrapassa",
se expande e vira fumaça...
é o de abraçar a utopia,
num mundo de distopias!

SOBRE A AUTORA

Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da UBE – União Brasileira de Escritores, dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros.
É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura.
Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

LEITURA QUE CONECTA. HISTÓRIAS QUE FICAM.

Ler transforma!

Desde 2015 no ar, trazendo com carinho e dedicação dicas para leitura, entrevistas com escritores, contos, poemas, crônicas e muito mais. Feita por nerds apaixonados por literatura, especialmente para você.



LITERATURA É:

- VIDA
- ARTE
- TEMPO

DE PRIMEIRA NECESSIDADE!

Conecte-se com boas histórias.

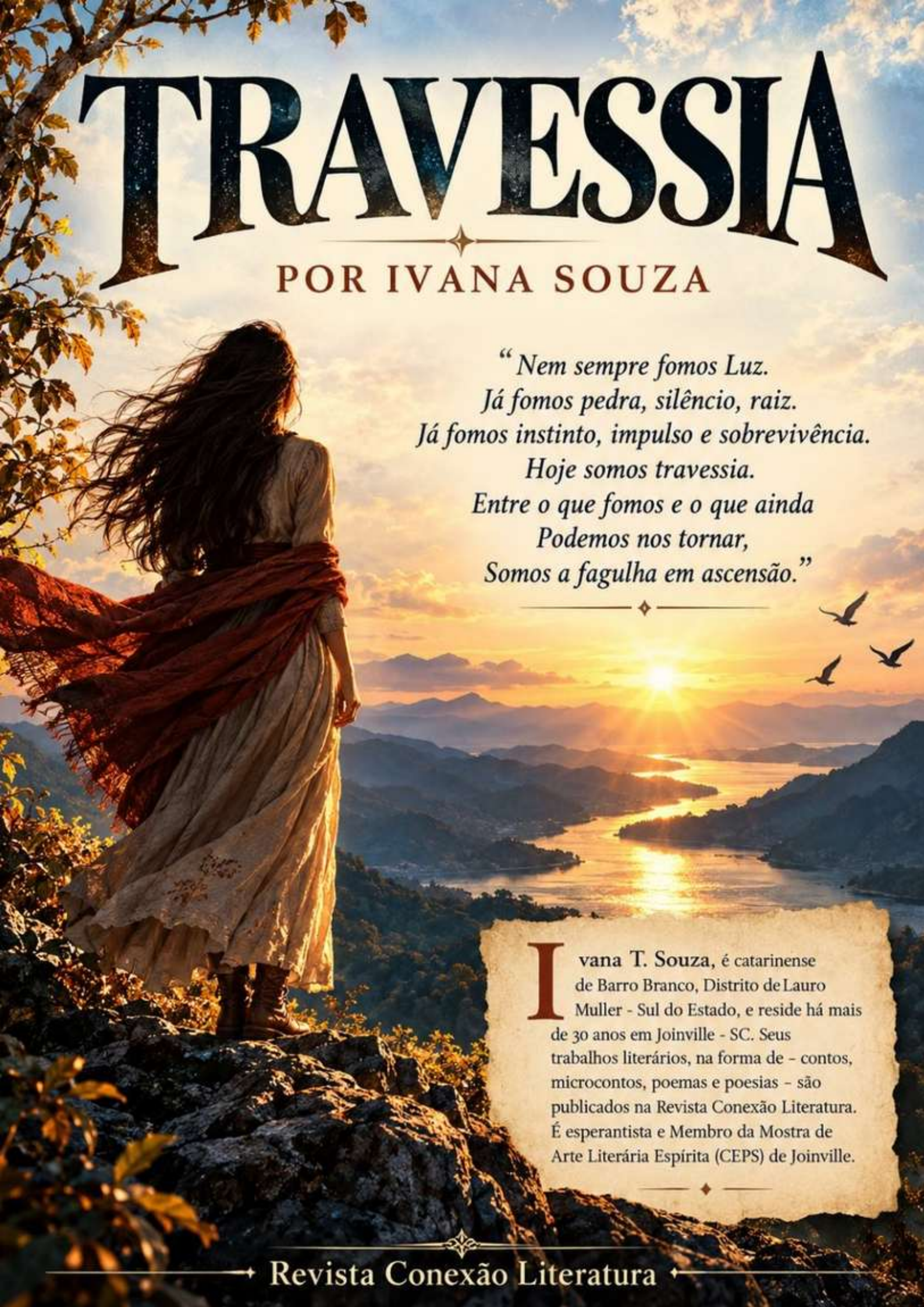
ACOMPANHE, LEIA, COMPARTILHE!

REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

TRAVESSIA

POR IVANA SOUZA



“Nem sempre fomos Luz.
Já fomos pedra, silêncio, raiz.
Já fomos instinto, impulso e sobrevivência.
Hoje somos travessia.
Entre o que fomos e o que ainda
Podemos nos tornar,
Somos a fagulha em ascensão.”

Ivana T. Souza, é catarinense de Barro Branco, Distrito de Lauro Muller - Sul do Estado, e reside há mais de 30 anos em Joinville - SC. Seus trabalhos literários, na forma de – contos, microcontos, poemas e poesias – são publicados na Revista Conexão Literatura. É esperantista e Membro da Mostra de Arte Literária Espírita (CEPS) de Joinville.

Pequenos gestos, grandes mudanças!

CONHEÇA A ONG

SÃO CENTENAS DE CÃES QUE AGUARDAM POR SUA AJUDA!

Todo cão merece uma chance!

CÃO SEM DONO

RESGATE • CUIDADO • NOVOS COMEÇOS



SAIBA MAIS:

www.caosemdono.com.br

Adote amor, mude vidas!

Eles esperam por você!

- ABRIGAMOS CÃES RESGATADOS
- OFERECEMOS CUIDADO E CARINHO
- AJUDE A TRANSFORMAR VIDAS
- SEJA UM APOIADOR

@CAOSEMDONO.OFICIAL | WWW.CAOSEMDONO.COM.BR

JUNTOS, FAZEMOS A DIFERENÇA!

A LOIRA DO BANHEIRO

★ CORDEL DE ADEMIR PASCALE ★



No silêncio da escola, noite adentro,
o banheiro guarda segredos de dor.
Dizem que uma loira, de olhar no centro,
aparece no espelho sem pedir favor.

Vestida de branco, cabelo dourado,
seu rosto é beleza, mas traz aflição.
Quem a vê de perto fica paralisado,
sentindo na alma um frio sem razão.

Ela foi menina, sonhou um futuro,
teve promessa, mas ganhou traição.
Num ato cruel, perdeu-se no escuro,
e sua história virou maldição.

No espelho embaçado, seu rosto se forma,
os olhos vazios chamam sem cessar.
Quem pronuncia seu nome, sem norma,
pode ver a loira bem perto chegar.

Padre Spadoni também ouviu falar,
da moça que chora e não encontra paz.
Com terço na mão, vai enfrentar,
pois o bem, no final, sempre se refaz.

Na água que escorre, há um lamento,
um pedido mudo de perdão.
A loira do banheiro é um alerta ao tempo:
o respeito à vida é a maior proteção.

É lenda, é mito, é história contada,
que o povo passou de geração a geração.
Mas, seja verdade ou apenas palavra,
a loira do banheiro vive no coração.

Se um dia ouvir alguém chamar seu nome,
no espelho vazio, antes de se olhar,
lembre-se: há dores que o tempo não some
e almas que ainda precisam de orar.

★ SOBRE O AUTOR ★



Ademir Pascale é Paulista, escritor e ativista cultural, criador e Editor da Revista Conexão Literatura, Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro).

Já foi Educador Social e trabalhou por 18 anos no setor de Inclusão Digital na Cidade de São Paulo, numa rede de solidariedade que desenvolve ações de promoção da vida em várias partes do país e do mundo.

Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França, organizador de antologias como "O Legado de Edgar Allan Poe", "Histórias Para Ler e Morrer de Medo" e outras.

Contato: ademirpascale@gmail.com

POESIA

Ipês

Por Jaff Silva

O ipê e você, você e o ipê
Não mentem as sementes

No meu bairro, neste fim de agosto,
Todo de branco, floriu o último ipê.
Cada ipê me lembra o rosto
E a cor de um vestido de você.

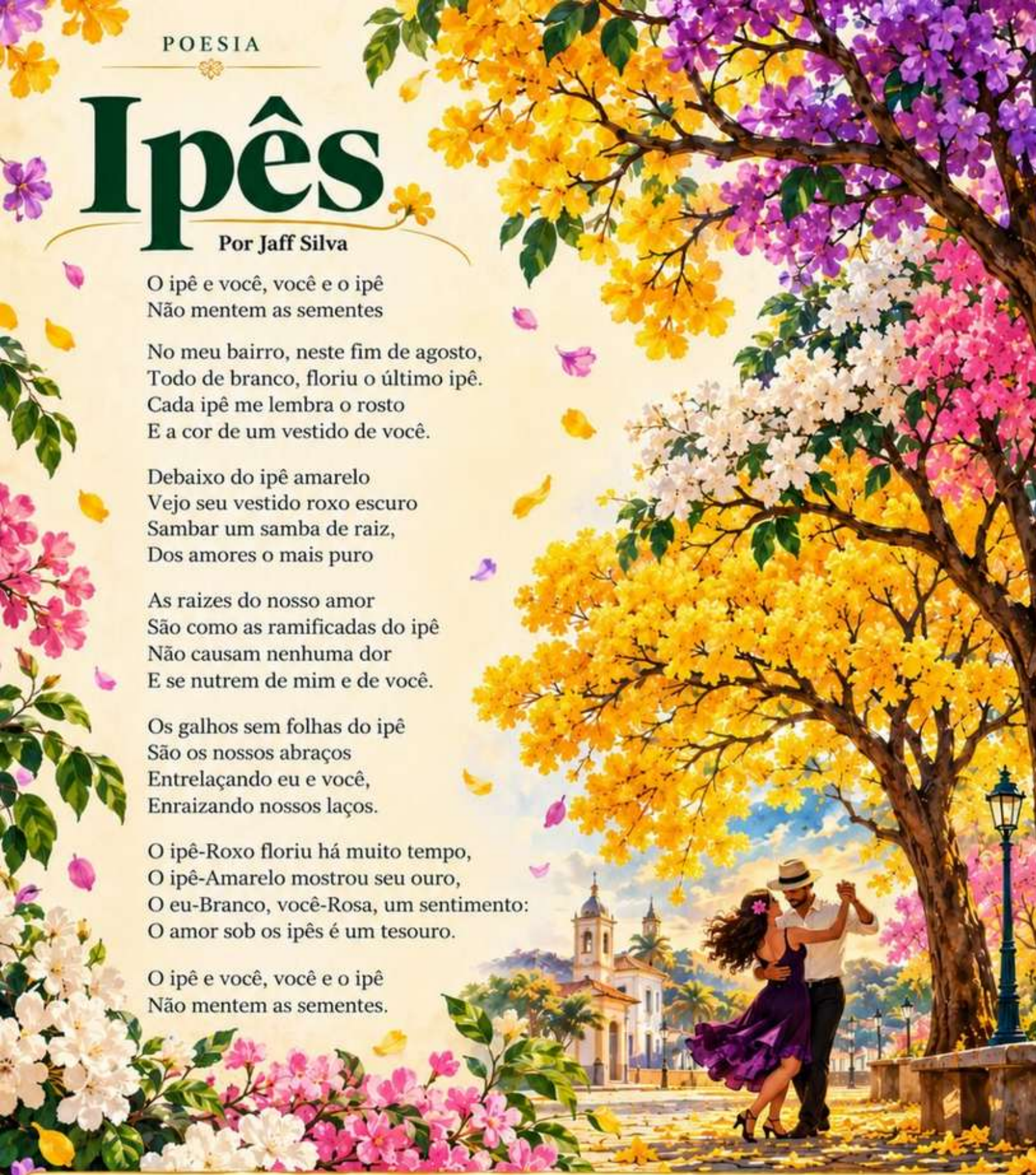
Debaixo do ipê amarelo
Vejo seu vestido roxo escuro
Sambar um samba de raiz,
Dos amores o mais puro

As raizes do nosso amor
São como as ramificadas do ipê
Não causam nenhuma dor
E se nutrem de mim e de você.

Os galhos sem folhas do ipê
São os nossos abraços
Entrelaçando eu e você,
Enraizando nossos laços.

O ipê-Roxo floriu há muito tempo,
O ipê-Amarelo mostrou seu ouro,
O eu-Branco, você-Rosa, um sentimento:
O amor sob os ipês é um tesouro.

O ipê e você, você e o ipê
Não mentem as sementes.



Jaff Silva (pseudônimo de Jafferson Kamphorst Leal da Silva) nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: [https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4]). Ele escreve seus poemas em português e os traduz para várias línguas. Gosta de criar vídeos e músicas com o auxilio de plataformas de Inteligência Artificial. Vários REELS e Poemas Musicais estão disponíveis no Facebook (link: [https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva]), no Instagram (@jaffkamphorst), no Youtube (@JaffKamphorst) e em quase todas plataformas de músicas (Spotify, YouTube, Tidal etc.).

OUÇA A MÚSICA: CLIQUE AQUI

CASA BRASILEIRA DE LIVROS

PORTAL DA CASA

R$ 20.000,00

AOS AUTORES.

O **maior prêmio** para **haicais** em língua portuguesa!

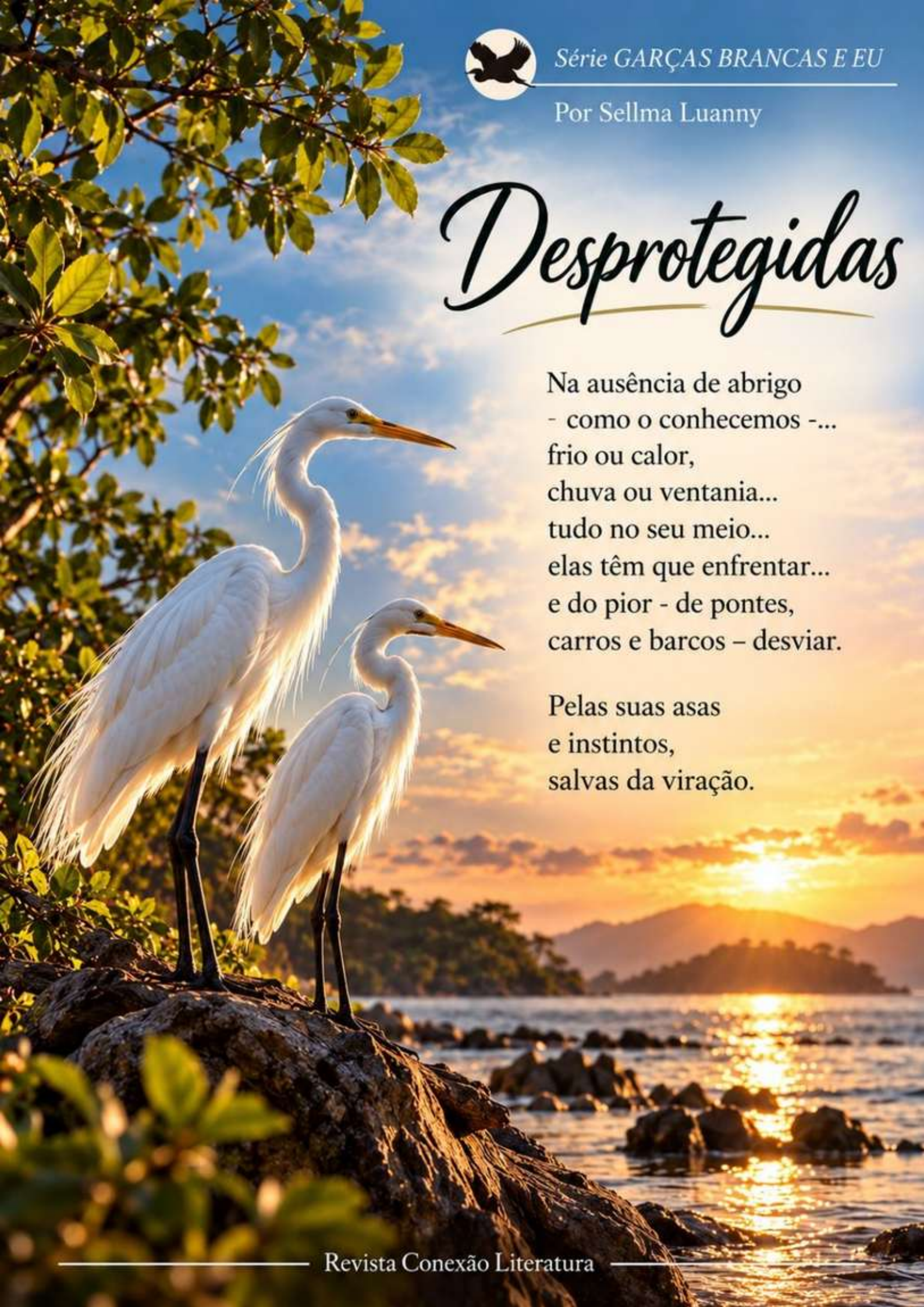
HAIJIN BRASIL 俳句

HAIJIN DO BRASIL - 3ª EDIÇÃO

INSCRIÇÕES ABERTAS!

Inscrições até 09/11/2026.

www.portaldacasa.com/eventos/3-grande-premio-haijin-do-brasil



Série GARÇAS BRANCAS E EU

Por Sellma Luanny

Desprotegidas

Na ausência de abrigo
- como o conhecemos -...
frio ou calor,
chuva ou ventania...
tudo no seu meio...
elas têm que enfrentar...
e do pior - de pontes,
carros e barcos – desviar.

Pelas suas asas
e instintos,
salvas da viração.

Revista Conexão Literatura



Série GARÇAS BRANCAS E EU

Por Sellma Luanny

Rica Beleza

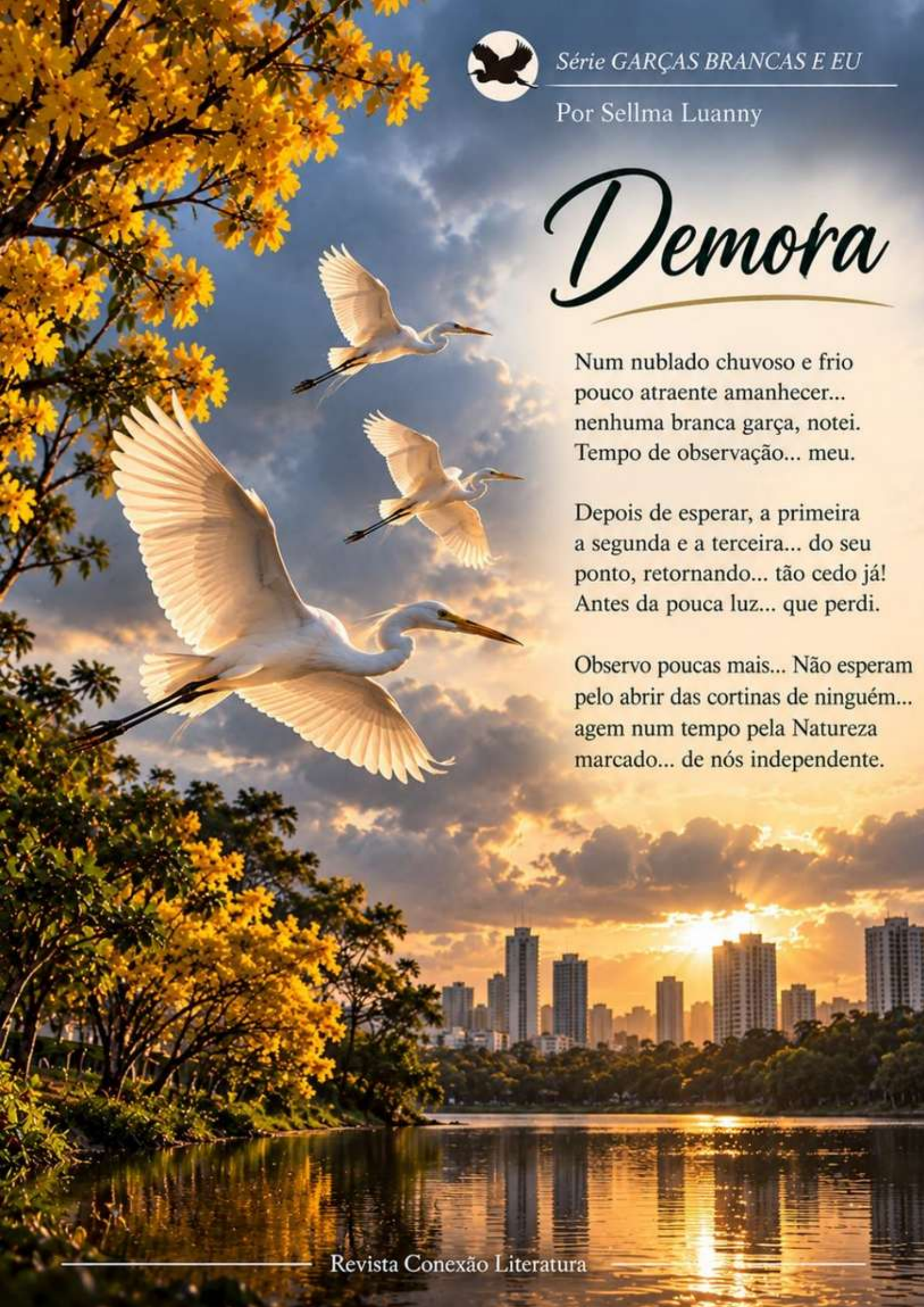
Diariamente
da minha janela
poder vê-las...
um mimo!

De uma curta vida
inimagináveis
belas e breves
coincidências.

Rica beleza
uma oferenda
não é... mas
aproveito.

Enquanto estão
e intensamente
observo... mais
viva, sinto-me.

Na minha visão
são ponto essencial...
belas presenças
no seu natural.



Série GARÇAS BRANCAS E EU

Por Sellma Luanny

Demora

Num nublado chuvoso e frio
pouco atraente amanhecer...
nenhuma branca garça, notei.
Tempo de observação... meu.

Depois de esperar, a primeira
a segunda e a terceira... do seu
ponto, retornando... tão cedo já!
Antes da pouca luz... que perdi.

Observo poucas mais... Não esperam
pelo abrir das cortinas de ninguém...
agem num tempo pela Natureza
marcado... de nós independente.



Série GARÇAS BRANCAS E EU

Por Sellma Luanny

Em Meio À Neblina

Com densa neblina, amanheceu.
Perto de mim, vi uma indo
e outra vindo... mais adiante,
só o ar... indefinido espaço

Unicenário que a tudo,
numa fosca e amorfa
imagem, envolve... e ao longe,
tudo se perde... sem distinção.

Carros e humanos e garças
em meio ao fundo, desaparecem.
Horizonte céu mar e tudo o mais
já não o são... e nada se vê.

Série GARÇAS BRANCAS E EU
(décima oitava parte)

Biografia sumária:
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

DICAS DE leitura



Histórias que inspiram, ensinam e transformam!



O Mundo Mágico dos Duendes
Wagner Rodrigues Silvestre

CLIQUE AQUI



Antologia Nacional de Terror
Ademir Pascale (org.)

CLIQUE AQUI



O Caçador de Vampiros
Ademir Pascale

CLIQUE AQUI



Causos de Assombramento em Quadrinhos
Mauricio Pereira

CLIQUE AQUI

Leia mais, Viva melhor.


REVISTA
CONEXÃO LITERATURA
TODOS OS MESES UMA
NOVA EDIÇÃO

Quinta de Oração - Ação de Graças e Paz

(Por Clarissa Machado)

Quinta de oração
Ação de Graças
E proteção.

Tehilim
Mishlei
Shir HaShirim.

Quinta de oração
Ação de Graças
E adoração.

Gloria in excelsis Deo
Magnificat
E Angelus.

{Ontem, hoje e eternamente}

Quinta de oração
Com os mistérios luminosos
Dentro do meu coração.

{Ele é
o que é}

Quinta de oração
Vivendo a Eucaristia
Durante todo o dia.

{Ele será
o que será}

Quinta de oração,
A Palavra de Deus
Em ação -

Exaltação
Louvor
Gratidão:

Paz!

{In saecula
Saeculorum}



SOBRE A AUTORA

Clarissa Xavier Machado é graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução, Literaturas Brasileira e Inglesa, e Neurociências da Educação. Autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço", "São Lourenço, Cidade da Gente", "Buen(os) Aire(s)" e "A Voz de Nhá Chica". É Mediadora de Leitura e divulgadora da Literatura Preventiva, dos Arquétipos Literários, do Turismo Literário, da Cultura de Paz e do resgate de Saberes Ancestrais.

Viajantes do Tempo

VOYAGERS

PASSADO
PRESENTE
FUTURO
HISTÓRIAS
PESSOAS
LUGARES
IDEIAS
REALIDADES

O tempo nos conecta ao que realmente importa.

A notícia é o ponto de partida

As histórias não contadas por trás dos fatos

Mais de 200 textos sobre temas que impactam as sociedades



1

A Cabalá Universal que une os povos

https://sheilasacks.blogspot.com/2026/10/a-cabala-universal-que-une-os-povos.html



2

O guardião dos Manuscritos

https://sheilasacks.blogspot.com/2010/04/o-guardiao-dos-manuscritos-sagrados.html



3

Os órfãos da Inquisição

https://sheilasacks.blogspot.com/2026/09/os-orfaos-da-inquisicao.html



4

Um sentido para a vida – Revisitando Viktor Frankl

https://sheilasacks.blogspot.com/2025/03/um-sentido-para-vida-revisitando-viktor.html



5

A face judaica-templária da Maçonaria

https://sheilasacks.blogspot.com/2017/08/a-face-judaica-templaria-da-maconaria.html



6

A identidade oculta de Cristóvão Colombo

https://sheilasacks.blogspot.com/2021/05/a-identidade-oculta-de-cristovao.html

Acesse:
https://sheilasacks.blogspot.com/

Novos olhares para um mundo em constante transformação.



Sheila Sacks

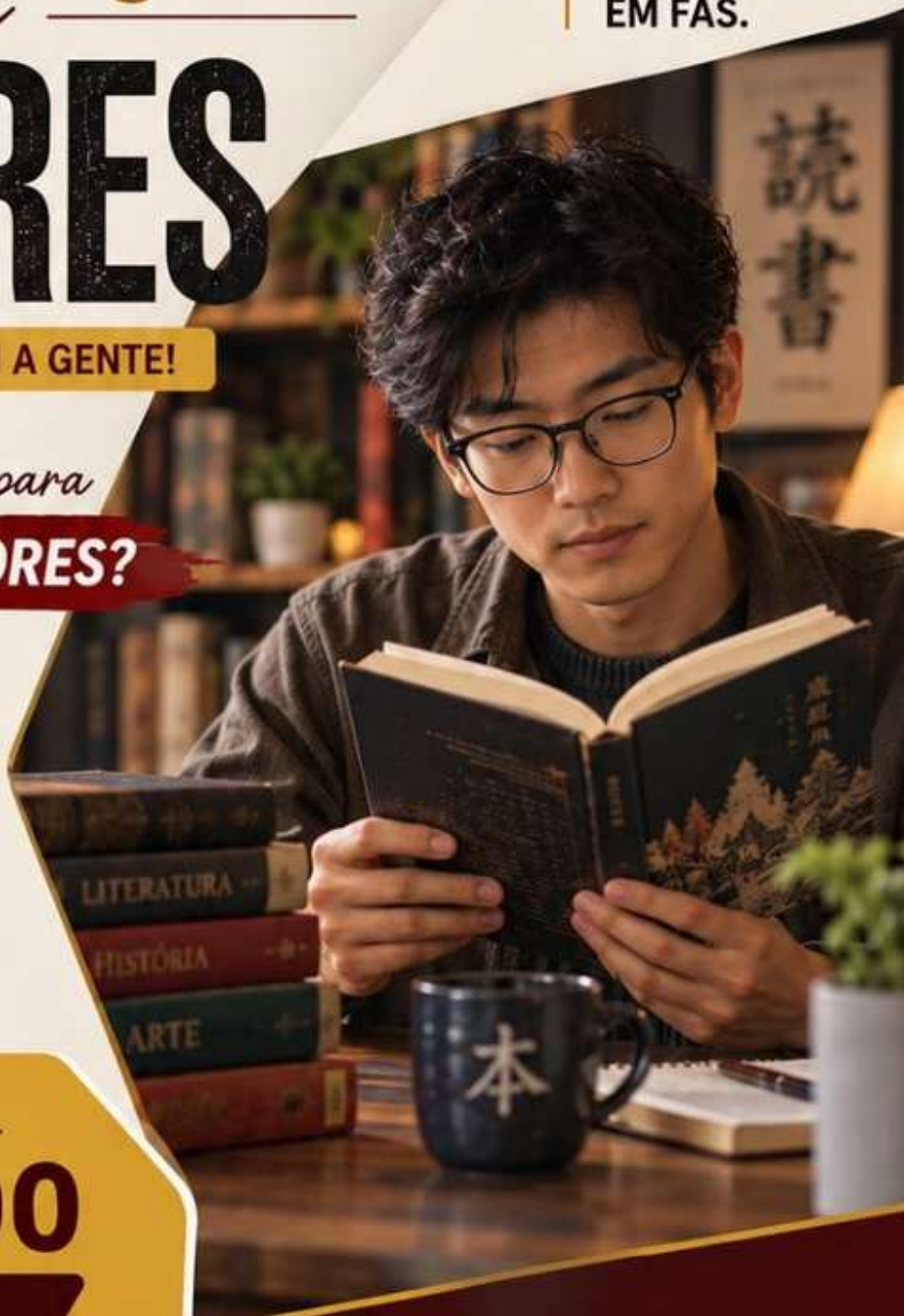
Sheila Sacks é jornalista com artigos publicados no Observatório da Imprensa, Correio do Brasil, Revista Rio Total e outras plataformas digitais.

HISTÓRIA CIÊNCIA SOCIEDADE CULTURA MEIO AMBIENTE TECNOLOGIA

Crédito das imagens: Arquivo pessoal de Sheila Sacks.

PACOTE DE DIVULGAÇÃO *para* AUTORES

PALAVRAS INSPIRAM. DIVULGAÇÃO TRANSFORMA LEITORES EM FÃS.



PROMOVA O SEU LIVRO COM A GENTE!

Quer divulgar seu livro para

MILHARES DE LEITORES?

- AUMENTE SUA VISIBILIDADE
- PROMOVA SEU LIVRO
- CONQUISTE NOVOS LEITORES

PACOTE DE DIVULGAÇÃO
POR APENAS

R$ 180,00

ENTRE EM CONTATO

CLIQUE AQUI

“UM BOM LIVRO MERECE SER LIDO. *E divulgado!*

FALE CONOSCO
E-MAIL:
ademir@divulgalivros.org
SITE:
revistaconexaoliteratura.com.br

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

IDEIAS
TEMPO
CIÊNCIA
HUMANIDADE
NOVOS MUNDOS

O FUTURO
TAMBÉM
É FEITO DE
HISTÓRIAS

ESTAÇÃO FUTURO

CONTOS QUE ATRAVESSAM O TEMPO

NOVAS
HISTÓRIAS
PARA UM
NOVO
AMANHÃ

A DÉCIMA PRAGA

Sheila Sacks



Publicado originalmente na antologia
Contos e Poemas sobre o Futuro – Vol. VIII

Leia a antologia:

https://fabricadeebooks.com.br/contosepoemassobreofuturo8.pdf

"Imaginar o futuro
é também reinventar
o presente."

HISTÓRIAS
QUE PLANTAM
NOVOS AMANHÃS

REVISTA CONEXÃO LITERATURA
LITERATURA SEM FRONTEIRAS

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

ESTAÇÃO FUTURO

CONTOS QUE ATRAVESSAM O TEMPO

CIÊNCIA
HUMANIDADE
TEMPO
IDEIAS
NOVOS MUNDOS

ALGUMAS RESPOSTAS EXIGEM UM FUTURO MAIS LONGE

A DÉCIMA PRAGA

Por Sheila Sacks

Izar consulta o relógio que emite vibrações de emergência vindas da nave-laboratório. Percebe que o início da madrugada está atrasado e as luzes noturnas permanecem acesas contrariando os protocolos. Há uma década o tenente Izar cumpre as tarefas que seu posto exige como exterminador de vírus mortais.

Ele é a quinquagésima geração da espécie, significando que os pelotões anteriores foram extintos. No final do século 21 e nas primeiras décadas do século 22, uma sucessão de doenças infecciosas reduziu para um terço a população da terra e as cidades a céu aberto tiveram de ser substituídas por conglomerados abrigados sob imensas redomas de vidro blindado.

De compleição franzina, Izar se esforçou mais que a maioria dos meninos de sua idade para ganhar massa muscular e entrar nos padrões exigidos. Pelo regulamento das cidades caberia ao primogênito a missão de proteger o planeta das pandemias fatais. Ao nascer foi levado à nave-mãe e integrado à corporação, a quem caberia prover a família de toda a assistência.

Era a segunda visita à nave-laboratório. Na primeira vez, após uma bateria de exames, os supervisores encontraram alterações relevantes em seu organismo face ao exaustivo combate aos gafanhotos agigantados pelo vírus. Em tempos anteriores, peixes infectados tingiram os rios de sangue e cães, gatos e rãs sucumbiram contaminados. De alguma forma houve um contágio e era preciso fazer a correção. Foi o primeiro contato de Izar com o soro produzido com o sangue transmutado de uma serpente marinha descoberta nas profundezas de uma caverna oceânica.

Durante horas o líquido verde limpou suas veias e artérias enquanto o uniforme era incinerado. A quarentena exigiu um tempo de observação no interior da nave. Izar então percebeu um tom levemente esverdeado manchando as suas pernas. Uma semana depois, a cor havia se consolidado até a cintura.

O retorno à nave-laboratório já era esperado. Há algum tempo ele vinha sentindo dores de cabeça e dormência nas mãos.
– Bem vindo Izar – cumprimentou o supervisor.
– Faremos o procedimento e ficará em observação.

"O desconhecido sempre encontra uma forma de nos testar."

LITERATURA TAMBÉM PROJETA O AMANHÃ

PANDEMIAS
TERRITÓRIOS
SOBREVIVÊNCIA
HUMANIDADE
O AMANHÃ

REVISTA CONEXÃO LITERATURA
HISTÓRIAS HOJE, OUTROS AMANHÃS



Uma semana depois ele pôde observar o efeito do soro. Dessa vez o tom esverdeado atingiu o peito, braços e pescoço. Para o seu desconforto, pequenas erupções parecendo escamas começaram a brotar a partir dos pés. Ao dormir o sono tornou-se agitado. Uma noite um som agudo de sirene o despertou. Sobressaltado pulou da cama. – Temos uma missão Izar – falou o supervisor abrindo a porta. – Me acompanhe.

No salão oval da nave-comando os Mestres com suas roupas negras rodeavam a mesa de reuniões. No telão as imagens exibiam um sol encoberto por uma monumental massa de detritos de origem desconhecida. – A Terra está às escuras – informou um dos Mestres que parecia ser o mais graduado. – Acionamos as luzes solares nas cidades. Uma emergência por poucos dias – define.

As instruções foram ouvidas com atenção. Izar e mais dois companheiros seriam transportados até aos primórdios do século 21, antes da humanidade ser infectada pelo vírus sars-cov-2. De imediato iriam escanear as características básicas do sol e tentar reconstituir os elementos de força do astro. – A diminuição da potência do sol é um alerta que não podemos ignorar – reforçou o Mestre do lado esquerdo da mesa.

De volta à cabine, um dos companheiros parecia agitado. Logo faz uma revelação abrupta. – Depois das trevas virá a morte dos primogênitos. Respira fundo antes de continuar. – A escuridão planetária está classificada como a nona das dez pragas milenares nos vaticínios do Mestre dos Oráculos.

Izar ouve calado. O Mestre dos Oráculos era a mais recente e poderosa geração de Inteligência Artificial. Descrita como capaz de moldar o futuro e mudar o passado. Observa que os dois homens se afastam e conversam em voz baixa. Mais uma vez Izar é arrastado para o recorrente sentimento de que o planeta caminha para o abismo. Desde a segunda transfusão ele tem pesadelos com sua aparência e questiona intimamente a própria condição humana.

****

O sol ainda brilha intenso quando Izar sobe à superfície do lago. Os últimos dias tinham sido inquietantes em seus preparativos. Ele e os dois companheiros embarcaram na nave ajustada por sensores ligados ao Mestre dos Oráculos. A chegada à caverna foi tranquila. Ao descerem da nave escalaram a pequena colina e se extasiaram com o cenário. O céu azul, as pequenas nuvens parecendo flocos de neve, a brisa ondulando as copas das árvores e o sol luxuriante iluminando a terra.



"O passado também guarda respostas para o futuro."

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

ESTAÇÃO FUTURO

CONTOS QUE ATRAVESSAM O TEMPO

LITERATURA
CIÊNCIA
HUMANIDADE
NOVOS MUNDOS
OUTROS TEMPOS

O PRESENTE
É APENAS
UMA PARADA

Logo iniciam o trabalho com os sofisticados instrumentos. Depois de uma série de testes escolhem o padrão mais ajustável e enviam. Alguns minutos depois, do outro lado do tempo, vem a esperada resposta. Exultantes se abraçam. – Missão cumprida. Hora de retornar – conclama o mais jovem, fechando a maleta. Cuidadoso, Izar espera os companheiros iniciarem o retorno à caverna. Em seguida, arranca o rastreador da roupa, dá meia volta e corre em direção ao lago. Um verdejante bosque o ajuda a se manter escondido até o anoitecer.

Sentindo-se a salvo mergulha no lago e para seu espanto a água está morna e cristalina. Uma sensação de bem estar invade seu corpo e Izar percebe que pode respirar normalmente sem precisar subir à superfície. Observa os peixes e os outros animais da fauna aquática c[illegible]elocomovem ignorando a sua presença. Vai descendo até o fundo do lago e retira as últimas peças de roupa. Sente fome e ingere alguns moluscos e plantas. Por horas se mantém extasiado com a beleza das cores, o silêncio e a magia de deslizar pela fluidez das águas.

Na manhã seguinte, da superfície acompanha encantado o nascer do sol e sua trajetória até o início do entardecer. O céu se pinta de tons róseos e Izar decide sair do lago e andar pela trilha margeada por ciprestes. Repentinamente, gritos vindos de uma várzea onde famílias acampavam o deixam sobressaltado. – Santa Maria mãe de Deus! É o monstro do lago! Chegam aqui, depressa! – berra a mulher, em cadência. Um homem e duas crianças saem do trailer procurando ao redor. – No meio do lago! – aponta a mulher.

Izar submerge assustado e espera a noite para voltar à superfície. Quando vagarosamente eleva a cabeça da água uma lua redonda e branca parece centralizada sobre o lago. Olha os arredores e a quietude é visível, apenas ouve um vago farfalhar de folhagens e sons distantes de animais noturnos.

Ao sair da água ele sente as pernas travadas. A lua projeta a estranha imagem de um ser híbrido. A cabeça pequena e achatada sobre um corpo de réptil, meio serpente, meio lagarto. Rasteja pelo chão e desiste. Sua pele está áspera, de um verde escuro rajado, e escamas haviam tomado todo o corpo.

"Entre o que fomos
e o que seremos, há sempre
um território de descobertas."

MAIS
QUE CONTOS
VIAGENS
PELO TEMPO
E PELA
HUMANIDADE

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

HISTÓRIAS
IDEIAS
CIÊNCIA
HUMANIDADE
NOVOS MUNDOS

ESTAÇÃO FUTURO

CONTOS QUE ATRAVESSAM O TEMPO

Com a chegada do outono Izar vê as famílias deixarem o acampamento. No inverno, com o lago congelado, ele se recolhe às águas profundas. De estação em estação sente a consciência humana se dissipando. Breve, tudo que outrora importava cairá no esquecimento. O fundo do lago é a sua casa e a curiosidade em relação às pessoas está findando. Ao contrário do instinto de sobrevivência, cada vez mais pulsante.

A poucos passos da inconsciência infinita, Izar, a serpente do lago, vive em total consonância com a natureza do universo insondável. Um universo igualmente indomável, capaz de ignorar a ciência, mudar perspectivas e inverter sonhos. Os dois companheiros de Izar, perdidos em uma galáxia obscura, a bilhões de quilômetros-luz, lutam para sobreviver enquanto aguardam o prometido resgate que provavelmente não virá.

Incansáveis, os cientistas processam os dados guiados pelo Mestre dos Oráculos. Tentativas se sucedem, mas o sol permanece oculto e a décima praga paira impossível e ameaçadora. À espera da salvação, o planeta Terra enfrenta a escuridão, o medo e a despermança. Na casa de orações, porém, a prece dos justos já ecoa nos ouvidos divinos e o destino do mundo parece traçado. – Que assim seja – agradece o ancião, em júbilo, ao ver os nascentes raios de sol iluminarem os vitrais do templo. Enfraquecido pelo árduo jejum, auxiliares o ajudam a dar os primeiros passos.

Agora assemelhado a um emaranhado lixo estelar, os Mestres acompanham na nave-comando o desconhecido material se desintegrar no espaço. Pouco a pouco, como se recuperasse de uma intensa batalha, o sol volta a brilhar com a pujança de antes. Na beira do lago, com os chips introduzidos em seus órgãos, Izar se estira no solo úmido, radiante com o frescor da manhã. Como de hábito espera o sol galgar a colina e se fixar no firmamento para encobri-lo de luz e calor. É a hora das imagens e mensagens alcançarem o futuro. A missão Izar, segundo o relatório criptografado do Mestre dos Oráculos, transcorreu conforme o planejado e vai prosseguir com novas ações.

"Mesmo nas maiores trevas,
há sempre a possibilidade
de um novo amanhecer."



Leia a antologia:

https://fabricadeebooks.com.br/contosepoemassobreofuturo8.pdf



Sheila Sacks

Sheila Sacks é jornalista no RJ.

LITERATURA
EXPANDE
CONSCIÊNCIAS
ATRAVESSA
GERAÇÕES



O Tempo *Escreve* em Nós

AUTOR: A CARLOS MISAWA

Há quem diga que o tempo passa. Hoje penso diferente. O tempo não passa simplesmente por nós. Ele fica. Às vezes numa lembrança que chega sem avisar, no perfume que devolve alguém à nossa presença, numa fotografia antiga, numa música que ainda sabe exatamente onde tocar. Fica também no olhar, na maneira de amar, nas escolhas que fazemos e até nos silêncios que aprendemos a respeitar.

Quando era mais jovem, acreditava que a vida se media pelas conquistas. Havia sempre um próximo lugar a alcançar, alguma batalha a vencer, um sonho esperando adiante. A felicidade parecia morar no futuro. Os anos foram me ensinando que não. Muitas vezes ela estava ali, e eu não percebia: no café ainda quente sobre a mesa, numa conversa sem hora para terminar, no abraço de quem amava, num fim de tarde qualquer que, sem saber, um dia se tornaria saudade.

Amadurecer talvez seja descobrir essas coisas um pouco tarde, mas ainda a tempo.

A vida vai retirando de nós algumas certezas. Mostra que nem tudo acontece como planejamos, que pessoas partem, caminhos se separam e sonhos também mudam de endereço. Com o tempo, deixamos de perguntar por que certas coisas aconteceram e começamos a perguntar o que elas vieram nos ensinar. Nem sempre encontramos resposta. E tudo bem. Há perguntas que não pedem explicação, apenas um lugar sereno dentro de nós.

Os amores também deixam sua escrita.

Alguns permanecem por muitos anos. Outros chegam por uma estação e partem antes que estejamos preparados. Há aqueles que continuam conosco apenas na memória, mas ainda são capazes de despertar um sorriso quando alguma lembrança atravessa o dia. Aprendi que o amor verdadeiro não precisa permanecer da mesma forma para continuar existindo. Às vezes vira saudade. Outras vezes, gratidão. Em certos dias, torna-se apenas uma oração silenciosa por alguém que já não caminha ao nosso lado.

Talvez por isso a saudade seja tão humana. Ela dói porque houve amor. E, quando compreendemos isso, até a ausência ganha certa ternura.



As dores também escreveram em mim. Algumas deixaram marcas profundas. Houve momentos em que pensei que determinadas perdas jamais encontrariam lugar dentro do coração. Mas a vida tem maneiras estranhas de nos reconstruir. Não devolve aquilo que perdemos. Faz outra coisa: ensina-nos a continuar mesmo carregando a falta.

Foi assim que compreendi que recomeçar não é voltar ao início. Ninguêm volta igual depois de uma tempestade.

A árvore que atravessa o inverno floresce novamente, mas guarda em seus galhos a memória do frio. Nós também. Carregamos cicatrizes que ninguém vê, despedidas que nunca contamos e batalhas conhecidas apenas por nós. Ainda assim, amanhecemos. Fazemos café. Abrimos a janela. Voltamos a acreditar. Talvez seja essa uma das formas mais bonitas de coragem.

Com os anos, passei a desejar menos coisas extraordinárias e a reconhecer melhor o extraordinário escondido nas coisas simples. Uma mesa cercada por pessoas queridas. Uma mão segurando outra. A alegria dos filhos. Um livro aberto. A chuva chegando depois de um dia quente. Alguém dizendo “lembrei de você”. Pequenos acontecimentos que não recebem aplausos, mas sustentam uma vida inteira.

Escrever nasceu, para mim, desse desejo de guardar um pouco de tudo isso.

Nunca foi apenas juntar palavras. Escrever é tentar salvar do esquecimento aquilo que o coração considera precioso. É conversar com quem fui, compreender quem sou e deixar alguma coisa para quem virá depois de mim. Em cada página há um pouco dos meus caminhos, das pessoas que encontrei, dos amores que vivi, das quedas que me ensinaram a levantar e das esperanças que se recusaram a morrer.

Por isso acredito que um livro nunca pertence somente a quem o escreveu. Depois de publicado, ele segue sozinho. Entra em casas desconhecidas, repousa sobre outras mesas, acompanha noites silenciosas e encontra pessoas que talvez estejam vivendo exatamente aquilo que um dia sentimos. Nesse instante, duas histórias que jamais se conheceriam se encontram através de uma palavra.

E então a literatura cumpre uma de suas mais belas missões: permanecer.

Hoje já não gostaria de voltar no tempo para mudar meus caminhos. Corrigiria algumas palavras, abraçaria certas pessoas por mais alguns segundos, talvez tivesse dito mais vezes o quanto amava. Mas não apagaria as cicatrizes. Elas também me trouxeram até aqui.



Aprendi que viver não é sair ileso. É sair transformado.

No fim, pouco importará quantas coisas acumulamos ou quantos lugares alcançamos. Ficará a maneira como tratamos as pessoas quando ninguém estava olhando. Ficará o amor que oferecemos, o perdão que tivemos coragem de conceder, as mãos que seguramos quando alguém quase desistiu. Ficarão os filhos, os amigos, os leitores, as histórias compartilhadas e alguma lembrança nossa surgindo inesperadamente no coração de alguém.

Talvez esse seja o verdadeiro legado.

O tempo escreve em nós todos os dias. Escreve com encontros e despedidas, alegrias e perdas, erros, afetos, sonhos e recomeços. Mas também nos entrega a possibilidade de escrever na vida dos outros.

E, quando chegar o dia em que nossas mãos já não puderem escrever mais nenhuma palavra, talvez ainda permaneça alguma coisa de nós por aí: um gesto lembrado, uma frase sublinhada num livro, um conselho, uma história, uma fotografia, uma saudade boa.

Ou simplesmente o amor que tivemos coragem de deixar pelo caminho.

Porque o tempo leva muita coisa. Mas aquilo que foi vivido com verdade e oferecido com amor sempre encontra um jeito de ficar.



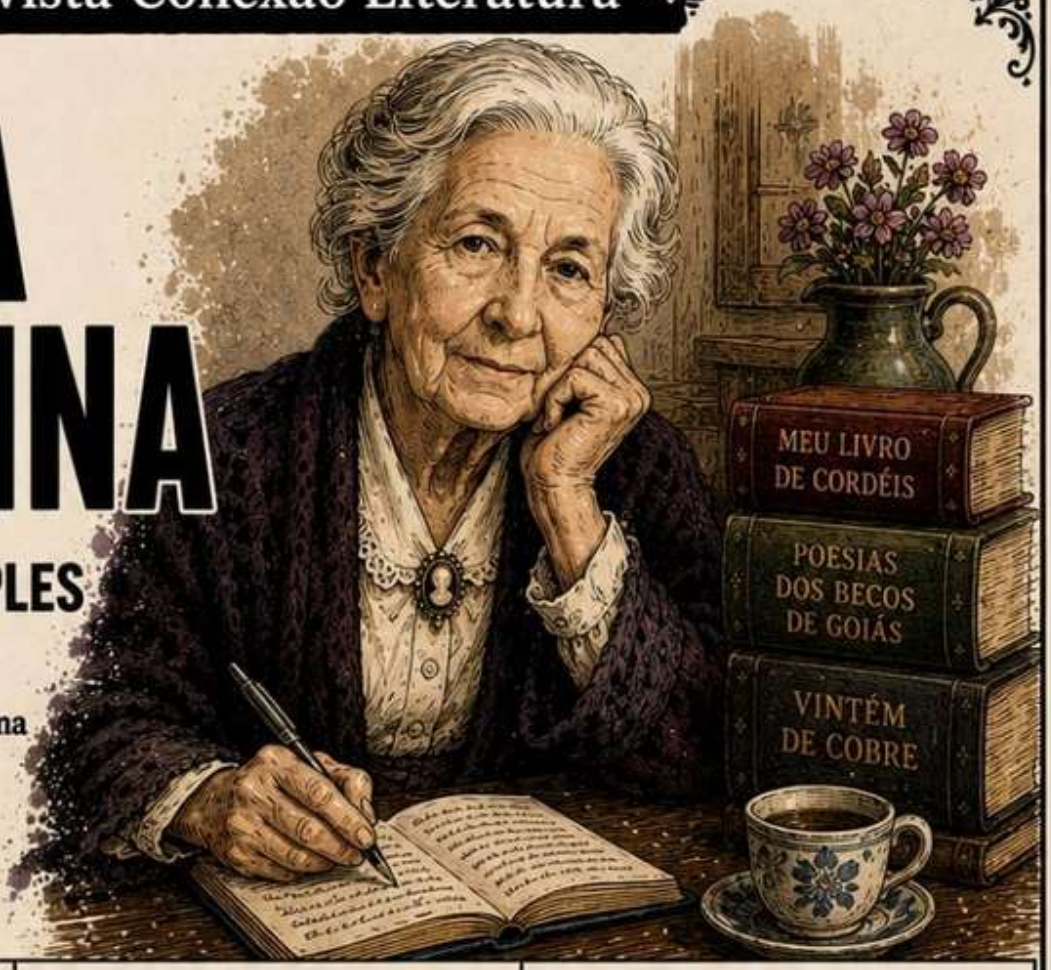
A **Carlos Misawa** é escritor, empreendedor e manager, apaixonado pela alma humana e seus mistérios. Natural de São Paulo, dedica-se a traduzir, em palavras sensíveis e profundas, a complexidade da vida. Autor de vários livros dentre os principais: *Mentes do Sucesso, Ação & Reação* e *Eternamente*, une literatura inspiracional e desenvolvimento pessoal.

Formado em Odontologia e em Gestão e Desenvolvimento Humano, coordena a MISAWA Odontologia & Saúde e a TSUYO Consultorias Empresariais. Recebeu reconhecimentos como a Comenda Literária Pablo Neruda, o Prêmio Quality Brasil, o Prêmio Internacional de Letras, Troféu Machado de Assis e o Prêmio Mário de Andrade de Imortalidade Literária dentre outros. Participa de mais de 45 antologias nacionais e internacionais.
Acompanhe em **@acarlosmisawa**

CORA CORALINA

A POETISA DO SIMPLES E DO ETERNO

Cora Coralina (1889–1985) foi uma das maiores vozes da literatura brasileira, com poesia marcada pela simplicidade, sabedoria e amor à vida.



NASCEU EM CIDADE DE GOIÁS, EM 20 DE AGOSTO DE 1889.



TEVE UMA VIDA SIMPLES, DEDICADA À FAMÍLIA E À FÉ.



SUA POESIA CELEBRA O COTIDIANO, A NATUREZA E AS COISAS PEQUENAS.



ESCREVEU CONTOS, CRÔNICAS E POEMAS INESQUECÍVEIS.



SUAS PALAVRAS TÊM O SABOR DA TERRA E O CALOR DO POVO.



PUBLICOU SEU PRIMEIRO LIVRO AOS 75 ANOS DE IDADE.



FALECEU EM GOIÁS, NO DIA 10 DE ABRIL DE 1985, AOS 95 ANOS.



> “FELIZ AQUELE QUE TRANSFERE O QUE SABE E APRENDE O QUE ENSINA.”
>
> — CORA CORALINA

CORA CORALINA É SÍMBOLO DE SABEDORIA, RESISTÊNCIA E AMOR À VIDA.

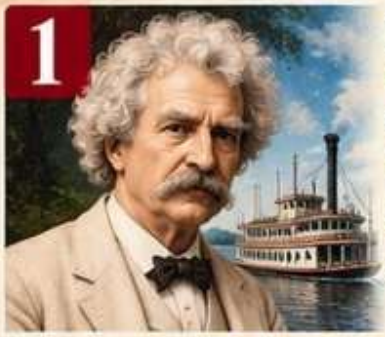


"A literatura nos permite viver muitas vidas dentro da mesma."

10 CURIOSIDADES REAIS SOBRE GRANDES AUTORES E LIVROS

"Escrever é também uma forma de descobrir o mundo."

1 MARK TWAIN PREVIU A PRÓPRIA MORTE.



Em 1909, Mark Twain teria dito que morreria junto com o cometa Halley. Ele nasceu em 1835, no ano da passagem do cometa, e realmente faleceu em 1910, poucos dias após sua nova aparição.

2 JANE AUSTEN PUBLICOU ANONIMAMENTE.



Todos os romances de Jane Austen foram publicados sem seu nome, apenas como "A Lady". Ela preferia o anonimato e evitava a exposição pública, algo incomum para mulheres da época.

3 J.R.R. TOLKIEN INVENTOU LÍNGUAS REAIS.



Tolkien não apenas escreveu *O Senhor dos Anéis*, mas também criou línguas completas, como quenya e sindarin, com gramáticas e vocabulários próprios, que usava em cartas e anotações pessoais.

4 CHARLES DICKENS AJUDOU NA LEI DO TRABALHO INFANTIL.



As duras descrições da vida de crianças em obras como *Oliver Twist* contribuíram para sensibilizar a sociedade inglesa e influenciaram mudanças nas leis de proteção ao trabalho infantil.

5 GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ ESCREVIA DE MANEIRA DISCIPLINADA.



Márquez costumava escrever todas as manhãs, das 8h às 12h, em total isolamento. Ele dizia que a disciplina era essencial, mesmo para alimentar a imaginação.

6 FRANZ KAFKA PEDIU PARA QUEIMAREM SEUS ESCRITOS.



Kafka deixou instruções para que seus manuscritos fossem destruídos após sua morte. Felizmente, seu amigo Max Brod não obedeceu à ordem, e hoje suas obras são consideradas fundamentais na literatura mundial.

7 ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY SE INSPIROU EM EXPERIÊNCIAS REAIS.



O Pequeno Príncipe nasceu das experiências do autor como piloto de avião. As reflexões sobre amizade, solidão e humanidade foram inspiradas em suas viagens e em sua visão do mundo a partir do céu.

8 VIRGINIA WOOLF EXPLOROU O FLUXO DE CONSCIÊNCIA.



Woolf foi uma das pioneiras no uso da técnica do fluxo de consciência, que retrata os pensamentos de forma contínua, como no romance *Mrs Dalloway* (1925). Essa inovação influenciou toda a literatura moderna.

9 FIÓDOR DOSTOIÉVSKI ESCREVIA SOB PRESSÃO.



Dostoiévski frequentemente escrevia contra o tempo para cumprir prazos e pagar dívidas de jogo. Mesmo assim, produziu obras profundas como *Crime e Castigo* e *Os Irmãos Karamázov*.

10 LEWIS CARROLL CRIOU ALICE PARA UMA MENINA REAL.



A história de Alice *no País das Maravilhas* foi inspirada em Alice Liddell, uma menina que o autor conheceu e de quem era amigo. O nome da protagonista é uma homenagem a ela.

Revista Conexão Literatura

LIVROS • AUTORES • GRANDES DESCOBERTAS

ESPECIAL · DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

QUAL A COR DA *NOSSA* CONSCIÊNCIA?

Por Potiara Cremonese



A abolição da escravatura no Brasil aconteceu no ano de 1888. Desde então, trava-se uma batalha contra o racismo e pela inclusão e valorização da população negra na sociedade. Apesar de muitos esforços, infelizmente, ainda estamos longe de vivermos em um lugar onde o racismo não aconteça. Pior: ele parece estar cada dia mais presente. No nosso dia a dia, nos noticiários e, principalmente, nas redes sociais, podemos perceber situações de preconceito e discriminação racial.

O Brasil foi um dos últimos países das Américas a abolir a escravidão, há pouco mais de 130 anos. Ainda assim, o racismo parece fazer parte da cultura do país. País este onde mais da metade da população se declara preta ou parda.

Em meio a essa luta contra o racismo e a favor da igualdade racial, surgiu, na década de 1970, o Dia da Consciência Negra. Celebrado em 20 de novembro, esse dia foi escolhido por lembrar a morte de Zumbi dos Palmares, grande líder que lutou pela liberdade de seu povo e contra a escravidão.

Essa data surgiu da luta de movimentos sociais pela igualdade racial e traz debates não apenas sobre racismo, mas também sobre discriminação, igualdade social e a importância da cultura trazida pelos negros, além de sua contribuição fundamental para a construção da sociedade brasileira.

Mas por que, em pleno século XXI, continuamos a vivenciar situações de preconceito e discriminação racial?

A não ser que eu esteja muito enganada, o ser humano não nasce racista. As crianças não conhecem o racismo e não praticam discriminação até que isso lhes seja apresentado.





Cultural ou estrutural, essa prática sobrevive porque ainda há, na sociedade, pessoas que se valem do poder econômico, da classe social e, claro, da cor da pele para se sentirem superiores aos negros, contaminando seus filhos, a escola e a sociedade onde vivem. Isso é a disseminação do racismo, que continua presente em diferentes espaços da sociedade.

Não existe nada de errado em ser quem ele é; errados estão aqueles que o discriminam.

O termo Consciência Negra surge não apenas para a reflexão da sociedade sobre uma série de atitudes que parecem querer afastar, ao invés de incluir, a população negra em diversos segmentos, mas principalmente para que o negro, em si, tenha consciência do seu valor como pessoa. Não existe nada de errado em ser quem ele é; errados estão aqueles que o discriminam.

Quando as pessoas que sofrem esse ou qualquer outro tipo de preconceito se conscientizam de que podem ser o que quiserem, estar onde quiserem e fazer o que quiserem, compreendendo que a cor da sua pele não é motivo para desistir de lutar por seus objetivos e ocupar o seu lugar, seja ele onde for, aí nasce o empoderamento.

Essa autonomia adquirida é que vai fazer com que mais e mais pessoas resistam a condições de desigualdade, injustiça e desvalorização por conta da sua cor.

Ainda temos um longo caminho a percorrer. Embora tudo indique que estejamos vivendo o que parece ser um retrocesso, seja cultural, social ou, infelizmente, na educação, tornando ainda mais difícil a caminhada, é preciso seguir.

Vivemos em uma sociedade cada vez menos empática, que parece não se incomodar com o fato de não vermos mais negros ocupando cargos ou funções na política, na educação, na medicina ou em qualquer área de trabalho. Muitas vezes, isso acontece, sim, por discriminação, por serem julgados incapazes de exercer determinada profissão simplesmente por serem pretos.

A discriminação se torna ainda mais gritante quando surge a política de cotas raciais para o ingresso de negros nas universidades. Alegando ser um desrespeito ao mérito, parte da sociedade é explicitamente contra a política de cotas. O que muitas vezes acontece, na verdade, é a resistência à necessidade de combater privilégios criados e mantidos por meio das desigualdades históricas, decorrentes de barreiras impostas por uma sociedade escravista e racista, que durante muito tempo impediu os negros de frequentarem espaços destinados apenas às pessoas brancas, incluindo as universidades.

As políticas de cotas causaram incômodo e continuam causando, dividindo opiniões e trazendo à tona um dos problemas históricos mais profundos da formação social brasileira.

Ela compreende uma forma de reparação histórica, justiça social e igualdade de oportunidades.

Ao final da escravidão, periodo ainda relativamente recente na história do Brasil, os negros passaram a ser trabalhadores livres e assalariados, mas foram, ao mesmo tempo, excluídos de condições de igualdade em relação aos demais trabalhadores. O negro foi colocado em um lugar de marginalidade, situação que persiste, de diferentes formas, até os dias de hoje.

A importância das políticas de cotas para negros nas universidades vai muito além da obtenção de um diploma. Ela compreende uma forma de reparação histórica, justiça social e igualdade de oportunidades. O que pode parecer um processo desigual para alguns é necessário para outros como forma de garantir o acesso a espaços e serviços públicos dos quais, durante muito tempo, foram excluídos.

O ato de separar, diferenciar ou excluir pessoas de ambientes por conta de sua cor é uma forma de pura discriminação, que muitas vezes é exercida por meio de palavras, discursos de ódio e perseguições descabidas e revoltantes, que acontecem inclusive em ambientes que deveriam ser acolhedores, como as escolas.

São perseguidos ao entrarem em supermercados, shoppings ou locais tidos pela sociedade como não sendo para eles.



Fico me perguntando: como uma mãe branca se sentiria ao ter que instruir seus filhos sobre como se comportar para não serem barrados por estarem com uma mochila nas costas, com um tênis de marca, bem vestidos ou até mesmo por serem bem-educados, quando, na verdade, sabe-se que o que incomoda é a cor da pele?

Só quem passa por isso sabe a mistura de sentimentos gerados por situações como essas.

A visão europeia do século XIX defendia que pessoas brancas seriam mais capazes e inteligentes do que os negros e, por isso, deveriam ocupar uma posição dominante em relação ao desenvolvimento e à prosperidade. Essas ideias contribuíram para a construção e a legitimação de teorias racistas que marcaram profundamente a sociedade.

No Brasil, a abolição tardia, depois de uma longa história de escravidão, não foi acompanhada de políticas suficientes para inserir os libertos no mercado de trabalho, na educação e em outras áreas fundamentais da sociedade. Isso configurou um cenário de marginalização desses indivíduos, cujos efeitos ainda podem ser percebidos atualmente.

O 20 de novembro foi instituído como feriado nacional em 2023, passando a valer em todo o país a partir de 2024. A data marca oficialmente a luta e a importância cultural da população negra em nosso país. O Dia da Consciência Negra é também uma oportunidade de homenagear aqueles que lutaram pela liberdade de seu povo e de refletir sobre os desafios que ainda precisam ser enfrentados.

A população negra é uma das que mais sofre com a violência, com a falta de empregos e renda, com a falta de oportunidades e com as dificuldades de colocação no mercado de trabalho. O racismo é uma questão social e deve ser visto com outros olhos. Poder público e sociedade precisam trabalhar juntos para combatê-lo.

Família e escola devem ser fontes de uma educação que preze pela igualdade, para que as ações do presente sejam capazes de mudar o futuro.

> ***"Não precisa ser negro para lutar contra o racismo, só precisa ser humano."***

Sobre a autora

Resido em Santa Cruz do Sul – RS, sou casada, tenho uma filha e uma neta. Sou funcionária pública municipal. Escrevo desde a pandemia. Tenho 75 artigos publicados no jornal da cidade, um livro publicado em 2024, participei de mais de 40 antologias, com crônicas e poemas. Gosto de escrever sobre o cotidiano, abordando assuntos diversos e atuais. Em junho de 2025 criei a primeira biblioteca comunitária na comunidade onde moro. Acredito na leitura como fonte de transformação e na escrita como libertação.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

TERROR - PESADELOS E ASSOMBRAÇÕES

VOL. 3

E-BOOK



saiba mais: clique aqui

SONETO:

"AGREGADO INFELIZ DE SANGUE E CAL"



Ao meu primeiro filho nascido morto com 7 meses incompletos, 2 de fevereiro 1911.

Agregado infeliz de sangue e cal,
Fruto rubro de carne agonizante,
Filho da grande força fecundante
De minha brônzea trama neuronial,

Que poder embriológico fatal
Destruiu, com a sinergia de um gigante,
Em tua *morfogênese* de infante
A minha *morfogênese* ancestral?!

Porção de minha plásmica substância,
Em que lugar irás passar a infância,
Tragicamente anônimo, a feder?!...

Ah! Possas tu dormir feto esquecido,
Panteisticamente dissolvido
Na *noumenalidade* do NÃO SER!

Augusto dos Anjos

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

POR MAX MOREIRA

Na primeira estrofe, o eu lírico faz uma descrição de sua "prole" e se refere a ele como um "agregado infeliz de sangue e cal", ou seja, um aglomerado composto de sangue e cal; que é infeliz. A princípio, "infeliz" diz-se da pessoa que não é ou não está feliz; no entanto, "infeliz" pode remeter a "funesto" ou "agourento". Na sequência do poema temos: "Fruto rubro de carne agonizante". Literalmente, podemos entender assim: resultado vermelho de carne que agoniza.

Mas podemos ampliar isso com a seguinte interpretação: resultado de carne que está em decadência, e o rubro remete a sangue, a vida. Continuando, temos: "filho da grande força fecundante". Ele fala que esse "fruto rubro" é filho da 'grande' força capaz de transformar em embrião um óvulo, possibilitando a geração de um ser. Depois, temos: "De minha brônzea trama neuronial". Inicialmente, "brônzeo" é algo feito de

bronze ou que possui suas características, mas, no sentido figurado, quer dizer algo firme nas convicções ou na vontade. Já "trama neuronial" pode ser entendida como conjunto de neurônios. Desta forma, podemos parafrasear o último verso da primeira estrofe assim: "De minha convicta trama (conjunto) de neurônios".

Na segunda estrofe, o eu lírico indaga afirmativamente a causa da destruição do "filho". Inicialmente, ele diz: "Que poder embriológico fatal / destruiu, com a sinergia de um gigante". Sinergia quer dizer "esforço conjunto de vários órgãos para a realização de determinada função". Isso pode remeter ao esforço que o feto faz ao nascer, para respirar, por exemplo. Então, podemos interpretar os dois primeiros versos da segunda estrofe desta maneira: qual poder mortal destruiu com o mesmo esforço sinérgico de um gigante? Na sequência, descobrimos o que esse poder destruiu. Veja: "Em tua *morfogênese* de infante / A minha *morfogênese* ancestral?!". A palavra "morfogênese" vem de *morfo*, que quer dizer *forma*, e de *gênese*, que quer dizer *origem, formação, constituição*. "Infante" é alguém na infância. Então, partindo do ponto de vista de Augusto dos Anjos, o verso em questão pode ser parafraseado assim: em tua constituição da forma pueril; a minha constituição da forma ancestral. Resumindo: que poder fatal destruiu com a mesma força sinérgica de um gigante tua constituição de criança, a qual é a própria constituição ancestral do eu lírico?

Na terceira estrofe, começa assim: "Porção de minha plásmica substância". O eu lírico chama o filho de "parte de sua substância plásmica". "Plásmica" vem de "plasma", a parte líquida do sangue. O primeiro terceto continua deste modo: "Em que lugar irás passar a infância / Tragicamente anônimo, a feder?!". O eu lírico se pergunta onde o feto irá passar sua infância desgraçada e anônima, completamente desconhecido, e ainda por cima "a feder". A palavra "tragicamente" passa uma sensação extensa da tragédia.

Na quarta estrofe, temos: "Ah! Possas tu dormir feto esquecido, / Panteisticamente dissolvido / Na *noumenalidade* do NÃO SER!". "Panteisticamente" vem de Panteísmo, que é uma doutrina filosófica que identifica Deus com tudo que existe, com o universo. O eu lírico exclama dizendo que o feto possa dormir no esquecimento, dissolvido em tudo que existe, na *noumenalidade* do NÃO SER, ou seja, no reconhecimento do que não existe.

Ferreira Gullar, autor de Vida e Morte Nordestina, diz o seguinte na página 53 (1976): *Outro traço marcante do universo verbal de Augusto dos Anjos é o uso contumaz de palavras tomadas ao vocabulário*

científico e filosófico. No poema inteiro percebemos palavras do vocabulário das ciências biológicas, como, por exemplo: embriológico, sinergia, porção, plásmica, substância, dissolvido. Esse vocabulário é comum nas poesias de Augusto dos Anjos, nas quais ele utiliza esse recurso para abordar temas como a morte, a fome, a podridão e a decomposição da matéria, relacionados ao amor, ao sofrimento e à dor. GULLAR afirma na página 53 (1976) o seguinte: *A preocupação com os problemas científicos e filosóficos não é um dado eventual na obra de Augusto dos Anjos, mas um fator constitutivo dela. A terminologia que toma àquelas disciplinas é instrumento indispensável à expressão de suas inquietações e perplexidades.*

Segundo GULLAR, *em Augusto dos Anjos, para quem o cotidiano inclui a morte como fenômeno material, como putrefação, a expressão do amor e da ternura às vezes se defronta com uma realidade mais que banal, repugnante* (1976, p. 37). Ao ler o soneto "Agregado infeliz de sangue e cal", entendemos que Augusto dos Anjos, através do eu lírico, nos passa, por meio da arte, uma realidade concreta e objetiva, e essa mesma realidade é desprovida de mentiras e ilusões. GULLAR refere-se a isso dizendo que Augusto dos Anjos "desmistifica o existente". No soneto em questão, o eu lírico tenta expressar seus sentimentos em meio à desgraça, e ele consegue fazer isso sem fugir da realidade funesta, na qual não só o filho estaria sujeito à morte, mas também ele próprio. Mas como a poesia de Augusto dos Anjos consegue ser sublime por meio de objetos repugnantes? GULLAR fala a respeito disso dizendo: *É como se a poesia tivesse que descer ao mais sórdido da miséria humana para, aí, iluminá-la* (1976, p. 37).

Ao ler o soneto "Agregado infeliz de sangue e cal", percebemos uma grande mágoa que é passada mediante um discurso poético extremamente niilista, discurso este citado por GULLAR na página 35 (1976): *Com Augusto dos Anjos penetramos aquele terreno em que a poesia é um compromisso total com a existência. Não fosse assim, e seu discurso niilista não teria sido um discurso realmente* ***poético*** *e, muito menos, jamais se teria incorporado como elemento vivo à literatura brasileira.* Essa grande mágoa mencionada anteriormente, nos faz refletir que Augusto dos Anjos foi um homem desgostoso e amargurado com a vida. Talvez ele não quisesse ser assim, mas a vida, ou o destino, ou qualquer outra coisa que o leitor achar melhor ao seu ponto de vista, acabou sendo cruel e a realidade bateu para Augusto dos Anjos como uma "atmosfera negra", na qual tudo parece ser movido pela "força bruta da transformação da matéria", deixando transparecer

um enorme vazio por trás da evolução da matéria. Que sentido metafísico Augusto dos Anjos poderia extrair da morte? Nenhum ou quase nenhum. Um homem completamente niilista, ou seja, que nega a existência absoluta da realidade abstrata, principalmente, sendo que ele não poderia ver de outra forma o mundo ao seu redor. O homem vive em um mundo completamente abstrato, em volta de crenças, superstições e misticismos, mas Augusto dos Anjos simplesmente nega tudo isso, porque ele não vê razão nenhuma para acreditar nisso. Ele apenas considera o mundo concreto e objetivo, e, até certo ponto, é suficiente para Augusto dos Anjos.

BIBLIOGRAFIA

ANJOS, Augusto dos. **Eu** /organização e apresentação: Diego Gomes do Valle. – Chapecó: Ed. UFFS, [2023, p. 43]. (Coleção Literatura Brasileira: identidades em movimentos). Recurso eletrônico. Inclui bibliografia. ISBN: 978-65-5019-068-2 (PDF). 978-65-5019-069-9 (EPUB).

ANJOS, Augusto dos. 1884-1914. **Eu e outras poesias**. Augusto dos Anjos; Maria do Socorro Silva de Aragão, apresentação; Neide de Medeiros Santos, roteiro de leitura. – 1. ed. – João Pessoa: MVC editora, 2014, p.31.

ANJOS, Augusto dos. 1884-1914. **Toda Poesia** [recurso eletrônico] / Augusto dos Anjos; organização Ferreira Gullar. – 1. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2026. Recurso Digital. Formato: epub.

GULLAR, Ferreira. "Augusto dos Anjos ou Vida e morte nordestina". In: ANJOS, Augusto dos. Toda Poesia. Com estudo crítico de Ferreira Gullar. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

GULLAR, Ferreira. *Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina*. In: ANJOS, Augusto dos. *Toda a poesia; com um estudo crítico de Ferreira Gullar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

> *"É como se a poesia tivesse que descer ao mais sórdido da miséria humana para, aí, iluminá-la*
>
> FERREIRA GULLAR

Max Moreira é técnico administrativo, coautor e contista. Cursou Letras pela UFCG – PB, possui Curso Técnico em Secretaria Escolar pelo IFPB e Pós-Graduação em Gestão Pública pela Faculdade Focus. O gênero conto é o seu preferido e já participou de variadas antologias. O livro **O Baú das Histórias Encantadas** (Lura Editorial – 2026), antologia que traz um conto seu intitulado "A Crise que Nasce da Inveja", é a dica de leitura da vez sugerida pelo autor.



FRANZ KAFKA

ESCRITOR • CONTISTA • ROMANCISTA

1883 – 1924

“Um livro deve ser o machado que quebra o mar gelado dentro de nós.”

Kafka nos lembra que a **literatura** tem o poder de romper as camadas de indiferença e alcançar o que há de mais profundo em nós. Seus textos revelam o **absurdo** da existência, a **solidão** do indivíduo e os **labirintos** da alma humana, temas que continuam atuais e inquietantes.

Revista
CONEXÃO
LITERATURA

TRIBUTO A VOCÊ, MÃE
TRIBUTE TO YOU, MOTHER

Primeira parte

Hibiscus Amarelo / Yellow Hibiscus

(Sellma Batalha)

PREFÁCIO/INTRODUÇÃO

Este livro é um tributo póstumo a uma extraordinária mulher: a mãe da poetisa.
Numa série de versos e poemas, a sua jornada é narrada com despretensão.
A poetisa deu a si, neste livro, o pseudônimo Hibiscus Amarelo – "Amarelo", a cor favorita da sua mãe e "Hibiscus" a flor predileta da sua avó materna. Em alguns poemas, a poetisa denomina a si "Lua".

Como iniciar uma narrativa de toda uma vida?
Perdoem-me.
Aqui vem a poetisa que
almeja desenhar no papel,
através de curvas, cores e música,
poemas para cantar, da sua mãe, a vida -
a sua estória... desde a sua aurora.

PREFACE/INTRODUCTION

This book is a posthumous tribute to one extraordinary woman, the poet's mother.
In a series of verses and poems, her journey is humbling narrated.

The poet gave to herself in this book, the pseudonym *Yellow* Hibiscus – "yellow", her mother's favorite color; "hibiscus", her maternal grandmother's favorite flower. In some poems, the poet call herself "Moon".

How to begin a narrative of a lifetime?
Pardon me.
Here comes the poet's desire who
dreams of drawing on a paper,
through curves, color and music,
poems to sing her mother's life –
her story... since her aurora.

Poema número 1

No alvorecer do mundo,
tempo inicial.
Como se criar Vida?
Quantas transformações
supostas?
Intrincada é a Natureza!
Após inimagináveis
passagens do tempo,
transformando átomos
em complexidade...
Nada... em Totalidade.

Poem number 1

At the dawning of the world,
time zero.
How to create Life?
How many transformations,
supposed?
Intricated is Nature!
After unimaginable
passing of time,
transforming atoms
in complexity...
Nothing... in Everything.



Biografia sumária

Hibiscus amarelo/Yellow Hibiscus são os pseudônimos (em português e inglês, respectivamente) usados pela escritora Sellma Batalha, neste livro, em homenagem à sua mãe. Nesta revista, o prefácio/ introdução está resumido e alguns poemas "avulsos" serão excluídos. A autora tem lançado no seu canal, no YouTube, a sua obra, incluindo este livro.

primeira parte do livro TRIBUTO A VOCÊ, MÃE -
TRIBUTE TO YOU, MOTHER
(partes a serem publicadas mensalmente nesta revista).

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

TECENDO POEMAS

VOL. XIII

E-BOOK



saiba mais: clique aqui

"a maledicência corre mais do que um Sputnik"

A Calúnia Difamatória

Flavio Joppert

(poema capitular)

Se me amas ao me ver
vês em mim teus defeitos
porque me amando sou eu
te amando sou você...

É como um espelho
onde se vê a verdade
somente frente ao outro
Sem pelas costas ter p'ra dizer...

Ora que esta calúnia
em boa hora
é como um julgamento
como a defesa de Coriolano...



Ausente das acusações
sem o menor direito
de defesa, caio condenado
nas tuas mentiras...

Tua língua caluniosa
derroga da cobra
a grande nobreza
de uma língua venenosa...

Pois a calúnia dessa forma
que até da cobra a dignidade
fere por ser coisa
de gentalha horrorosa...

"o monstro com asas que criaste, pode te encontrar diante do espelho;
basta que acreditem"



INTRODUÇÃO

Num jogo de livre associação de ideias, analisa-se a sociedade dos séculos XI e XII quanto à necessidade de desenvolver um sistema protocolar próprio que, por ser próprio do período, se constitui por símbolos, e não por códigos, senhas etc.

Ora, o referido códice é um retrato crítico e caricato do que vinha ocorrendo, consolidando o que já se passava entre os séculos XI e XIII.

(Carl Orff é mais conhecido por Carmina Burana (1937), uma cantata encenada. É a primeira de uma trilogia intitulada Trionfi, que também inclui Catulli Carmina e Trionfo di Afrodite. Essas composições refletem seu interesse pela poesia medieval alemã. É descrita pelo compositor como "a celebração de um triunfo do espírito humano pelo balanço holístico e sexual". O trabalho foi baseado no verso erótico do século XII de um manuscrito chamado Carmina Burana (Bayerische Staatsbibliothek, Codex latinus monacensis, Clm 4660 & Clm 4660a), escrito pelos goliardos. Apesar de moderno em algumas de suas composições, Orff soube capturar o espírito da era medieval em sua trilogia. Os poemas medievais foram escritos em uma forma arcaica de alemão e latim.)

QUEM ERAM OS GOLIARDOS

- **Origem**: surgiram por volta dos séculos XII e XIII nas primeiras grandes universidades europeias, como a de Paris.
- **Estilo de vida:** viviam de forma boêmia, itinerante e marginal, rejeitando as regras rígidas da sociedade da época.
- **Nome**: a palavra pode vir do francês antigo ***goliart*** (bufão) ou de Golias, o gigante bíblico, em sinal de provocação aos líderes religiosos.

A POESIA GOLIÁRDICA

- **Temas**: escreviam poemas em latim sobre o amor livre, os prazeres do vinho, os jogos de azar e sátiras severas contra a corrupção.
- ***Carmina Burana:*** a mais famosa coleção de poesias goliárdicas que sobreviveu até os dias de hoje, reunindo cantos profanos e satíricos.

O espírito de ***carpe diem*** desses grupos de estudantes, anunciando o "Renascimento", remete em paralelo aos epicuristas da Grécia Antiga.



*"Os **epicuristas** eram os seguidores do epicurismo, uma escola filosófica fundada por Epicuro de Samos em Atenas, por volta de 306 a.C., que buscava a felicidade por meio da paz mental e da ausência de dor."*

Os Pilares do Epicurismo

- **A busca pelo prazer:** o objetivo da vida era o prazer (*hedonê*), mas não o prazer físico exagerado. Para eles, o maior prazer era a *ataraxia* (a paz de espírito e a tranquilidade mental) e a *aponia* (a ausência de dor física).
- **Visão materialista:** acreditavam que tudo no universo era feito de átomos e vazio, seguindo as ideias de Demócrito. Por isso, não acreditavam em vida após a morte.
- **Os deuses:** não negavam a existência dos deuses, mas defendiam que eles viviam em perfeita harmonia no espaço e não interferiam na vida humana, tirando o medo do castigo divino.
- **O Jardim:** a escola de Epicuro funcionava em uma comunidade chamada "O Jardim", famosa por aceitar a participação de mulheres e escravizados, algo raro na Grécia Antiga.

Esse desafio à sociedade, com a rebeldia ao temor dos deuses e a certeza de que a vida é material, assim como a alma, aproxima os epicuristas do espírito crítico de Sócrates diante do sistema religioso da Época Clássica.

*(Embora **Sócrates** (470–399 a.C.) e o **Epicurismo** (fundado por Epicuro por volta de 306 a.C.) pertençam a momentos diferentes da Grécia Antiga, ambos compartilham o mesmo objetivo central: descobrir como o ser humano deve viver para alcançar a felicidade.)*

No entanto, os caminhos que escolheram para chegar lá foram profundamente diferentes.



Comparação Direta: Sócrates vs. Epicurismo

Critério	Sócrates	Epicurismo (Epicuro)
O que é a felicidade?	Agir com **virtude** e justiça (*Eudaimonia*).	Sentir **prazer** e evitar a dor (*Ataraxia*).
Papel da Razão	Usada para questionar certezas e alcançar a **verdade moral**.	Usada para calcular quais prazeres trazem **paz de espírito**.
A Morte e a Alma	A alma é **imortal**; a morte é uma libertação para a alma sábia.	A alma é **material** (feita de átomos) e deixa de existir na morte.
Participação Política	Essencial. O cidadão deve debater e melhorar a *pólis* (cidade).	Evitada. O lema era "viva discretamente", longe da política.
Método de Ensino	O debate público nas ruas de Atenas (*Maiêutica*).	A vida comunitária isolada com amigos no *Jardim*.

Principais Divergências

- ***Virtude vs. Prazer:*** *para Sócrates, a virtude é o bem supremo. Alguém pode sofrer fisicamente, mas ainda ser feliz se agir de forma justa. Já para Epicuro, a virtude não é o fim em si mesma, mas apenas um meio necessário para se alcançar o prazer e a ausência de perturbação (ataraxia).*
- ***A Natureza da Alma:*** *Sócrates acreditava que cuidar da alma imortal era o dever mais sagrado do homem. Epicuro, influenciado pelo atomismo, afirmava que a alma se desintegrava com o corpo, eliminando assim o medo do julgamento ou do sofrimento pós-morte.*
- ***O Espaço do Filósofo:*** *Sócrates operava na praça pública (Ágora), provocando os cidadãos e os políticos de Atenas. Epicuro preferiu o recolhimento do seu "Jardim", criando uma comunidade de apoio mútuo longe dos palcos políticos e das disputas de poder.*



Pontos em Comum

*Apesar das diferenças teóricas, ambos os pensamentos revolucionaram a filosofia ao **tirar o foco dos cosmos (astros, deuses) e voltá-lo para a ética humana**. Ambos concordavam que a ignorância e os desejos descontrolados (como a busca por fama e riqueza excessiva) são as maiores fontes de infelicidade e ansiedade humana.*

*Colocar **Sócrates**, o **Epicurismo** e os **Goliardos** lado a lado cria um panorama fascinante da história do pensamento ocidental. Embora separados por séculos e contextos completamente diferentes, os três grupos representam formas de **rebeldia intelectual e busca pela liberdade** contra as amarras de suas respectivas épocas.*

Conclusivamente, é possível questionar a relação dos goliardos com essas duas escolas de renascimento após o aristotelismo:

Tabela Comparativa: Sócrates, Epicurismo e Goliardos

Critério	Sócrates (Século V a.C.)	Epicurismo (Século IV a.C.)	Goliardos (Séculos XII-XIII d.C.)
O Bem Supremo	A **Virtude** e a Verdade Moral.	O **Prazer** e a Paz de Espírito (*Ataraxia*).	A Liberdade e os Prazeres Terrenos (Vinho, Amor).
Ambiente Principal	A **Ágora** (praça pública de Atenas).	O **Jardim** (comunidade privada e isolada).	As **Tavernas** e as Universidades medievais.
Visão Institucional	Questionava as leis e a falsa sabedoria dos juízes de Atenas.	Ignorava a política da *pólis* por considerá-la fonte de ansiedade.	Satirizavam abertamente a corrupção e a hipocrisia da **Idade Média**.
Estilo de Vida	Austero, focado no debate intelectual urbano.	Simples, comunitário e voltado para a autossuficiência.	Boêmio, errante, marginal e satírico.



Análise Cruzada: Linhas de Conexão e Ruptura

1 O Alvo Comum: A Crítica à Hipocrisia Institucional

- ***Sócrates*** irritou a elite de Atenas ao mostrar que os poderosos não sabiam o que defendiam (o que lhe custou a vida).
- ***Epicuro*** *rejeitou* o modelo de cidadania grega e o medo dos deuses alimentado pela religião tradicional.
- **Os *Goliardos***, sendo estudantes instruídos, usavam o latim para ridicularizar a sociedade e a ganância da Idade Média.

2 Duas Formas de Entender o Prazer (Epicuro vs. Goliardos)

É comum o erro de achar que os dois defendiam a mesma coisa.

- Para os ***Goliardos***, o prazer era carnal, imediato e exuberante: a celebração do vinho, do jogo de dados e do amor físico.
- Para **Epicuro**, isso seria considerado perigoso. O prazer epicurista é prudente e moderado (comer pão e água com amigos), pois os excessos geram ressaca, dor e dependência, quebrando a paz de espírito (*ataraxia*).

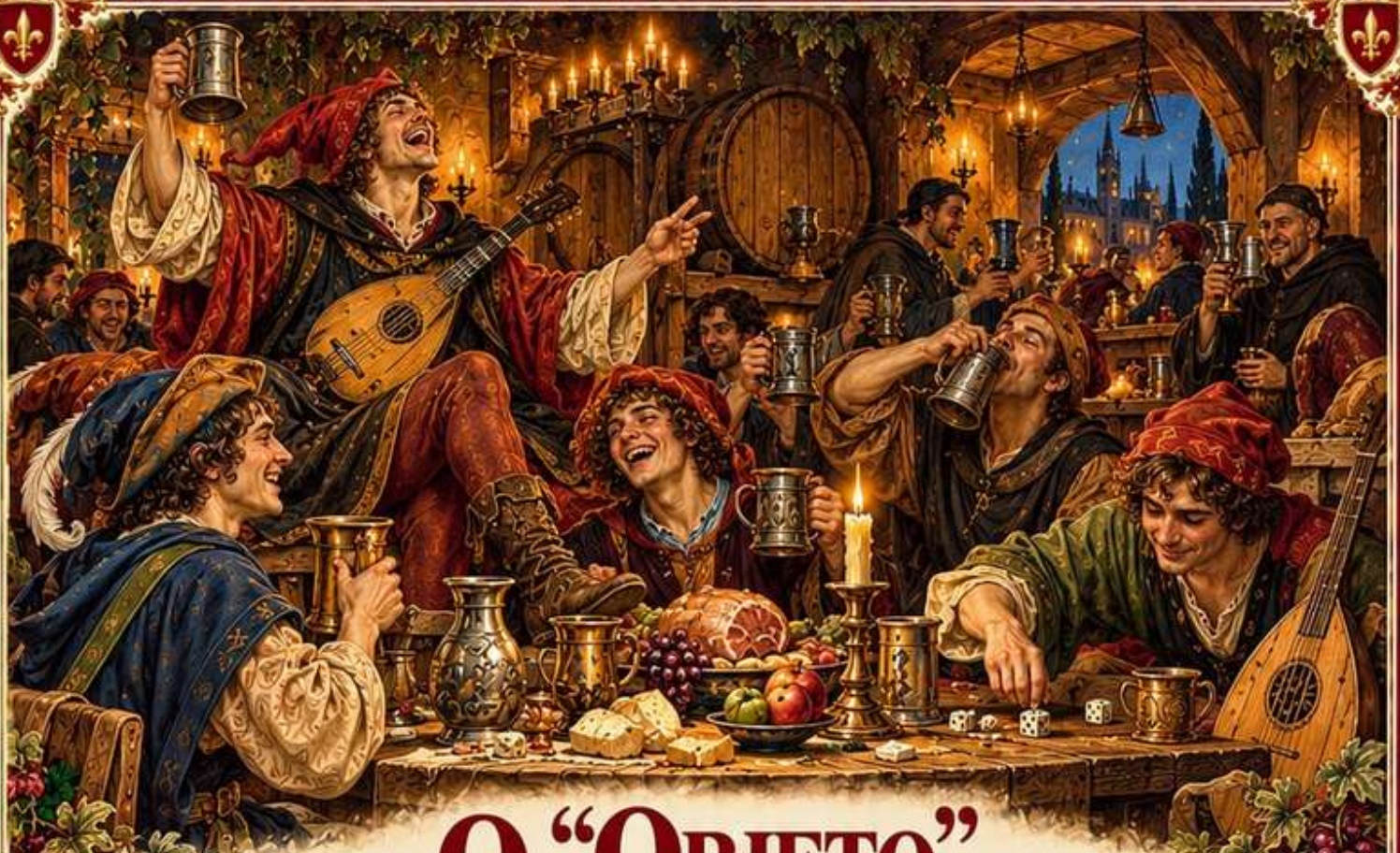
3 O Espaço do Debate (Sócrates vs. Epicuro vs. Goliardos)

- ***Sócrates*** acreditava que a filosofia pertencia à cidade inteira e ao debate público.
- **Epicuro** rompeu com isso, criando um ***refúgio privado*** (*O Jardim*) onde a política externa não importava.
- **Os Goliardos** transformaram ***a estrada e a taverna*** em seus palcos, descentralizando o conhecimento que antes ficava restrito.

Resumo da Ópera

*Se pudéssemos reuni-los em uma mesa: **Sócrates** passaria a noite fazendo perguntas para desarmar o orgulho de todos; **Epicuro** beberia apenas um copo de vinho com água, celebrando a presença dos amigos em paz; e os **Goliardos** estariam cantando poemas satíricos no topo da mesa, rindo da seriedade dos outros dois.*

É assim que se criam os diversos cantos que compõem *Carmina Burana*. O objeto deste estudo são, especialmente, os cantos do *In Taberna*.



O "Objeto"

A seção de ***Carmina Burana*** inteiramente dedicada à taberna, ao jogo e à boemia é conhecida como **"In Taberna"** (Na Taberna).

Na famosa cantata cênica composta por **Carl Orff em 1936** (que musicalizou os poemas medievais dos goliardos), esta é a **Parte II** da obra. Ela contrasta profundamente com o misticismo do início (*O Fortuna*) e com o romantismo da parte final, trazendo uma energia caótica, ruidosa e puramente profana.

São quatro as cantigas de "In Taberna".

O Significado Histórico

Para os goliardos, a taberna não era apenas um lugar para se embriagar, mas sim um **espaço de liberdade**. Fora dela, a sociedade medieval era rigidamente dividida entre três estados. Dentro da taverna, sob o efeito do vinho e do jogo de dados, todos se tornavam iguais na miséria ou na alegria, rindo do medo do inferno e das cobranças do mundo exterior.

Dados permitem identificar tecnicamente que:

*"**Carmina Burana** é uma coletânea de cerca de 254 poemas e textos medievais dos séculos XI ao XIII, encontrados em 1803."*

Origem e Autoria

- ***Manuscrito:*** o nome significa "Canções de Beuern". *Está guardado na Biblioteca* Estatal de Munique.
- ***Goliardos:*** os textos foram escritos em sua maioria por clérigos errantes, estudantes e poetas boêmios chamados goliardos.
- ***Temas:*** os poemas são profanos e satíricos. Eles falam de amor, prazeres da carne, orgias, críticas à corrupção e elogios ao vinho e aos jogos de azar.



Isso é demonstrado pelos cantos (fragmentos):



In Taberna

Latim	Tradução para o Português
Bibunt omnes sine lege. *Bibit hera, bibit herus,* *bibit ille, bibit illa,* *Bibit servus cum ancilla,* *Bibit velox, bibit piger,* *Bibit albus, bibit niger,* *Bibit constans, bibit vagus,* *Bibit rudis, bibit magus.* *Bibit pauper et egrotus,* *Bibit exul et ignotus,* *Bibit puer, bibit canus,* *Bibit anus, bibit mater,* *Bibit ista, bibit ille,* *Bibunt centum, bibunt mille.*	*Bebemos então sem lei.* *Bebem patroa e patrão,* *Bebe o amado e bebe a amada,* *Bebem criado e criada,* *Bebe o quente e o piça fria,* *Bebe o da noite e o do dia,* *Bebe o firme, bebe o vago,* *Bebe o burro e bebe o mago.* *Bebe o pobre e bebe o rico,* *Bebe o pico-serenico,* *Bebe o infante, bebe o cão,* *Bebe a besta, bebe a mãe,* *Bebem todos do barril,* *Bebem cento, bebem mil.*
Parum sexcente nummate *Durant, cum immoderate* *Bibunt omnes sine meta,* *Quamvis bibant mente leta;* *Sic nos rodunt omnes gentes,* *Et sic erimus egentes.* *Qui nos rodunt confundantur* *Et cum iustis non scribantur, Io!*	*Nenhuma pipa se aguenta* *Com esta gente sedenta,* *Quando bebe sem medida* *Quem de beber faz a vida.* *E quem de nós se fiou,* *Sem cheta s'arrebentou.* *E quem de nós prejulgava,* *Se quiser, que vá à fava.*

Bache, Bene Venies

("Baco, sê bem-vindo")



Latim Medieval	Tradução para o Português
Bache, bene venies gratus et optatus, ***per quem noster animus fit letificatus.*** (Refrão)	*Baco, sê bem-vindo, agradável e desejado,* *por quem nossa alma se enche de alegria.* (Refrão)
Istud vinum, bonum vinum, vinum generosum, ***reddit virum curialem, probum, animosum.*** (Refrão)	*Este vinho, bom vinho, vinho generoso,* *torna o homem nobre, honrado e corajoso.*
Bacchus forte superans pectora virorum ***in amorem concitat animos eorum.*** (Refrão)	*Baco, dominando com força o peito dos homens,* *desperta o amor em suas almas.* (Refrão)
Bacchus sepe visitans mulierum genus ***facit eas subditas tibi, o tu Venus.***	*Baco, visitando frequentemente o gênero feminino,* *torna-as submissas a ti, ó Vênus.*



Décimo Terceiro Movimento de Carmina Burana

Trata-se de uma sátira mordaz e escrachada contra a corrupção e a hipocrisia.

Latim	Tradução para o Português
et consilium meum est cum bibulis,	e o meu conselho é com os bebedores,
et in secta Decii voluntas mea est,	e a minha vontade é pertencer à seita de Décio (deus dos dados/jogos),

A dedução lógica é a de que o "vinho" estava causando um certo desconforto social.

"Em um dos meus primeiros artigos heráldicos, 'Ou a Simbologia do Corvo', ou no da defesa crítica do Dr. Moyses Espírito Santo, a Idade Média, com a falência do Império Romano e a acusação de saturnismo dos imperadores por adição de acetato de chumbo ao vinho, identifiquei a adoção do direito bíblico. O que pode ter sido a inspiração para moldar a heráldica frente à problemática de consumo generalizado de "vinho" no sistema de símbolos adotado pelas 12 tribos de Israel. Em modo adaptado ao que fazia individualmente cada patriarca da nobreza romana ao estender em sua casa o estandarte das Legiões quando das Saturnálias e Bacanais, para recusa do "vinho"."

Ao encaixar peças de um mosaico histórico, havia então uma crise social causada pelo "vinho".

A heráldica se constituiu dessa maneira para resolver o fato, e seguiu o modelo simbólico das 12 tribos porque a Bíblia ("Velho Testamento") era o Códice Canônico vigente.

Pode-se debater se as canções seguem a linha do "*modus vivendi*" do grupo, como as de espiritualidade e de amor, ou se prestam como a linha das Cantigas de Escárnio, que muito utilizaram ferramentas de raciocínio empregadas por Abelardo, dito pai dos goliardos.



A Crítica Social e a Tragédia de Abelardo

"Relacionar o ***Epicurismo***, o manuscrito ***Carmina Burana*** e o **episódio de Pedro Abelardo** nos transporta diretamente para o coração do chamado Renascimento do *Século XII*."

Esses três elementos estão profundamente conectados por um fio condutor: ***a explosão do desejo humano, a reabilitação do prazer e a rebeldia intelectual contra o dogmatismo medieval.***

Esses pontos se cruzam no palco da Idade Média da seguinte forma:

O Epicurismo como "Mantra Escondido" de *Carmina Burana*

Durante a Idade Média cristã, a filosofia grega do ***Epicurismo*** *era formalmente condenada. Epicuro era visto como o "filósofo dos porcos", pois interpretavam erroneamente sua busca pelo prazer como pura libertinagem e heresia atomista (já que ele não acreditava em vida após a morte).*

No entanto, no século XII, uma classe de estudantes errantes e intelectuais — os ***Goliardos*** — promoveu um ressurgimento prático e poético de um "Epicurismo medieval":

- O manuscrito ***Carmina Burana*** é a maior prova disso. Nele, existem poemas satíricos que citam nominalmente o filósofo grego, como o famoso poema ***Alte clamat Epicurus*** ("Em voz alta clama Epicuro: um ventre cheio é digno de confiança").
- Os goliardos fundiram o prazer moderado de Epicuro com o excesso das tavernas. Eles usavam a estrutura conceitual do prazer terrestre para atacar a promessa de que o sofrimento na Terra seria recompensado no Céu. Para eles, assim como para os epicuristas, a felicidade precisava ser vivida no ***agora***, já que a "Roda da Fortuna" era instável e a vida, efêmera.

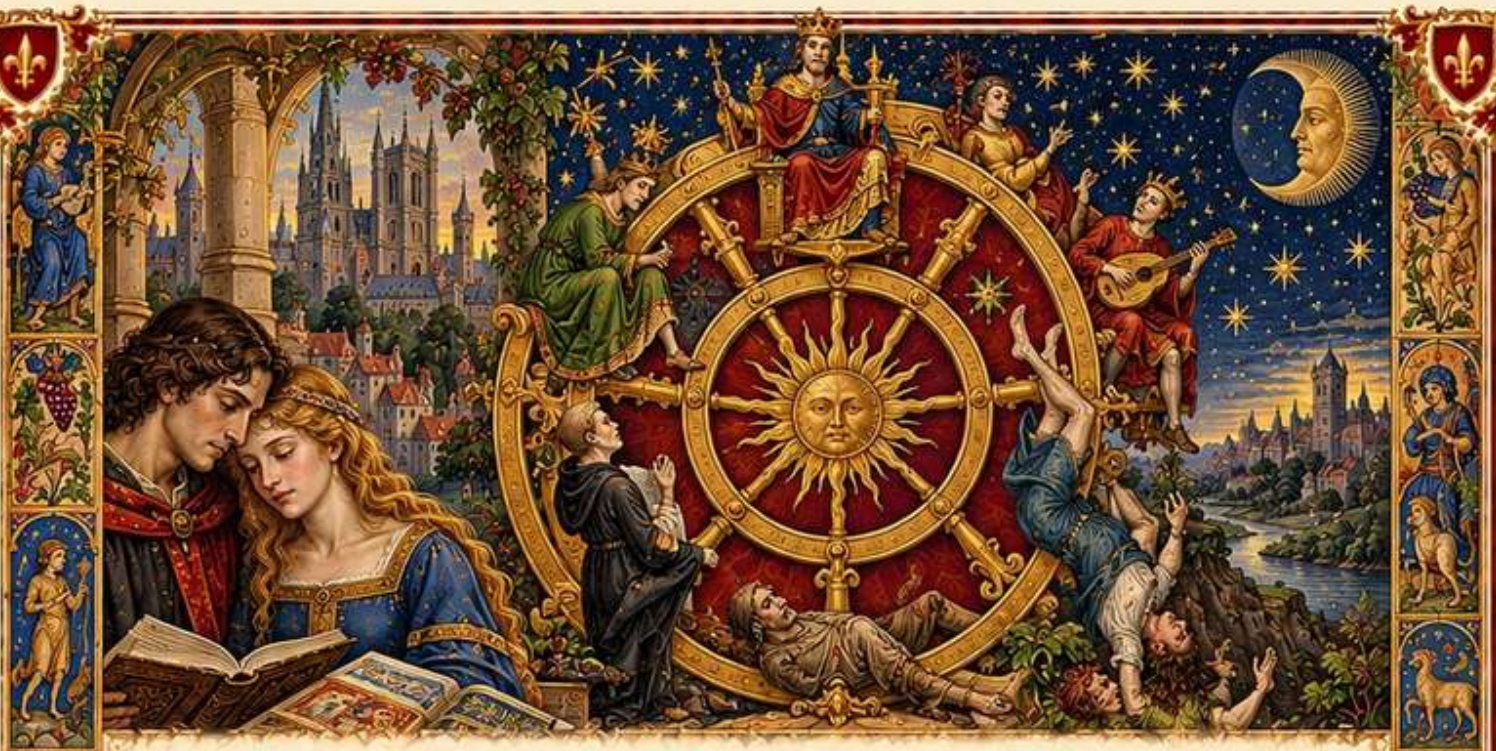
Pedro Abelardo: O "Primeiro Goliardo" e o Ícone da Paixão Terrena

Pedro Abelardo (1079–1142) foi o maior e mais brilhante filósofo de sua geração, lecionando em ***Paris****. Ele revolucionou o pensamento ao usar a lógica e a razão para questionar dogmas teológicos (o método Sic et Non).*

O famoso "***episódio de Abelardo***" une-se diretamente a essa dinâmica do prazer e da repressão:

1. **O Romance Proibido**: desafiando o celibato e as convenções intelectuais da época, Abelardo apaixonou-se perdidamente por sua aluna, ***Heloísa***, uma das mulheres mais cultas da Europa. Eles viveram um romance avassalador, puramente carnal e intelectual, que resultou em um filho (batizado ironicamente de Astrolábio).
2. **A Punição pelo Prazer**: o tio de Heloísa sentiu-se ultrajado. Ele contratou capangas que invadiram o quarto de Abelardo à noite e o castraram brutalmente.

Abelardo era frequentemente associado ao movimento goliárdico. Seus opositores "puritanos" o acusavam de ser o líder espiritual dos goliardos, chamando Abelardo de um "monstro" que misturava filosofia sagrada com a celebração da carne. Inclusive, lendas medievais sugerem que algumas das canções de amor anônimas presentes no cancioneiro de *Carmina Burana* teriam sido escritas pelo próprio Abelardo para Heloísa no auge de sua paixão.



A Síntese: A Roda da Fortuna

Ela se alinha com o destino, objeto então principal da cosmovisão da época e da espiritualidade transcendente. Por isso mesmo, o destino de Abelardo é vivenciado dessa forma.

Elemento	Papel no Contexto Medieval	Atitude perante o Mundo
Epicurismo	A teoria filosófica proibida.	Reabilita o **prazer e a matéria** como focos da existência humana.
Carmina Burana	A expressão poética e popular.	Canta a beleza do corpo, do amor, da taberna e a **fragilidade da vida**.
Pedro Abelardo	A realidade trágica e intelectual.	Viveu na pele a **busca pelo conhecimento livre e a dor** de ter seu prazer carnal extirpado pela violência dogmática da época.

A ligação definitiva está no poema que abre e fecha ***Carmina Burana*: *O Fortuna***. Epicuro ensinou a não temer o destino; os goliardos cantavam sobre como o destino nos governa; e Abelardo sentiu o peso exato dessa engrenagem ao ver sua brilhante carreira e sua vida amorosa serem estraçalhadas pelo giro violento da "Roda da Fortuna" medieval.

A relação entre o método ***Sic et Non*** ("Sim e Não") de Pedro Abelardo e a seção ***In Taberna*** de ***Carmina Burana*** é um dos reflexos mais brilhantes de como a dialética universitária influenciou a cultura profana e satírica da Idade Média.

"Abelardo não criou apenas um método acadêmico; ele moldou uma ***estrutura mental de pensamento baseada no paradoxo e na justaposição de opostos.*** *Os goliardos (muitos deles alunos de Abelardo ou de seus sucessores nas universidades) pegaram essa ferramenta lógica rigorosa e a aplicaram de cabeça para baixo dentro da taverna."*



1. A Justaposição de Contradições (O "Sic" e o "Non" Sociais)

"No livro Sic et Non, Abelardo colocava lado a lado citações de autoridades que se contradiziam frontalmente sobre o mesmo tema. Ele não resolvia o problema, ***deixando que o leitor usasse a razão para encarar o paradoxo.***"
(aqui entra a hipótese de Cantiga de Escárnio, como crítica ao comportamento, mostrando que a sociedade da época precisava da heráldica)

Na canção ***In taberna quando sumus***, os goliardos usam exatamente a mesma técnica de justaposição, mas em vez de dogmas, eles **justapõem os opostos da sociedade medieval** em uma ladainha frenética de brindes:

- ***Bibit herus, bibit hera*** (Bebe o senhor, bebe a senhora) — ***Sic / Non***
- ***Bibit pauper, bibit egrotus*** (Bebe o pobre, bebe o doente) — ***Sic / Non***

"Ao listar sistematicamente o homem e a mulher, o livre e o servo, os goliardos aplicam a dialética de Abelardo para provar uma tese mundana: diante do vinho e do jogo, todas as divisões hierárquicas e contradições da criação se anulam. A taverna é o espaço onde o Sic e o Non sociais convivem em perfeita e caótica igualdade."
(pode ter ressurgido como crítica à nobreza durante a Revolução Francesa, principalmente no lema da Fraternidade)

2. A Paródia da Disputa Acadêmica e o "Senhor de Cucanha"

O método escolástico baseado no ***Sic et Non*** funcionava por meio de debates formais chamados ***disputationes***, onde teses eram defendidas e atacadas com base em silogismos e lógica estrita.

Na música do 13º Movimento, a estrutura universitária é uma sátira brilhante. "O personagem é um bêbado que se apresenta com títulos pomposos. Na taverna, a "disputa" intelectual é substituída pelo **jogo de dados**. O veredito final do jogo — que deixa o perdedor nu e sem roupas — mimetiza de forma irônica as disputas acadêmicas onde o oponente era intelectualmente "desnudado" e humilhado publicamente pela lógica do rival."



"O eu-lírico goliardo canta sobre estar quebrado por forças opostas: ele é feito de matéria (corpo), mas cobrado pelo espírito; ele conhece a virtude (o Sic), mas é arrastado pelo vício (o Non). Em vez de tentar harmonizar essas forças como faria um teólogo tradicional, o poeta goliardo resolve o paradoxo escolhendo o caminho da taverna como a única conclusão lógica para um ser imperfeito." Isso é, em parte, peça-chave da cantiga de escárnio.

*"Se nas salas de aula de Paris Abelardo usava o **Sic et Non** para demonstrar que as autoridades humanas eram ambíguas e contraditórias, na taverna os goliardos usavam a seção **In Taberna** para cantar que a própria vida e as instituições medievais eram um imenso emaranhado de contradições. Eles transformaram a dialética acadêmica em pura poesia de resistência boêmia."*
(até hoje a universidade é mal vista como núcleo de crítica político-social)

A heráldica crescia mais simpática ao universo cavalheiresco da nobreza, freando ou dissimulando esse aspecto social do vício.

A nobreza e a cavalaria conviviam com esse mundo, tanto na taverna quanto no mundo. A taverna, em certo sentido, era um espelho mágico, e o mundo, onde todos participavam de um teatro.

A Construção do Imaginário Medieval

(a propaganda política)

*Reunir a **Canção de Roland**, os poemas de **Carmina Burana** e as lendas de **Camelot** nos dá um mapa perfeito das três grandes vertentes que moldaram a imaginação e a literatura da Idade Média:*

"Embora todos pertençam ao universo literário medieval, cada um representa uma faceta psicológica, social e cultural completamente diferente daquela sociedade."





Tabela Comparativa na Literatura Medieval

Obra / Mito	Matéria / Vertente	Classe Social Foco	Ideia Central / Tom
A Canção de Roland	Matéria de França (Épico Heroico)	A Alta Nobreza / Cavaleiros	**O Dever:** Fidelidade ao rei, à pátria e a Deus através do martírio militar.
Camelot **(Ciclo Arturiano)**	Matéria de Bretanha (Romance de Cavalaria)	A Nobreza e as Damas da Corte	**O Ideal:** Cortesia, amor proibido, busca espiritual e justiça utópica.
Carmina Burana	Literatura Goliárdica (Lírica Profana)	Estudantes e Marginais	**A Realidade e o Caos**: Crítica social, prazeres carnais e a roda da fortuna.

As Conexões e Relações Literárias

1. A Evolução da Cavalaria: Do Campo de Batalha de Roland para os Salões de Camelot

A relação entre ***A Canção de Roland*** (século XI) e as histórias de ***Camelot*** (que ganharam força nos séculos XII e XIII com *Chrétien de Troyes*) mostra como o ideal do cavaleiro medieval mudou com o tempo:

- **Roland representa a cavalaria brutal e guerreira**: no poema, o cavaleiro é uma máquina de guerra santa. Ele luta contra os sarracenos, não tem interesse em romances e sua maior virtude é morrer pelo imperador Carlos Magno sem recuar. O tom é de tragédia militar e fanatismo religioso.
- **Camelot representa a cavalaria cortês e refinada**: em *Camelot*, o cavaleiro já não vive apenas para a guerra. Ele precisa ser educado, proteger as damas, tocar música e seguir o código do **amor cortês** (como Lancelot por Guinevere). A brutalidade dá lugar à busca mística e aos dilemas amorosos e morais.

2. O Antídoto Profano: *Carmina Burana* como a "Anti-Cavalaria"

Enquanto *Roland* e *Camelot* constroem mitos heróicos e nobres para a aristocracia, ***Carmina Burana*** surge como o completo oposto: a voz da sarjeta, da taberna e da realidade nua e crua.

- Se os cavaleiros de Camelot juravam castidade e os de Roland juravam sobriedade na guerra, os poetas de *Carmina Burana* celebravam o sexo livre, a bebedeira e o **jogo de dados**.
- Enquanto a literatura de Roland e de Artur tentava dar um sentido divino ou idealista à existência, a primeira faixa de *Carmina Burana* (***O Fortuna***) choca o leitor ao lembrar que a vida é governada pelo acaso cego (a Roda da Fortuna), que pode derrubar a todos a qualquer momento, independentemente de sua virtude.



3. A Linguagem e o Público-Alvo

A separação dessas obras **também se dá na forma** como eram transmitidas no tecido social medieval:

- **Roland** nasceu como uma "**Canção de Gesta**", cantada por jograis em praças para soldados e o povo analfabeto exaltar o nacionalismo.
- ***Camelot*** foi escrita nas línguas vernáculas (francês antigo, inglês) para ser lida nos palácios e cortes, agradando especialmente as mulheres da nobreza que ditavam as regras de etiqueta.
- ***Carmina Burana*** foi escrita em latim refinado, mas com conteúdo mundano. Era uma literatura de "insiders": feita por intelectuais frustrados (estudantes principalmente) para que outros intelectuais pudessem rir da corrupção e das hipocrisias.

Resumo da Mentalidade Medieval

Para compreender a mente do homem medieval, é preciso ler as três: *Roland* mostra o que eles consideravam o dever sagrado; *Camelot* mostra o que eles sonhavam como o mundo perfeito e ideal; e *Carmina Burana* revela o que eles realmente faziam quando as luzes se apagavam e as portas das tavernas se abriam.

O Julgamento Histórico

*"O comportamento boêmio e os vícios retratados em **In Taberna** passam a ser vistos de forma puramente **maniqueista** (como um mal absoluto, pecaminoso e diabólico) em dois momentos principais: um **histórico** e **institucional** (na própria Idade Média) e outro **estético e ideológico** (no século XX)."*

A situação crítica da Segunda Guerra Mundial se dá com um relato de bordéis e bebedeiras:

Nos meses de julho e agosto de 1939, a imprensa alemã — totalmente controlada pelo Estado — passou a publicar manchetes diárias escandalosas sobre supostas atrocidades polonesas. Entre essas histórias, destacou-se o relato de marinheiros da marinha mercante e da marinha de guerra alemã (*Kriegsmarine*) que teriam sido emboscados e brutalmente espancados em bares e bordéis na região do Corredor Polonês e na cidade livre de Danzig (atual Gdańsk).

(Talvez por isso mesmo Orff tenha, dentro do *Zeitgeist*, redescoberto ***Carmina Burana*** como uma "crítica" à depravação.)

O ponto central é que o clima de bebedeiras está presente tanto no estopim da Segunda Guerra, com Orff, quanto na fase original dos poemas, com as Cruzadas: duas tragédias militares.

A condenação aconteceu nesses dois períodos, como se vê a seguir:





1 O Momento Histórico (Século XVI)

Embora tolerassem os goliardos a contragosto (tratando-os muitas vezes como "ovelhas negras" ou rebeldes irritantes), o tom mudou radicalmente após o século XVI, quando adotaram uma postura rigidamente moralista e maniqueísta para combater as críticas de corrupção.

A Condenação — O Mal Absoluto: *Carmina Burana* é escondido e esquecido.

2 O Momento Estético: A Estreia de Carl Orff na Alemanha Nazista (1937)

O espelho maniqueísta mais impressionante sobre o "vício" de ***In Taberna*** aconteceu no século XX. Quando o compositor Carl Orff musicou esses poemas em 1936, a Alemanha estava sob o controle do ***Regime Nazista***, que operava sob uma moral falsa e hipócrita extremamente maniqueísta.

- **A Crítica Inicial do Regime**: logo após a estreia em Frankfurt (1937), críticos musicais nazistas e oficiais do partido atacaram a obra. Eles classificaram a seção ***In Taberna*** (com seu bêbado e os hinos à devassidão) como "***música degenerada***" (*Entartete Musik*).
- **O Rótulo do Mau**: para a ideologia nazista, o descontrole, a celebração do acaso (o jogo de dados), a embriaguez e o desleixo dos goliardos eram vistos como um "mal" que enfraquecia a disciplina, a raça e a força do soldado ariano. Eles viam o comportamento de ***In Taberna*** como uma herança medieval subversiva que precisava ser erradicada em prol de uma arte purificada e focada no heroísmo militar (algo mais próximo da ***Canção de Roland***). (O problema é que a canção apontava alguns problemas em tom crítico que precisavam ser escondidos.)

A Visão Maniqueísta dentro do Próprio Texto Medieval

Olhando para os sermões religiosos da época em que os goliardos escreviam (séculos XII e XIII), teólogos ortodoxos (como o grande inimigo de Pedro Abelardo) já desenhavam a taberna sob uma ótica maniqueísta:

"Para a teologia mística da época, o mundo era dividido estritamente entre (a ordem, o jejum) e (a taverna, o caos, a gula). Argumentavam que os prazeres defendidos por intelectuais rebeldes e goliardos não eram apenas escolhas erradas, mas sim a manifestação do mal na Terra, projetada para desviar as mentes brilhantes das universidades do caminho da salvação."

A abordagem de ***Carmina Burana – In Taberna*** como cantiga de escárnio é o fermento que a sociedade precisava para ver a heráldica florescer como necessidade dentro de uma sociedade doente (doente porque bebia, e bebia porque era doente). Um paliativo de um grupo que repetia os padrões da nobreza romana em não participar das Saturnálias e dos Bacanais.



Na hipótese de Orff ter resgatado *Carmina Burana* como cantiga de escárnio numa Alemanha em que Zille, perguntado sobre o que tinha achado do desfile das "SA", disse que teria preferido vomitar a ter comido, são questões que o departamento de propaganda conhecia. Exatamente o que Goebbels cria quando da questionável pancadaria num bordel de Danzig, à sombra das questões das cantigas de escárnio como condutoras de uma responsabilidade pela razão.

CONCLUSÕES

- Os nazistas foram os mais cruéis destruidores da nobreza, da heráldica e de suas tradições.
- A crítica nazista a Orff, em certo sentido, é ver-se com seus oficiais na gandaia de uma taverna, sendo inclusive o estopim da Segunda Guerra, conforme apresentado.
- As cantigas e poesias a que se refere esta revisão, dentro da tangência entre heráldica e literatura, são as poesias "in taberna".
- O texto apenas recria o fato de que, naquele período, a Idade Média precisava de um freio à alienação, podendo as canções da taverna ser temas de escárnio.
- Sempre que a crítica à heráldica é excessiva, parte da humanidade perde "as estribeiras".
- A descoberta é de que a heráldica continua sendo uma necessidade.

(Dados e fatos deste texto foram obtidos na Internet com ajuda de Inteligência Artificial; porém, o tema já era de conhecimento do autor.)

SOBRE O AUTOR

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista e, acima de tudo, ambientalista. Sabe que a arte, através da estética, é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro, onde é Guarda 1 e *Adido Cultural*. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, o respeito e a preservação da natureza. Nasceu em Niterói – RJ, em 1973.

Siga-nos no INSTAGRAM

@REVISTACONEXAOLITERATURA



Conteúdo que conecta, literatura que transforma!

ENTREVISTA

Bernardo Parreiras Salgueirinho

Escritor, servidor público e autor de *Personagens*



Sobre o autor

Bernardo Parreiras Salgueirinho é escritor e servidor público na área jurídica. Graduado em Direito pela Universidade Federal Fluminense, é especialista em Direito Público, Processo Civil, Literatura, Artes e Filosofia. Mesmo com a atuação diária na área jurídica, sua verdadeira paixão é a literatura, principalmente no campo da prosa de ficção, embora também escreva poemas. Também tem interesse em cinema, já que o que o motiva, no fim das contas, é a narrativa. Inspira-se em Machado de Assis, Lima Barreto, Gabriel García Márquez, Kafka, Socorro Acioli, Eliana Alves Cruz, entre outros.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Bernardo Parreiras Salgueirinho:
Ainda criança, gostava de ouvir histórias.
Assim que fui alfabetizado, passei a ter mais contato com os livros e com o desejo de escrever. A ideia de criar veio aos poucos, no início como uma brincadeira com as palavras. No início da vida adulta, passei a escrever ficção e desde então não parei.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "*Personagens*", poderia comentar?

Bernardo Parreiras Salgueirinho:
Esse livro reúne os meus primeiros contos. Não foi um trabalho rápido. Ao longo dos anos, revisei e reescrevi até chegar ao ponto que desejava. Há forte influência do realismo mágico e também um pouco de questionamentos filosóficos. Tudo com linguagem mais contemporânea.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Bernardo Parreiras Salgueirinho:
Meu processo de criação se baseia na minha vivência.
Até o que é fantástico tem um pé na realidade. Sozinho, elaboro as ideias e depois escrevo. Acredito que o ato de escrever é sempre algo que foge do esperado. Quando me sento em frente ao computador, as palavras me surpreendem.

> ***"Até o que é fantástico tem um pé na realidade."***
>
> — *Bernardo Parreiras Salgueirinho*

ENTREVISTA

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Bernardo Parreiras Salgueirinho:

"O homem é mesmo virtual: o homem nasceu com a palavra. O ser que antecedeu o homem não conhecia a língua e, portanto, era um só com a natureza. Um dia, porém, o som gutural, que era o único que o ser que veio a se tornar o homem conseguia emitir, explodiu e se expandiu em fonemas, e com as palavras surgiu o homem. O Homem é fruto do Verbo. O som gutural — a matéria e a energia comprimidas — depois de explodir, se expandiu, e ainda hoje avança. As palavras, matéria de que o mundo é feito, são constituídas pelos fonemas, letras, átomos que o homem manipula para construir o que chama de realidade. Nós inventamos, criamos teorias e erigimos com base nelas não só a História mas também narrativas que tudo explicam; falo não apenas da religião, pois a ciência também nasce como ficção — e às vezes subsiste bastante com essa natureza —, se é que algum dia deixa de ser discurso para se tornar fato..."

ONDE ENCONTRAR



Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Bernardo Parreiras Salgueirinho:
O meu livro está no Clube de Autores (**clubedeautores.com.br/livro/personagens-2**). Também tenho um blog: **ecosprosaicos.blogspot.com**.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Bernardo Parreiras Salgueirinho:
A leitura vem se expandindo no Brasil. As políticas públicas de cotas e de expansão do ensino superior têm trazido bons resultados. Não é mais verdade afirmar que o brasileiro não lê. Estamos caminhando para uma melhoria do acesso ao ensino e, consequentemente, da leitura.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Bernardo Parreiras Salgueirinho:
Sim, estou concluindo um livro de ensaios, artigos, crônicas e memórias chamado "*Refrões da Cidade*". E, em seguida, publicarei mais um livro de contos, este de trabalhos mais recentes. Além disso, continuo no blog, sempre escrevendo.

PERGUNTAS RÁPIDAS

Um livro:	*Ensaio sobre a cegueira*
Um ator ou atriz:	Marieta Severo
Um filme:	*O som ao redor*
Um hobby:	Ler
Um dia especial:	hoje — sempre o presente



Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Bernardo Parreiras Salgueirinho:
Para quem gosta de literatura, sempre vale a pena conferir novos autores. Para quem não gosta, sempre é tempo de dar uma chance aos livros.

SUA HISTÓRIA MERECE SER LIDA.

PACOTE
DE DIVULGAÇÃO PARA
AUTORES

PROMOVA O SEU LIVRO COM A GENTE!

> PALAVRAS INSPIRAM. DIVULGAÇÃO TRANSFORMA *LEITORES* EM FÃS.



AUMENTE SUA VISIBILIDADE
Sua obra em destaque para milhares de leitores.

PROMOVA SEU LIVRO
Divulgação estratégica em nossos canais.

CONQUISTE NOVOS LEITORES
Alcance quem ama boas histórias.

PACOTE DE DIVULGAÇÃO

POR APENAS

R$ 180,00

ENTRE EM CONTATO

CLIQUE AQUI

UM BOM LIVRO MERECE SER LIDO.
E DIVULGADO!

E-MAIL:
ademir@divulgalivros.org

SITE:
revistaconexaoliteratura.com.br

JUNTE-SE A CENTENAS DE AUTORES QUE JÁ TRANSFORMARAM SEUS LIVROS EM GRANDES CONEXÕES!

ENTREVISTA

Daniel Pereira Pondé

Juiz de Direito, poeta e autor de *O Anjinho dos Livros*



Sobre o autor

Daniel Pereira Pondé nasceu em Salvador, em 1983. Juiz de Direito no Tribunal de Justiça da Bahia e graduado em Direito pela Universidade Estadual de Feira de Santana, faz da experiência no Judiciário e na vida matéria de literatura. É autor de *Código Processual Poético*, em que cruza o fazer poético e a linguagem jurídica. Foi finalista do Prêmio da Livraria Asabeça (2008) e recebeu o Prêmio Calmon de Passos (2009), da OAB-BA. Publicou poemas e contos em antologias (inclusive aqui na Revista Conexão Literatura).

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Daniel Pereira Pondé:
Sempre gostei muito de ler, mas não fui uma criança escritora, com escrita precoce. Apenas quando já estava na Universidade, cursando Direito, fui tomado pelo ímpeto de escrever poemas, mas sem qualquer ambição de publicação. Logo após a formatura, um poema chamado "Eu se poeta" se revelou para mim, quase de uma vez só, e senti nele uma qualidade a mais em relação ao que já havia escrito até então. Calhou de estar aberto um concurso literário da Livraria Asabeça e inscrevi o poema, tendo ele sido escolhido entre os dez finalistas. Acontece que os finalistas tinham que escrever um livro completo até um prazo fixado pela comissão e a melhor obra seria publicada pela Editora Scortecci. Eu não tinha na época nem cinco poemas com qualidade suficiente para integrar um livro. Mesmo assim não desisti, tentei tirar algum minério do cascalho e mal e mal terminei o livro a tempo de enviar para a comissão. Não ganhei, óbvio, mas ter sido escolhido como finalista é um orgulho que carrego até hoje.

Nunca deixei de escrever poemas, mas o poema é sempre um rasgo na rotina, mesmo para os poetas constantes. Somente bem recentemente revisitei aquele livro gerado para o concurso e publiquei o *Código Processual Poético*; foi como um alvará liberatório para outras publicações.

Após a juventude poética, na qual o espanto é mais constante (o poema nasce da surpresa, do susto ou da epifania), decidi me aventurar pela prosa ficcional. Tenho dois romances pela metade, não tive ainda o fôlego de maratonista para os terminar, mas pretendo.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "*O Anjinho dos Livros*", poderia comentar?

Daniel Pereira Pondé:

Sim, é um livro de contos que nada tem de infantil, como o nome pode sugerir. Na verdade, o primeiro nome do livro era "*O Diabinho da Tecnologia*", mas decidi alterar, levando em conta principalmente a mensagem final do último conto. O livro perpassa pela questão da importância da leitura bem quando todos sucumbimos perante a sociedade da distração. Mas acho que o diabinho da tecnologia e o anjinho dos livros podem conviver, apesar de minha preferência por este último.

Após a escrita do livro, que foi rápida, fiquei quase um ano sem ter o que fazer com ele, pois não desejava mais a autopublicação, que não me satisfez na época do "*Código Processual Poético*". Fiquei pesquisando algumas editoras que poderiam ter o perfil do livro e decidi que no meu mundo ideal ele seria publicado pela Editora Patuá. Sem muita expectativa, enviei o livro apenas para a Patuá em uma chamada de originais e "*O Anjinho dos Livros*" foi selecionado para publicação.

Acho o trabalho da Editora Patuá muito bonito, os editores e proprietários publicam com muita qualidade e não cobram nada dos autores, apenas o esforço da divulgação. Como quase não uso as redes sociais, estou em um dilema, pois preciso fazer com que a obra circule para retribuir a confiança e o investimento da editora, ao mesmo tempo em que não tenho a simpatia dos algoritmos, pois não os regava nem com uma gota.

Voltando ao livro, ele tem um caráter satírico e mostra a transformação do ser humano após a revolução da vigilância autoimposta, em que tudo vira matéria para conteúdo de redes sociais. Eu escrevi o livro que gostaria de ler, escutando o célebre conselho de Toni Morrison.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Daniel Pereira Pondé:
Em relação aos meus romances (inacabados), o processo de criação é esquecer do mundo e escrever, com constância. É um trabalho de engenheiro, arquiteto e pedreiro ao mesmo tempo, mas o trabalho de pedreiro no caso do romancista é o mais importante, pelo menos o mais urgente, até que se tenha uma primeira versão, o que ainda não consegui, por total falta de tempo.

O poema, pelo menos para mim, vem como uma mordida, ou como um sopro, desde que você esteja em um estado mental para o receber. Ele surge como se estivesse em uma corrida de cem metros rasos, mas depois é necessária a dilapidação, lapidação ou envio ao lixo, se for o caso.

Acredito que na criação o conto se assemelha mais ao poema do que ao romance. Primeiro vem a ideia, uma imagem ou um final e depois a lapidação, o esforço de linguagem. Com certeza o principal é o processo de reescrita.

Minha inspiração principal no conto é Rubem Fonseca, o que não quer dizer que meu estilo seja sequer parecido, ele traz contos muito vivos e tem uma precisão vocabular cínica que poucos conseguem atingir. Se eu carrego alguma coisa dele em meus contos é a mistura da erudição com a linguagem chula.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Daniel Pereira Pondé:
Vou destacar o início de dois contos. O primeiro, do conto de abertura do livro, no qual a protagonista gera um filho em um reality show envolvendo a disputa genética pela paternidade, e o segundo, do conto chamado “Arrimo de Família”, no qual a protagonista de doze anos é uma influenciadora digital que sustenta a família e decide que não quer mais produzir conteúdo, gerando um caos familiar.

> "A quarta fase da revolução industrial não está baseada na robótica, como se esperava no final do século XX, mas no fato de que agora todo mundo tem um *reality show* em casa. Sim, presentemente, faz todo sentido instalar um outdoor no próprio quintal. O Grande Irmão nem precisa mais vigiar, porque todos querem ser vigiados. Não há mais revolução dos bichos, só autorrevelação dos bichos".

> "— Mãe, a partir de amanhã, não quero mais produzir conteúdo.
>
> O pai quase se engasgou com o cuscuz. A família estava jantando depois da gravação do início da refeição. Os vídeos de Natasha sustentavam a família desde os oito anos. Na semana anterior, ela havia completado doze, com uma festa que fora transmitida via live especial, patrocinada pela maior produtora de eventos infantis do país".

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Daniel Pereira Pondé:
Meu livro já está vendendo pela Editora Patuá. É muito fácil fazer a compra direto pelo site deles, já comprei vários com facilidade, antes mesmo de sequer imaginar ser publicado pela Editora. Sobre o resto da pergunta, até por conta da minha profissão, sou muito reservado nas redes sociais. Meu trabalho literário publicado é curto ainda, algumas antologias, um livro de poemas pelo Clube de Autores (*Código Processual Poético*) e agora "*O Anjinho dos Livros*" pela Editora Patuá. Tenho um perfil discreto no Instagram, ativado apenas para divulgar o livro e um mais antigo no Facebook. Vou deixar meu email caso algum futuro leitor deseje trocar mensagens sobre o livro: **danielpponde@yahoo.com.br.**

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Daniel Pereira Pondé:
Apesar de ser um dogma literário, que serve também para ser quebrado, aqui eu vou invocar o "*Show, don't tell*". O livro "*O Anjinho dos Livros*" já mostra a minha análise, até inconsciente e não premeditada, sobre o tema. Convido o leitor desta prestigiada revista literária a descobrir no livro, sem que eu necessite contar aqui.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Daniel Pereira Pondé:

Pretendo terminar os dois romances inacabados que escrevi, mas isso é para um futuro talvez distante. No momento a minha urgência maior é fazer *"O Anjinho dos Livros"* circular e chegar aos leitores dele, que já existem e talvez ainda não saibam. Alguns descobriram agora lendo essa entrevista, risos.

PERGUNTAS RÁPIDAS

Um livro:	*O Senhor das Moscas*, de William Golding
Um ator ou atriz:	Kate Winslet, ela pode fazer qualquer papel
Um filme:	*O Carteiro e o Poeta*
Um hobby:	Cinema
Um dia especial:	Minha posse como Juiz de Direito

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

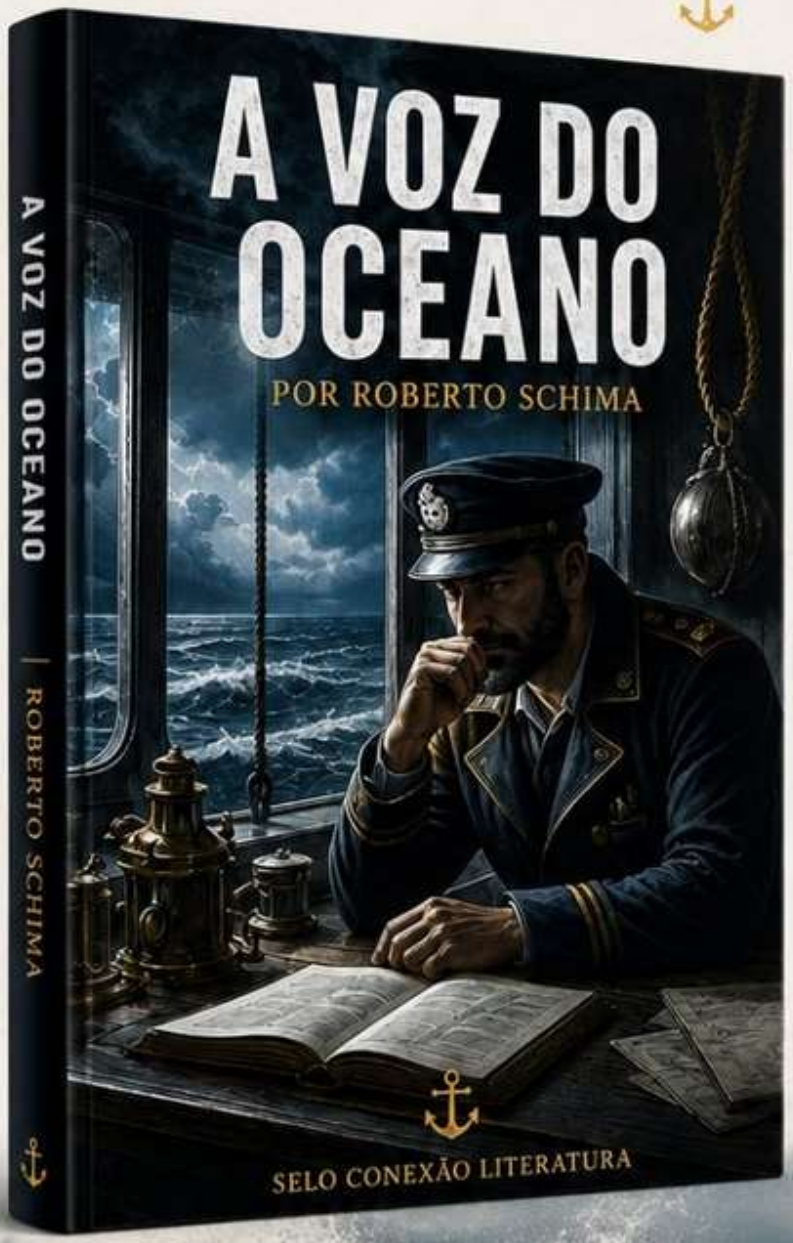
Daniel Pereira Pondé:

Desejo agradecer a oportunidade dessa entrevista e parabenizá-los pelo excelente trabalho. Ao mesmo tempo, peço aos leitores que adquiram os livros da Editora Patuá é fortaleçam uma editora independente, que faz um real esforço para que a literatura circule com qualidade, sem depender das grandes editoras e dos grandes conglomerados do varejo. Prova dessa qualidade foi a divulgação recente dos semifinalistas do Prêmio Jabuti, com seis livros da Patuá.





> *"Eu escrevi o livro que gostaria de ler."*
>
> — Daniel Pereira Pondé



A voz que vem do mar.

UMA HISTÓRIA DE CORAGEM E DESTINO
Um comandante marcado pela infância e guiado pelo oceano.

NATUREZA QUE TRANSFORMA
Entre tempestades, descobertas e mistérios, o mar revela o que há de mais profundo.

AVENTURA, MEMÓRIAS E SUPERAÇÃO
Mais que uma jornada, uma busca por pertencimento e liberdade.

A VOZ DO OCEANO

POR ROBERTO SCHIMA

"Uma narrativa que navega fundo na alma humana e nas águas da existência."

Uma história envolvente sobre memória, coragem e o chamado do desconhecido. Ideal para leitores que buscam emoção, reflexão e grandes aventuras.

SELO CONEXÃO LITERATURA

DOWNLOAD GRATUITO: CLIQUE AQUI

ENTREVISTA

MINI KAT

Duas Vidas, Uma Mentira – trilogia O Segundo Eu



Mini Kat é a autora da trilogia *O Segundo Eu*, que abre com *Duas Vidas, Uma Mentira* – a história de uma mulher dividida entre a vida que construiu e aquela que nunca deixou de viver em segredo. O livro nasceu de uma pergunta simples: o que aconteceria se a pessoa que mais amas tivesse uma vida inteira que nunca conheceste? A Claire e a Wren começaram a falar com ela no sofá, tarde da noite, quando a casa finalmente ficava em silêncio. Mini Kat é também cantora e compositora: a música do seu EP *Finds* nasceu do mesmo universo do livro. Vive em Portugal, onde é, acima de tudo, mãe.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Mini Kat: Já tinha três projetos antes deste, mas *Duas Vidas, Uma Mentira* foi a minha primeira incursão a sério no romance - o primeiro que decidi mesmo deixar chegar aos leitores, em vez de ficar só numa gaveta.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "*Duas Vidas, Uma Mentira*", poderia comentar?

Mini Kat: *Duas Vidas, Uma Mentira* é o primeiro livro da trilogia *O Segundo Eu*. Conta a história de Claire Bennett, uma mulher com a vida que toda a gente parece querer, um marido que ama, dois filhos, uma carreira de sucesso e que, há dezassete anos, vive também como Wren, agente de uma divisão secreta que persegue predadores que mais ninguém consegue tocar. Não escrevi este livro para construir um puzzle bonito de resolver; escrevi porque queria perceber o que sobra de nós quando já não conseguimos manter as duas versões separadas.



Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Mini Kat: Escrevo sobretudo tarde da noite, no sofá, quando a casa fica finalmente em silêncio, sem grande esquema, só uma app de notas.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Mini Kat: A epígrafe do livro resume bem o tom:

"Há pessoas que vivem uma vida. Claire Bennett vivia duas e mentia às duas."

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Mini Kat: *Duas Vidas, Uma Mentira* está disponível na Amazon, em edição digital e em capa mole, em português, inglês e espanhol. Para acompanhar o meu trabalho, livros e música, podem encontrar-me no Instagram, **@minikatoficial**.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura na atualidade?

Mini Kat: Acho que a leitura não está a morrer, está a mudar de porta de entrada. Vejo isso todos os dias no meu próprio trabalho: muita gente descobre um livro hoje através de um vídeo de 30 segundos no Instagram ou no TikTok, não de uma prateleira de livraria. Pode parecer superficial, mas não é. É só o primeiro passo mais curto até ao mesmo lugar de sempre, alguém a vestir-se de outra vida dentro de um livro. O que me preocupa menos é o formato por onde a leitura entra, e mais garantir que, depois de entrar, a história aguenta a atenção de quem ficou.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Mini Kat: Sim. *Duas Vidas, Uma Mentira* é só o primeiro livro da trilogia *O Segundo Eu*. Já estou a trabalhar na continuação, que segue a história da Claire/Wren – *Duas Vidas, Um Segredo*, para ser apresentado em 2027.

PERGUNTAS RÁPIDAS

Um livro: *Gone Girl* de Gillian Flynn - mesmo território temático: mulher, máscara, mentira bem guardada.

Um ator ou atriz: Rosamund Pike - já viveu exatamente este tipo de personagem, fria por fora e inteira por dentro.

Um filme: *Salt*, com Angelina Jolie - mulher que pode ou não ser quem diz ser, a viver uma identidade secreta. É basicamente a Wren em versão cinema.

Um hobby: escrever tarde da noite, no sofá, com uma app de notas, ligando diretamente à minha própria bio.

Um dia especial: o dia em que *Duas Vidas, Uma Mentira* saiu pela primeira vez para o mundo.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

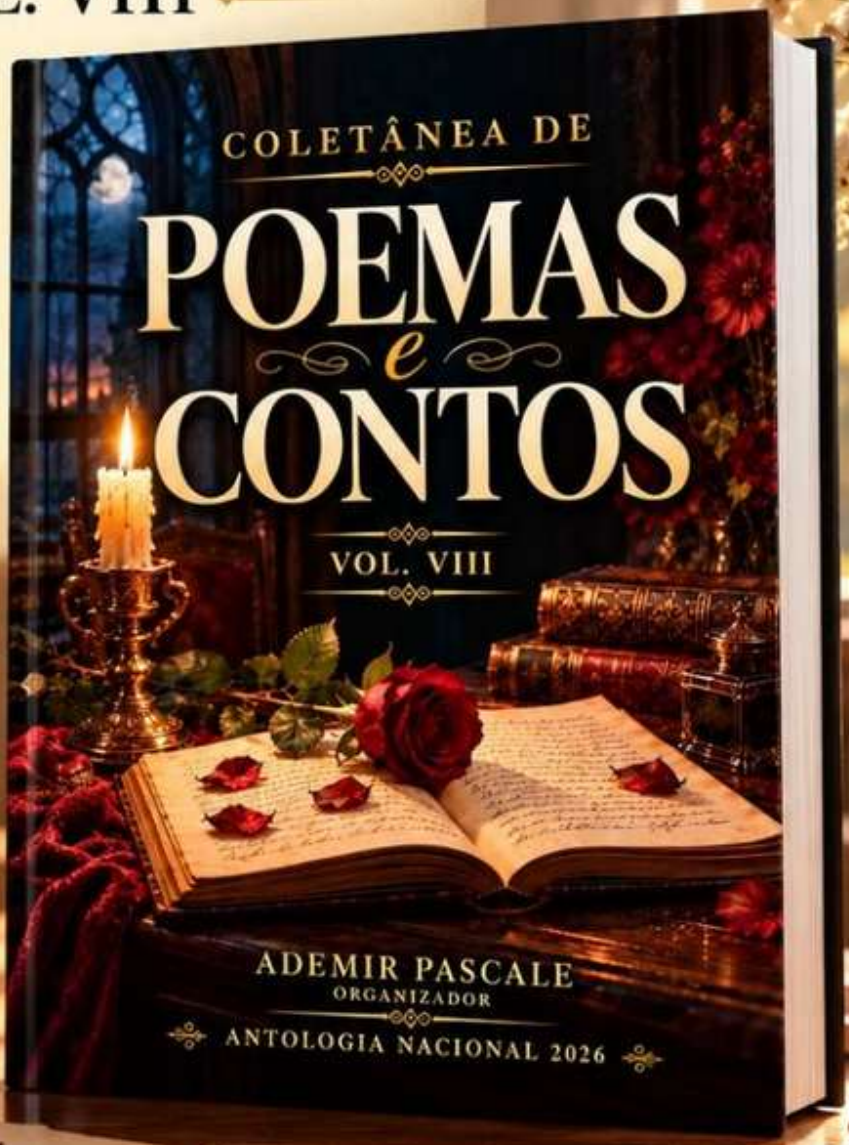
Mini Kat: Obrigada por teres chegado até aqui. Todos nós temos uma parte que não mostramos, não porque sejamos falsos, mas porque sobreviver, às vezes, pede isso. Escrevi este livro a pensar nessas partes escondidas, e se ao lê-lo paraste, ainda que por um segundo, a pensar nas tuas próprias, já fizeste com ele exactamente o que eu esperava. Obrigada por me teres dado esse tempo. Significa mais do que imaginas.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

COLETÂNEA DE POEMAS E CONTOS

VOL. VIII



E-BOOK

saiba mais: clique aqui

REGIS LEE

escritor e jornalista



Regis Lee é escritor e jornalista, pós-graduado em Direito Público e Filosofia, e há mais de 30 anos faz da literatura e da comunicação o seu ofício. Seus romances transitam entre o suspense psicológico e o thriller, sempre atentos ao que há de mais complexo nas relações humanas.

Suas histórias nascem da observação do comportamento humano e dos mecanismos de poder que operam nos bastidores da sociedade. Entre suas obras estão *O Jardim das Memórias Mortas*, *Acima da Suspeita – A Face Oculta do Poder* e *O Terceiro Selo do Último Papa*.

Para Regis, a literatura é mais que entretenimento: é um jeito de questionar e transformar. Por isso, seus livros deixam o leitor com perguntas que continuam ecoando depois da última página.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Regis Lee: Antes de existir um escritor, existia um menino de 12 ou 13 anos que escrevia suas dores em pedaços de jornal. Eram noites mal dormidas, palavras improvisadas, e uma inquietação enorme que ele ainda não sabia nomear. Escrever era o jeito que eu tinha de sobreviver às ruas, aos medos e às minhas próprias perguntas. Eu precisava encontrar algum sentido para o que acontecia comigo.

Aquilo, com o tempo, ganhou forma de livro. Em 2001, publiquei *Cicatrizes da América Latina*, minha primeira obra, lançada exclusivamente em Portugal. Desde então, minha trajetória tem sido marcada pelo mistério, pelos conflitos humanos e por um olhar atento às contradições da sociedade. No fundo, eu transformo inquietações e sombras da condição humana em histórias, porque a verdade é que minha literatura nasceu da dor.

Conexão Literatura: Você é autor do livro *"O Jardim das Memórias Mortas"*, poderia comentar?

Regis Lee: É um livro muito íntimo para mim. Enquanto escrevia, percebi que estava colocando nas páginas coisas que guardei em silêncio por muito tempo: o que vivi, as pessoas que conheci, as perdas, as decepções e as marcas que certas experiências deixam na gente.

Não é uma história autobiográfica, mas seria mentira dizer que não existe um pedaço da minha vida ali. Personagens nasceram de pessoas que passaram pelo meu caminho, conflitos nasceram de situações que presenciei, e algumas dores simplesmente encontraram um lugar para morar dentro da história.

Por isso o título é tão particular para mim. O livro fala daquilo que tentamos enterrar para continuar vivendo, mas que, de alguma forma, continua vivo dentro de nós. Talvez a essência seja esta: certas memórias podem até adormecer, mas nunca deixam de fazer parte de quem somos.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Regis Lee: Meu processo quase sempre começa com uma observação. Raramente me sento diante da página em branco sabendo o que vou escrever. Pode ser uma conversa ouvida por acaso, um gesto, uma situação qualquer que me deixa inquieto.

Aos poucos, essa inquietação ganha forma: surge um personagem, um conflito, uma pergunta que não me larga. E, quando percebo, já existe uma história pedindo para ser contada. Muitas vezes, tenho a sensação de que não sou eu quem escolhe as histórias, são elas que me encontram.

Minha literatura nasce muito do que vivo no dia a dia e, principalmente, das dores humanas. As pessoas são minha maior inspiração, com suas contradições, seus medos e, sobretudo, aquilo que tentam esconder. O cotidiano é uma fonte inesgotável de literatura.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Regis Lee: Como já disse, *O Jardim das Memórias Mortas* tem muito de mim, e talvez por isso este seja um dos trechos que mais amo. Ele traduz algo que atravessa toda a minha escrita: a tentativa de preservar a humanidade mesmo quando tudo ao redor parece ter desmoronado.

> *"No canto escuro da cela, ele escrevia palavras em um pedaço de jornal velho. Anotava o que vinha à mente, o que machucava, o que ele tinha sido antes que tudo virasse um caos.*
> *Era a sua maneira de continuar sendo gente, ou pelo menos de tentar.*
> *Porque ali, naquele buraco feito de concreto e grades, Raul Lorenzo não era mais um exemplo a ser seguido, nem um monstro.*
> *Ele era apenas o homem que enterrou o sol."*

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Regis Lee: Minhas obras estão na Amazon. E convido o leitor a me acompanhar no Instagram, **@regismlee**, onde divido um pouco da minha trajetória, dos bastidores da escrita, dos meus livros e das histórias que ainda estão por vir.

Para mim, a relação com o leitor não termina quando ele fecha o livro. Adoro ouvir as impressões, as interpretações e até aquilo que a história despertou nele. Porque, quando um livro chega às mãos de alguém, ele deixa de ser só do autor e passa a fazer parte da história de quem o lê.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Regis Lee: Vejo com um misto de preocupação e esperança. Ainda temos obstáculos grandes: o acesso aos livros, o preço, a formação de leitores, a falta de incentivo desde a infância. Mas também enxergo uma vontade enorme de ler, principalmente entre os jovens, quando encontram histórias que conversam com a realidade deles e despertam a curiosidade.

Ler não pode ser só obrigação escolar. A leitura precisa dar prazer, alimentar a imaginação e o pensamento crítico. Um país que lê aprende a questionar, a compreender o outro e a si mesmo.

Como escritor, sinto que a nossa responsabilidade não é apenas escrever livros, é ajudar a formar novos leitores. Cada pessoa que descobre o prazer de ler abre uma porta que antes não existia. E talvez seja essa a maior força de um livro: ele pode mudar uma vida em silêncio, sem fazer barulho, só colocando uma nova pergunta dentro de quem o lê.

Por isso, meu convite é simples: escolha um livro, abra as páginas e comece. Leia para você, para seus filhos, para alguém que ainda não descobriu esse prazer. Incentive uma pessoa a ler. A transformação de um país começa com um livro nas mãos das pessoas.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Regis Lee: Sempre tem. Quem escreve nunca fica realmente sem uma história na cabeça. Agora, estou trabalhando na adaptação de *Cicatrizes da América Latina*, meu primeiro livro, para que ele finalmente chegue ao Brasil. A ideia é lançar em 2027.

Esse projeto mexe muito comigo. Foi o livro que abriu meu caminho como escritor, nasceu numa fase decisiva da minha vida e carrega muito do que eu pensava e sentia naquela época. Trazer essa história para os leitores brasileiros, tantos anos depois, é uma forma de reencontrar o meu próprio passado e fechar um ciclo.

PERGUNTAS RÁPIDAS

Um livro: *O Profeta*, de Gibran Khalil Gibran

Um ator ou atriz: Daniel Day-Lewis

Um filme: *Meu Pé Esquerdo*

Um hobby: Observar pessoas em silêncio e imaginar as histórias que elas escondem

Um dia especial: Um dia comum em que todos que amo estão à mesa

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Regis Lee: Talvez eu apenas dissesse que a vida é feita das histórias que contamos, mas também daquelas que escolhemos guardar em segredo. Escrever sempre foi minha maneira de compreender um pouco melhor o mundo e, principalmente, a mim mesmo.

No fim, todos nós somos personagens de uma história que ainda está sendo escrita. E talvez a literatura exista justamente para nos lembrar de que, enquanto houver uma página em branco, ainda existe a possibilidade de recomeçar.



DÊ VISIBILIDADE À SUA MARCA

E ALCANCE MUITO MAIS

PESSOAS!



CLIQUE AQUI

E VEJA A OPÇÃO 2 E 3

MAIS VISIBILIDADE

MAIS RESULTADOS

MAIS CLIENTES

ANUNCIE E FAÇA A DIFERENÇA!

- **DESTAQUE** SUA MARCA
- **ALCANCE** O PÚBLICO CERTO
- **IMPULSIONE** SEUS RESULTADOS

CLIQUE AQUI E COLOQUE SUA MARCA *em evidência!*

Impedidos de Amar
uma promessa feita à irmã

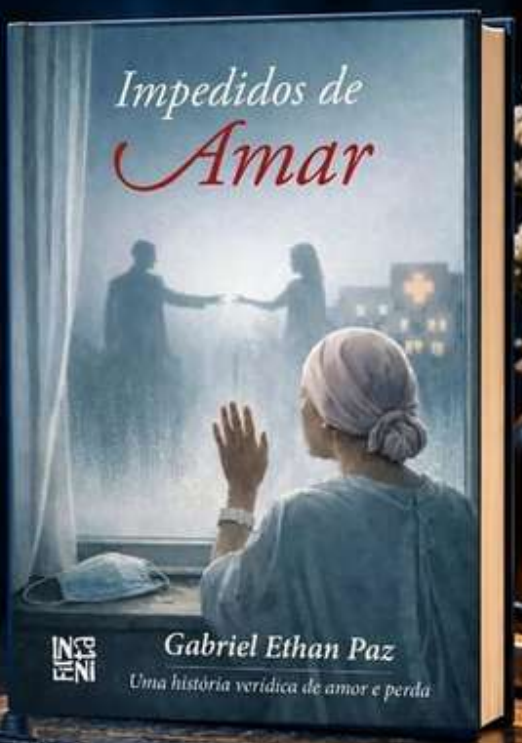


Gabriel Ethan Paz

INTRODUÇÃO:

A Revista Conexão Literatura tem a alegria de receber Gabriel Ethan Paz, escritor português que transforma sentimentos, memórias e experiências de vida em palavras carregadas de sensibilidade e emoção. Com uma trajetória profissional marcada por experiências internacionais e uma paixão pela literatura, pela música e pelas viagens, o autor apresenta em Impedidos de Amar uma história real e profundamente comovente, inspirada na vivência de sua família durante a pandemia de Covid-19.

Nesta entrevista, vamos conhecer um pouco mais sobre sua trajetória, seu processo criativo e os sentimentos que deram origem a essa obra tão íntima e humana. Seja muito bem-vindo à Revista Conexão Literatura, Gabriel! É um prazer compartilhar sua história e seu trabalho com nossos leitores.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

Impedidos de Amar aborda uma história real da sua família, marcada pelo diagnóstico de cancro em meio à pandemia de Covid-19. Como surgiu a necessidade de transformar uma experiência tão dolorosa e íntima em um livro, e o que o motivou a compartilhar essa história com os leitores?

GABRIEL ETHAN PAZ:

A decisão de partilhar esta história nasce de um compromisso que assumi com a minha irmã poucos dias antes do seu falecimento. Prometi-lhe que faria tudo o que estivesse ao meu alcance para dar a conhecer a sua resiliência, a sua luta incansável contra a adversidade e a extraordinária força de vontade com que enfrentou a doença. Esta é, acima de tudo, uma homenagem à sua coragem, mas também uma forma de inspirar e apoiar outras mulheres que possam vir a confrontar-se com uma semelhante tragédia pessoal. Gostaria que a sua história pudesse servir de exemplo, de força e de motivação para que ninguém desista de combater os desafios e as consequências devastadoras do cancro. Expor uma dor tão íntima é extremamente difícil. É também, de certa forma, um acto de coragem. Digo-o sem qualquer pudor ou intenção de valorização pessoal. Após tudo o que a minha família viveu, tornar públicos a história, o sofrimento e a dor que nos marcaram exigiu uma profunda reflexão. Contudo, o compromisso que assumi falou mais alto. E foi esse compromisso, aliado ao desejo de honrar a memória da minha irmã, que me deu a determinação necessária para partilhar este testemunho.



Quando o amor não pode abraçar

Há dores que ultrapassam os limites da linguagem.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

O título Impedidos de Amar transmite a angústia de quem, mesmo desejando estar perto de alguém querido, precisa manter distância. Qual foi o momento mais marcante dessa experiência que o senhor sentiu necessidade de eternizar nas páginas da obra?

GABRIEL ETHAN PAZ:

Nunca conseguirei traduzir plenamente em palavras aquilo que sentimos quando soubemos que a Elisabete, minha irmã e figura central desta história, tinha sido diagnosticada com cancro. A dor dessa notícia foi ainda mais avassaladora pelo facto de estarmos impedidos de manter qualquer contacto físico com ela, devido às restrições impostas pela pandemia de Covid-19. O período de quarentena e o isolamento a que todos estávamos sujeitos, criaram um muro invisível entre nós. Enquanto a Elisabete procurava lidar com o impacto devastador do diagnóstico, sentia também a ausência daqueles que mais amava. Não porque nos tivéssemos afastado, mas porque as circunstâncias não nos permitiam estar presentes da forma que o seu sofrimento exigia. Receber uma notícia desta dimensão sem o abraço dos pais, sem a proximidade da família e sem o conforto dos amigos é um peso quase impossível de suportar. Fomos privados da possibilidade de lhe dar carinho, amor, coragem e aquele abraço silencioso que tantas vezes vale mais do que qualquer palavra. Explicar o que sentimos nessa altura é, ainda hoje, uma tarefa quase impossível. Há dores que ultrapassam os limites da linguagem. Por mais que se tente descrevê-las, as palavras revelam-se insuficientes. O que vivemos foi uma dor profunda, dilacerante e, para quem não a experimentou, dificilmente imaginável.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

A pandemia impôs barreiras físicas e emocionais a inúmeras famílias, especialmente àquelas que enfrentaram doenças graves durante o período de isolamento. De que maneira essa realidade tornou a experiência da sua família ainda mais difícil e transformou sua percepção sobre os vínculos afetivos?

GABRIEL ETHAN PAZ:

Todas essas barreiras constituíram uma aprendizagem profunda para muitos de nós. No caso da minha família, revelaram-se uma lição de vida tão marcante que alterou significativamente a forma como passámos a olhar para as nossas relações e a valorizar o tempo que partilhamos. A experiência atribuiu um novo significado ao amor, à amizade e à proximidade física, essa presença humana tantas vezes subestimada e, afinal, tão necessária. O nosso elo familiar saiu mais forte e mais consciente da sua importância. Aprendemos que os afetos não podem ficar dependentes das circunstâncias, nem adiados para um momento mais conveniente. Desde então, adotámos uma forma diferente de viver. Procuramos estar mais presentes na vida uns dos outros, encontrando tempo para visitar, conversar, almoçar em família ou simplesmente partilhar momentos que fortaleçam os nossos laços e o nosso convívio. Em suma, compreendemos que o tempo investido na família nunca é tempo perdido. Pelo contrário, é talvez o tempo mais valioso das nossas vidas. Hoje, preferimos dedicar esse tempo a quem amamos do que acumulá-lo na procura de coisas efémeras e, muitas vezes, sem verdadeiro significado.

Escrever para libertar

Escrever não era um exercício de sofrimento, mas de libertação.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

Na sinopse, encontramos uma escrita intensa, repleta de metáforas e imagens poéticas para expressar a dor, a saudade e a impotência. Como foi o processo de encontrar as palavras certas para traduzir sentimentos tão profundos sem perder a autenticidade da experiência vivida?

GABRIEL ETHAN PAZ:

Confesso que a escrita deste livro me consumiu milhares de horas. Houve frases que reescrevi vezes sem conta, numa busca incessante pelas palavras certas, aquelas que conseguissem traduzir com fidelidade o que realmente sentia. Grande parte da obra foi escrita durante a noite. Colocava os auscultadores, deixava que uma melodia suave de piano preenchesse o silêncio e entregava-me à escrita. As mãos deslizavam sobre o teclado enquanto as memórias regressavam com toda a sua intensidade. Em muitas dessas noites, as lágrimas acompanhavam cada palavra. Foram inúmeras as ocasiões em que a minha esposa acordou durante a madrugada e me encontrou na sala, a chorar em silêncio ou incapaz de conter a emoção. Chegou a recear que a escrita desta história pudesse mergulhar-me numa tristeza ainda mais profunda. Procurei tranquilizá-la, explicando-lhe que isso jamais aconteceria. Escrever não era um exercício de sofrimento, mas de libertação. Era a forma de expulsar emoções e sentimentos que permaneciam aprisionados dentro de mim: a revolta, a indignação, a impotência e a sensação de injustiça perante o destino cruel que se abateu sobre a vida da minha irmã. Desde o primeiro momento, quis que esta fosse uma história acessível e facilmente compreendida por qualquer leitor. Mas desejava igualmente que fosse um relato profundamente humano, emotivo e verdadeiro, capaz de transmitir com autenticidade as emoções que todos fomos vivendo ao longo daquele percurso. Por isso, o cuidado com as palavras constituiu a minha maior preocupação. Cada frase foi ponderada, revista e sentida. Porque, quando se escreve sobre quem amamos, as palavras deixam de ser apenas palavras: tornam-se memória, testemunho e, de certa forma, uma forma de eternidade.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

Sua biografia revela uma trajetória profissional na área de marketing, com experiências no cenário internacional, antes de se dedicar à escrita. O que despertou essa vontade de explorar a literatura e como sua experiência profissional e pessoal contribuiu para a construção da sua identidade como escritor?

GABRIEL ETHAN PAZ:

Considero-me uma pessoa privilegiada por ter encontrado a carreira profissional certa. A Indústria Farmacêutica contribuiu decisivamente para a pessoa que sou hoje. Tornou-me mais disciplinado, mais preparado, mais analítico e mais ágil na avaliação de cenários e na tomada de decisões.

Deu-me igualmente a oportunidade de conhecer o mundo. Viajei por dezenas de países, contactei com diferentes culturas e aprendi que uma mesma realidade pode ser observada e interpretada de formas profundamente distintas. Muitas vezes, perante desafios profissionais complexos, procurava analisá-los à luz dessas diferentes perspetivas culturais. Esse exercício permitiu-me, não raras vezes, encontrar soluções e tomar decisões que dificilmente teria considerado de outra forma.



Verdade e liberdade

A escrita assenta, para mim, em dois pilares fundamentais: a verdade e a liberdade.

GABRIEL ETHAN PAZ (continuação):
A minha identidade como escritor, contudo, nasceu muito antes da minha carreira profissional. Acompanha-me desde a infância. Recordo com especial carinho um professor da escola primária, em Almada, o Professor Rufino. No meu último ano escolar, disse-me algo que jamais esqueci: que eu possuía uma imaginação invulgarmente fértil e que os meus textos revelavam uma utilização rica de adjetivos, imagens e metáforas. Aconselhou-me a escrever um livro um dia. Essas palavras permaneceram comigo ao longo dos anos. Mais tarde, ao ser reformado por invalidez na sequência de graves problemas de saúde que me obrigaram a um longo período de internamento hospitalar, vi-me confrontado com uma realidade inesperada: tinha, pela primeira vez em muitos anos, tempo para parar, refletir e redescobrir quem era para além da minha atividade profissional.

Foi então que decidi construir de forma consciente o meu percurso enquanto autor. Aquilo que durante décadas fora apenas uma voz interior transformou-se numa necessidade criativa e numa forma de realização pessoal. Escrevo porque encontro na escrita um espaço absoluto de liberdade. Escrevo por amor às histórias, às pessoas e às emoções que nos definem. E escrevo porque acredito que algumas experiências merecem ser preservadas para além da fragilidade da memória, encontrando nas palavras uma forma de permanecer vivas.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:
O senhor afirma que a escrita permite libertar sua voz calada e revelar afetos que permanecem ocultos. A literatura funciona, para o senhor, como uma forma de autoconhecimento, de desabafo emocional ou de diálogo com outras pessoas que enfrentam sentimentos semelhantes?

GABRIEL ETHAN PAZ:
A escrita assenta, para mim, em dois pilares fundamentais: a verdade e a liberdade. Quando falo em verdade, refiro-me à obrigação moral de escrever a partir das emoções, dos sentimentos e das experiências que vivemos ou testemunhamos. Acredito que escrever é, acima de tudo, um exercício de observação e de empatia, uma tentativa de compreender o que sentimos e o que aqueles que nos rodeiam estão realmente a viver. O meu primeiro livro, *De Rédeas Soltas*, é um reflexo dessa filosofia. Embora se trate de uma obra de poesia e prosa poética, os textos que a compõem nasceram de pensamentos, experiências e vivências reais, minhas ou de pessoas cuja proximidade me permitiu compreender profundamente as suas emoções.

O segundo pilar é a liberdade. Para mim, escrever implica a capacidade de expressar sentimentos de forma limpa, clara e genuína, sem condicionamentos externos e sem a preocupação de corresponder a expectativas, agradar a leitores ou satisfazer qualquer outra entidade. Procuro que cada texto preserve a sua autenticidade original. Sem filtros desnecessários, sem concessões artificiais e sem ornamentos destinados apenas a embelezar aquilo que já possui valor pela sua própria verdade. Creio que a literatura alcança a sua maior força quando nasce da honestidade. Quando o autor tem a coragem de se mostrar tal como é, sem máscaras nem artifícios, cria-se uma ligação única entre quem escreve e quem lê. É esse espaço de liberdade e verdade que procuro habitar sempre que me sento para escrever.

Os pequenos gestos de amor



no final, não são os grandes feitos que permanecem na memória, mas sim os gestos simples de amor que soubemos oferecer uns aos outros ao longo do caminho.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

O livro apresenta uma reflexão sobre a fragilidade da vida, as mudanças inesperadas e a maneira como o sofrimento pode alterar nossa percepção do mundo. Depois de escrever Impedidos de Amar, algo mudou na sua forma de compreender o amor, o tempo e a importância dos pequenos gestos cotidianos?

GABRIEL ETHAN PAZ:

A maioria das pessoas talvez não acredite na minha resposta, mas ela é absolutamente genuína. Sempre fui um homem de afetos intensos. Nunca concebi a vida através de sentimentos superficiais, passageiros ou desprovidos de profundidade. Para mim, amar sempre significou entrega, proximidade e compromisso. De certa forma, tudo o que vivi durante a doença da minha irmã veio confirmar aquilo em que sempre acreditei. Não alterou a minha visão do amor; reforçou-a. Tornou-me ainda mais convicto da importância de relações fortes, autênticas e vividas com intensidade. Acredito num amor presente, próximo e quotidiano. É a única forma de amar que realmente faz sentido para mim.

Se houve algo que verdadeiramente mudou, foi a forma como passei a olhar para a fragilidade da vida e para o sofrimento humano. Essas experiências ensinaram-me o valor extraordinário dos pequenos gestos e a sua capacidade de transformar o dia de alguém. Mostraram-me que um telefonema, uma mensagem, um abraço, uma visita inesperada ou uma simples palavra podem ter um impacto muito maior do que imaginamos. Hoje sou uma pessoa mais atenta aos detalhes. Mais consciente da importância das pequenas demonstrações de carinho, amizade, solidariedade e consideração pelos outros. Com frequência, dou por mim a pensar de que forma posso estar mais presente na vida das pessoas que amo e daqueles que tenho o privilégio de chamar amigos.

Talvez essa seja uma das maiores lições que retirei de tudo o que vivi: no final, não são os grandes feitos que permanecem na memória, mas sim os gestos simples de amor que soubemos oferecer uns aos outros ao longo do caminho.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

O mar, a natureza, as viagens e a música ocupam um lugar especial na sua vida, sendo fontes de inspiração e serenidade. De que maneira esses elementos influenciam sua escrita e ajudam a equilibrar a intensidade emocional dos temas que aborda em suas obras?

GABRIEL ETHAN PAZ:

A minha relação com cada um desses elementos é distinta, porque cada um deles desperta em mim algo diferente.

No mar encontro a paz e a serenidade necessárias para pensar. Muitas vezes desloco-me até à praia e deixo que a minha mente se liberte ao ritmo da maresia e da rebeldia das ondas. Ali encontro um equilíbrio emocional que me permite regressar à escrita com maior clareza e lucidez.

Com a natureza mantenho uma relação de profundo respeito e admiração. Ela transmite-me uma sensação de permanência e autenticidade que me ajuda a organizar os pensamentos e a encontrar a objetividade necessária para escrever. A natureza tem a extraordinária capacidade de nos recordar aquilo que é essencial.

As viagens ocupam igualmente um lugar muito especial na minha vida. Gosto de compará-las às especiarias na culinária: não são o prato principal, mas são elas que lhe conferem sabor e identidade. Cada viagem acrescenta novas emoções, novas perspetivas e novas formas de interpretar o mundo. Funcionam como um vasto catálogo de experiências humanas que mais tarde encontro refletidas nos meus textos e personagens.



O amor permanece

o amor resiste ao tempo, à doença, à distância e ao destino.

GABRIEL ETHAN PAZ (continuação):
E depois existe a música. Confesso que dificilmente conseguiria imaginar a minha vida sem ela. A música é o alimento da minha criatividade. É a força invisível que me permite desprender das preocupações do quotidiano e entregar-me por completo à escrita. Quando escrevo, a música não acompanha apenas as palavras; acompanha também as emoções que lhes dão origem.

Talvez seja por isso que a considero uma das maiores influências da minha vida. Ela conduz o ritmo do que escrevo, mas também, em muitos momentos, o ritmo de como vivo. É a melodia silenciosa que orienta as rédeas da minha imaginação e da minha liberdade criativa.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:
Ao compartilhar uma história verídica e tão delicada, o senhor também permite que outros leitores encontrem nela suas próprias dores, lembranças e formas de superação. Que mensagem gostaria de deixar às pessoas que perderam alguém, enfrentaram o isolamento durante uma doença ou ainda convivem com a dor de não terem podido demonstrar todo o seu amor?

GABRIEL ETHAN PAZ:
Antes de mais, partilho com esses leitores uma passagem do meu livro que, acredito, traduz aquilo que muitos sentiram ou continuam a sentir:

"A alma já não vive. Sem razão ou emoção. Não transpira nem suspira. Não conforta, apenas se comporta tal placebo ineficaz. Parou o tempo. É onda débil que vai e vem sem cessar em praia inóspita. Nevoeiro intenso, tempestade de areia. Desligou-se o botão, a vontade. Já não se vive, mas tão-somente se sangra."

Creio que este é, provavelmente, o sentimento comum a muitas pessoas que perderam alguém que amavam profundamente, que enfrentaram a solidão da doença ou que ficaram marcadas pela impossibilidade de demonstrar todo o amor que traziam dentro de si. A tristeza, o desencanto, a sensação de vazio, a revolta perante a injustiça da vida e a aparente ausência de um caminho capaz de devolver significado aos dias.

Contudo, a experiência que vivi e a história que relato neste livro ensinaram-me algo que hoje me permito partilhar humildemente.

Para o explicar, recorro a outra passagem da obra:

"Este livro é isso: a prova de que o amor resiste ao tempo, à doença, à distância e ao destino. A prova de que uma vida pode ser tão intensa que permanece a pulsar mesmo depois do último fôlego. A prova de que a morte não nos despoja de tudo, porque aquilo que é verdadeiro permanece."

Essa é, talvez, a principal mensagem que gostaria de deixar. A dor não desaparece. A saudade nunca abandona por completo aqueles que amaram de forma genuína. Mas o amor também não desaparece. Permanece nas memórias, nos gestos que aprendemos com quem partiu, nos valores que nos transmitiu e na marca indelével que deixou na nossa vida.

Por mais difícil que seja atravessar o luto, devemos recordar que o amor verdadeiro não termina com a ausência física. Ele transforma-se. Encontra outras formas de existir. E é precisamente nessa permanência que podemos encontrar força para continuar a viver, a honrar quem partiu e a agradecer o privilégio de ter amado e sido amado.

Se este livro puder ajudar uma única pessoa a compreender que a perda não apaga o amor, então toda a dor que vivi a escrevê-lo terá valido a pena.

Próximos passos e onde encontrar

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

Para finalizar, quais são seus próximos projetos literários e como os leitores interessados em Impedidos de Amar poderão adquirir o livro, acompanhar as novidades da sua carreira e conhecer melhor seu trabalho como escritor?

GABRIEL ETHAN PAZ:

Os meus próximos projetos literários incluem dois romances muito distintos entre si, mas igualmente desafiantes do ponto de vista humano e emocional.

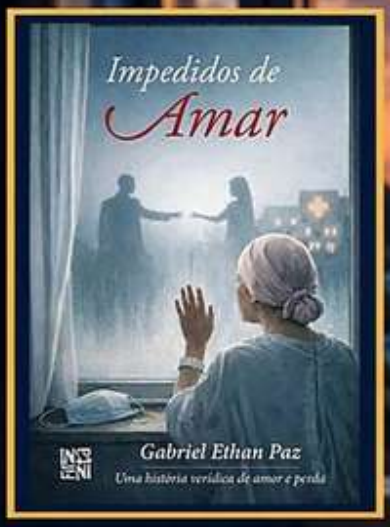
O primeiro intitula-se *A Última Transgressão*, um romance de ficção que acompanha a história de um jovem quase prodígio, brilhante na escola, no desporto e dotado de extraordinárias capacidades informáticas. Após ser diagnosticado com leucemia, decide dedicar os seus últimos tempos de vida a ajudar pessoas carenciadas. Contudo, perante a impotência de quem vê o sofrimento alheio e a desigualdade social, toma uma decisão tão ousada quanto controversa: utiliza os seus conhecimentos de hacker para desviar milhões e distribuí-los por quem mais necessita. No final, a grande questão permanece em aberto: será ele culpado ou inocente? Caberá ao leitor formular o seu próprio julgamento.

O segundo romance, baseado numa história verídica, tem como título *Da Simplicidade de um Monte*. Trata-se da emocionante história de um casal humilde, nascido numa pequena aldeia do interior, afastada do progresso e de muitas das oportunidades consideradas essenciais. Movidos pelo desejo de proporcionar um futuro melhor aos seus filhos, abandonam a terra natal e enfrentam os desafios da vida na cidade. É uma narrativa sobre sacrifício, perseverança, amor familiar e superação, culminando num desfecho profundamente surpreendente.

Convido todos os leitores que desejem conhecer melhor o meu percurso literário a visitarem a minha página oficial de autor em www.gabrielethanpaz.com, onde poderão encontrar informação sobre as minhas obras, projetos futuros e ligações para as minhas redes sociais. Tanto no Facebook como no Instagram, uma simples pesquisa por Gabriel Ethan Paz permitirá acompanhar o meu trabalho mais de perto.

Quanto ao livro *Impedidos de Amar*, estará disponível em Portugal e no Brasil através de diversos canais de distribuição. Em Portugal, poderá ser adquirido na livraria virtual da Editora In-Finita, bem como em cadeias livreiras como a FNAC, WOOK e Bertrand. No Brasil, estará disponível através da Amazon, da Estante Virtual, da rede de parceiros da Editora In-Finita e em diversos eventos e encontros literários que decorrerão ao longo do ano.

Acima de tudo, espero que *Impedidos de Amar* seja mais do que um livro. Espero que seja um testemunho de amor, resiliência e esperança. Se a história da Elisabete conseguir tocar o coração de alguém, ajudar uma pessoa a enfrentar um momento difícil ou recordar a importância de amar sem reservas enquanto temos essa oportunidade, então terá cumprido plenamente a sua missão.



ONDE COMPRAR

Portugal: livraria virtual da Editora In-Finita, FNAC, WOOK e Bertrand.

Brasil: Amazon, Estante Virtual e rede de parceiros da Editora In-Finita.

ACOMPANHE

www.gabrielethanpaz.com

Facebook e Instagram: Gabriel Ethan Paz

A Revista Conexão Literatura agradece a Gabriel Ethan Paz pela disponibilidade em compartilhar conosco um pouco de sua trajetória e dos sentimentos que deram vida a Impedidos de Amar. Desejamos muito sucesso ao autor e esperamos que sua obra encontre muitos leitores dispostos a acolher essa história e refletir sobre a importância do amor, da presença e dos laços que nos unem.

Ademir Pascale
Editor-Chefe · www.revistaconexaoliteratura.com.br

Maria Cecilia de Lima
Girassóis a caminho



Maria Cecilia de Lima

Minibiografia

Maria Cecilia de Lima é psicanalista, formada em Recursos Humanos, escritora de oito livros e idealizadora da personagem Lanaluz, que faz parte de todos os seus livros.

Acredita que cada pessoa carrega um universo de histórias e que, na escuta atenta, encontra o caminho para a transformação.

Escrever, para ela, é transformar sentimentos em palavras. É dar voz às pessoas, acolher diferenças, provocar reflexões e mostrar que, por trás de cada história, existe uma vida que merece ser respeitada.

Escreve porque acredita que a literatura pode educar, sensibilizar, aproximar pessoas e mudar olhares.

Seus livros carregam um pouco de si, de suas vivências, de suas lutas e, principalmente, de seu compromisso com o CUIDADO.

Não escreve apenas para contar histórias. Escreve para tocar corações, despertar consciências e deixar um pouquinho de luz por onde suas palavras passarem.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

MARIA CECILIA DE LIMA:

Meu início no meio literário nasceu do desejo de transformar ideias, experiências e inquietações sociais em histórias capazes de tocar as pessoas. Sempre acreditei que a educação, a cultura e o cuidado podem transformar vidas. A literatura surgiu como mais uma maneira de levar essas mensagens adiante. Ao longo da minha trajetória, percebi que os livros podem abrir portas para conversas importantes e aproximar pessoas de várias gerações. Foi assim que comecei a transformar meus projetos e propósitos em livros. Para mim, escrever nunca foi apenas contar histórias, mas criar oportunidades de reflexão, empatia e mudança.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

Você é autora do livro Girassóis a Caminho. Poderia comentar?

MARIA CECILIA DE LIMA:

Sim, sou autora do livro *Girassóis a Caminho*, uma obra muito especial para mim, que aborda o universo do autismo com sensibilidade e respeito. Acredito que cada pessoa tem seu próprio tempo, suas particularidades e sua maneira de florescer. O livro busca contribuir para a conscientização, combater preconceitos e mostrar a importância do acolhimento e da inclusão. Escolhi o girassol como imagem de crescimento e possibilidades. Afinal, incluir é compreender que não precisamos ser iguais para caminhar juntos.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

MARIA CECILIA DE LIMA:

Meu processo de criação começa, muitas vezes, com uma inquietação, uma experiência vivida, uma conversa ou uma situação que merece ser olhada com mais atenção. Minha trajetória nos projetos sociais, o contato com diferentes realidades e meu compromisso com o CUIDADO são fontes constantes de inspiração. Gosto de escrever sobre aquilo que pode provocar reflexão e despertar sentimentos. Quero que meus livros tenham leveza, imaginação e sensibilidade, mas também tragam questões importantes para a sociedade. Quando escrevo, penso na possibilidade de uma história ultrapassar as páginas e produzir algo positivo na vida de alguém.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

MARIA CECILIA DE LIMA:

Pais atípicos, vocês não estão sozinhos. O mundo ainda vai ouvir suas vozes. Quando a vida pede coragem: e a voz das mães grita. Minha história: aprendi na marra a me fortalecer no meio do caos e, muitas vezes, a carregar nas costas não só meu filho, mas também o despreparo da sociedade, o descaso das autoridades e a indiferença de quem deveria acolher. Um mundo que não veio com manual, mas que chegou carregado de desafios, incertezas, preconceitos e, principalmente, da descoberta de um amor sem medida. Porque ser pais atípicos neste país é enfrentar jornadas exaustivas. É lidar com diagnósticos que demoram, filas infinitas, falta de profissionais, ausência de políticas públicas, olhares julgadores e portas que se fecham. Mas também é sobre esperança, resiliência. Mesmo em meio às tempestades, eu e meu marido construímos pontes, redes de apoio e encontramos em nós uma força que nem sabíamos que tínhamos.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

MARIA CECILIA DE LIMA:

Site: https://cecilialimaterapeuta.com - WhatsApp: (11) 987417445

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

MARIA CECILIA DE LIMA:

A leitura no Brasil ainda é um grande desafio, devido ao mundo das telas em que estamos vivendo. Tudo acontece em uma velocidade que precisa ser tratada com responsabilidade coletiva. Não basta dizer que as pessoas precisam ler; é necessário criar condições para que os livros estejam acessíveis, especialmente às crianças e às famílias que têm menos oportunidades. Precisamos fortalecer bibliotecas, projetos de leitura nas escolas, iniciativas comunitárias e ações que aproximem o livro da realidade das pessoas. Também considero importante valorizar os escritores brasileiros e ampliar os espaços para novos autores. A leitura não deve ser vista apenas como uma obrigação escolar, mas como uma oportunidade de desenvolver a imaginação, o pensamento crítico, a empatia e a autonomia. Uma criança que descobre o prazer de ler pode encontrar nos livros não apenas conhecimento, mas novas possibilidades para sua própria história.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

Existem novos projetos em pauta?

MARIA CECILIA DE LIMA:

Sim, continuo desenvolvendo projetos literários e culturais que dialogam com a educação, as emoções, a diversidade e as relações humanas. Entre eles, está o fortalecimento do universo da Lanaluz, uma heroína atrapalhada, personagem que criei para levar mensagens de conscientização, criatividade e cuidado a diferentes gerações. Também estou trabalhando na construção de uma marca literária que possa ampliar a divulgação dos meus livros e abrir espaço para outros autores e suas produções. Meu desejo é que esse projeto se torne, futuramente, um espaço de valorização da literatura e da cultura. Acredito que ainda tenho muitas histórias para contar e muitas ideias para tirar do papel.

PERGUNTAS RÁPIDAS

Um livro: Fernão Capelo Gaivota.
Um ator ou atriz: Ari Fontoura.
Um filme: Extraordinário.
Um hobby: Fazer caminhadas.
Um dia especial: Natal.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

Deseja encerrar com mais algum comentário?

MARIA CECILIA DE LIMA:

Que minhas palavras possam plantar sementes de CUIDADO, respeito e esperança, porque cada história pode iluminar um novo caminho. Gratidão!

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

UNIVERSO DA POESIA

VOL. XII

Uma coletânea que celebra a força da poesia em todas as suas formas.

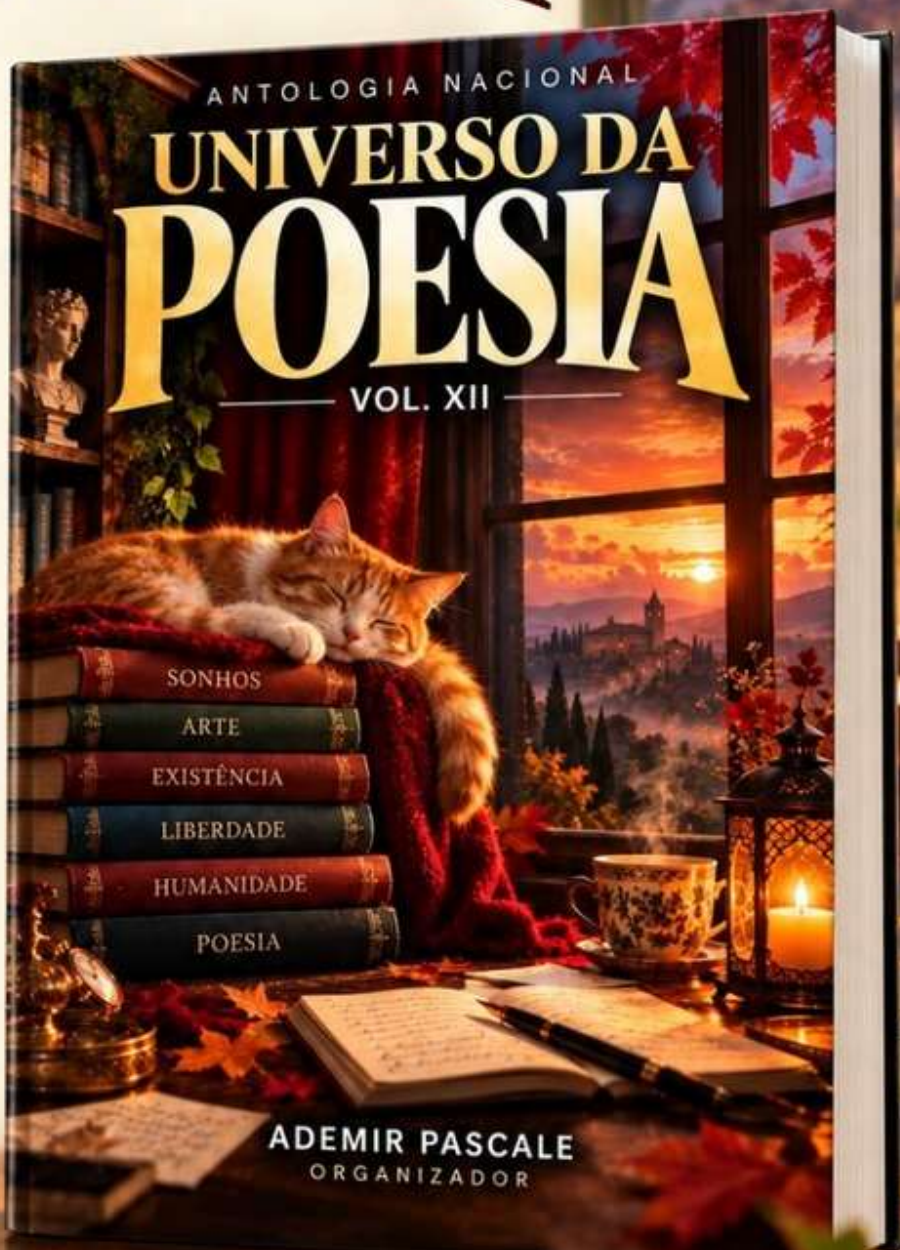
SONHOS
PALAVRAS QUE INSPIRAM

ARTE
EXPRESSÕES QUE TRANSFORMAM

EXISTÊNCIA
REFLEXÕES QUE TOCAM

LIBERDADE
VOZES QUE CONECTAM

HUMANIDADE
POESIA QUE UNE PESSOAS

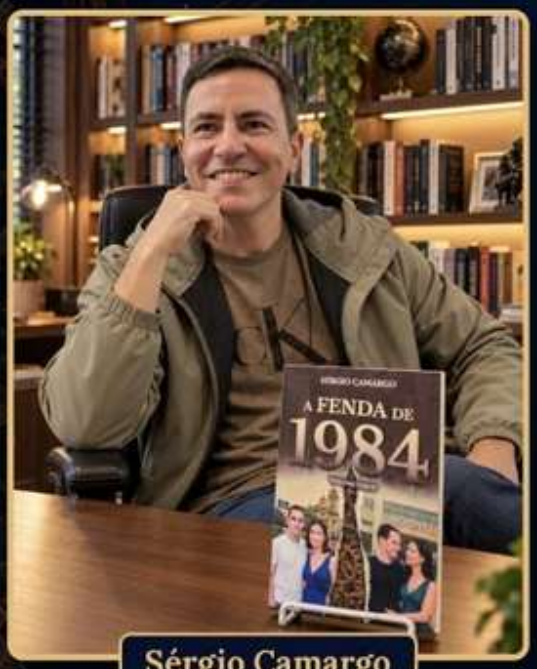


E-BOOK

PARTICIPE E FAÇA PARTE DESTE UNIVERSO DE EMOÇÕES, IDEIAS E SENTIMENTOS!

saiba mais:
clique aqui

Sérgio Camargo
A Fenda de 1984



Sérgio Camargo

Minibiografia

Sérgio Camargo, ex-policial civil de São Paulo, atuou por 12 anos como Investigador de Polícia na capital de São Paulo, tendo trabalhado no GARRA. Hoje reside em Valinhos, interior de São Paulo, é empresário, fundador e CEO da Camargo Expansão, incorporadora do ramo imobiliário, e proprietário de academias. Filho de professores de português, teve desde cedo a influência literária dentro de casa.



Capa do livro

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

SÉRGIO CAMARGO:

Minha mãe, além de professora, é escritora há mais de 30 anos. Agora, com a vida mais estabilizada profissionalmente, pude ter tempo de colocar as ideias no papel e dar vida às histórias.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

Você é autor do livro "A Fenda de 1984", poderia comentar?

SÉRGIO CAMARGO:

Este livro traz a história de um jovem policial que, inexplicavelmente, parte do seu ano original, 2002, para 1984, um ano em que ele já existe como criança, mas que não viveu como adulto. Inseri no livro muitos contextos reais, de forma que o leitor fica imerso no contexto de 1984, com informações sobre esportes, música, política, arquitetura etc.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

SÉRGIO CAMARGO:

Neste caso, teve muita referência na minha vida, na minha família e na minha vivência; diversas personagens do livro tiveram bases reais. O Eduardo é uma espécie de Helena (Manoel Carlos). Às vezes repito essa personagem em outras obras, com diferenças de realidade, mas com a personagem no eixo da história. O tema de viagem no tempo sempre me fascinou, e a temática dos anos 80 também tem a admiração de boa parte da sociedade. Mas, no meu ponto de vista, a ficção científica é plano de fundo para o livro e não o tema principal: esse trata-se de relação pessoal, família e amor.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

SÉRGIO CAMARGO:

Quando eu escrevo, eu vivo a história. Para mim, o momento que mais me emocionou foi o encontro de Eduardo com seu pai jovem. Marcou para mim porque meu pai faleceu há cerca de 2 anos e a personagem foi inspirada nele. Acredito que o livro leve essa emoção ao leitor.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

SÉRGIO CAMARGO:

A *Fenda de* 1984 está disponível na Estante Virtual, Amazon, Martins Fontes e na página da Scortecci Editora. Também tenho um perfil no Instagram para essa minha carreira literária: @escritor_sergio_camargo. Por lá estarei sempre atualizando as próximas obras.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

SÉRGIO CAMARGO:

Estive presente na Bienal do Livro de São Paulo e notei uma alta no segmento. Contudo, vejo esse aumento nichado em categorias específicas e não vejo, de forma automática, que esse alto número de pessoas represente um aumento de leitores de forma diversificada. Ainda assim, vejo com bons olhos as novas gerações tendo interesse em livros.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

Existem novos projetos em pauta?

SÉRGIO CAMARGO:

Estou com o próximo livro já 100% escrito e registrado. O nome é: *As Estradas de Chronos*. Já está sendo revisado por uma editora, inclusive com interesse em transformar em audiovisual. Porém, como estou tendo bons resultados nas vendas de *A Fenda de* 1984, estou segurando esse lançamento.

LEVE PARA CASA · A FENDA DE 1984

Disponível na Estante Virtual, Amazon, Martins Fontes e na página da Scortecci Editora. Acompanhe o autor no Instagram: @escritor_sergio_camargo

Perguntas rápidas

Um livro: *A Coragem da Esperança* (Leandro Karnal)

Um ator ou atriz: Stallone

Um filme: *Em Algum Lugar do Passado*

Um hobby: Jiu-jitsu

Um dia especial: O dia em que entrei na carreira policial

REVISTA CONEXÃO LITERATURA:

Deseja encerrar com mais algum comentário?

SÉRGIO CAMARGO:

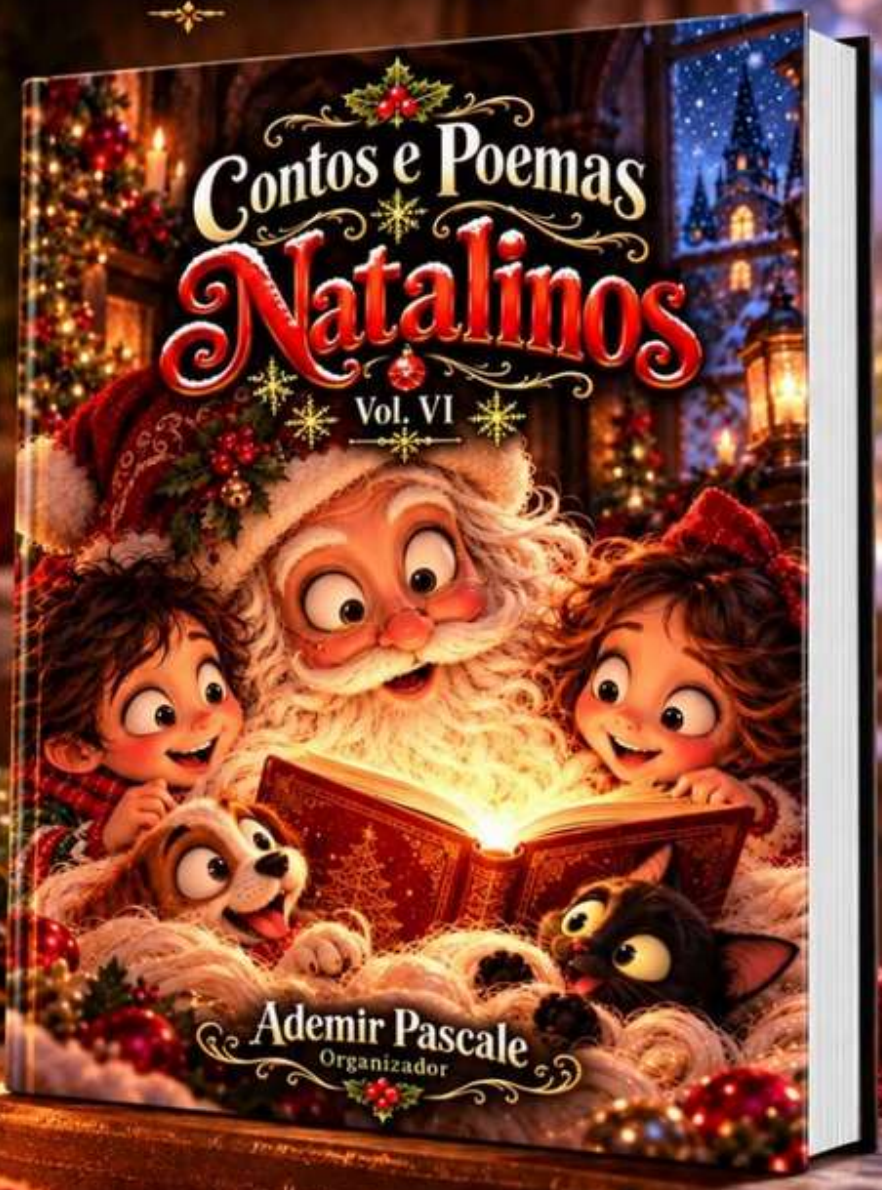
Sim, gostaria de mandar uma mensagem para os leitores: busquem além dos autores consagrados, valorizem os autores nacionais, valorizem a arte brasileira, seja literária ou qualquer outra forma.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

CONTOS E POEMAS NATALINOS

VOL. VI

E-BOOK



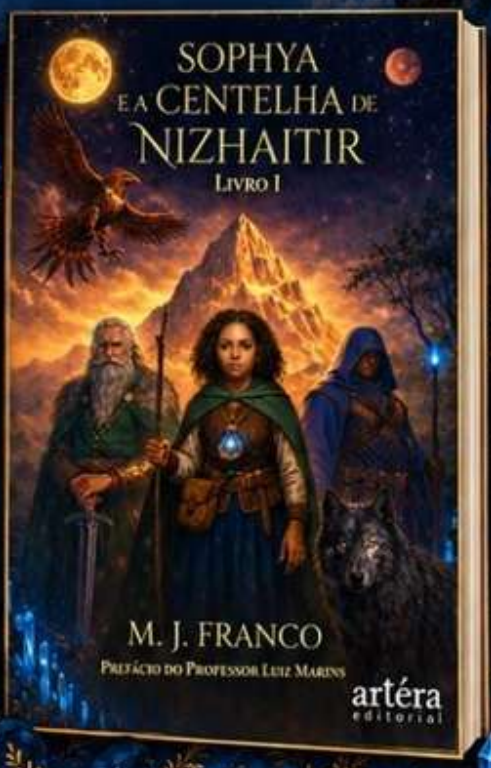
saiba mais: clique aqui

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA
EDIÇÃO DE NOVEMBRO/2026

M. J. FRANCO

SOPHYA E A CENTELHA DE NIZHAITIR – LIVRO I





SOBRE O AUTOR

M. J. Franco nasceu em Americana, no interior de São Paulo. Empresário, administrador de empresas e especialista em marketing, sempre conciliou sua trajetória profissional com uma profunda paixão pela literatura. Desde a juventude, encontrou nas obras de Tolkien, Lewis e outros grandes autores inspiração para explorar universos fantásticos e histórias marcadas por valores humanos.
A chegada de Sophya à sua vida despertou o desejo de transformar um antigo sonho em realidade, dando origem ao seu primeiro romance, Sophya e a Centelha de Nizhaitir, volume inicial da Saga Terra-Nizhaitir. Sua escrita reflete a convicção de que a literatura pode inspirar, transformar vidas e renovar a esperança. Acredita que todos carregamos uma centelha de luz capaz de iluminar o mundo ao nosso redor.

ENTREVISTA

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

M. J. Franco: Minha relação com a literatura começou muito antes de eu imaginar que um dia me tornaria escritor. Desde a juventude, sempre fui um leitor apaixonado por histórias capazes de nos transportar para outros mundos e, ao mesmo tempo, nos fazer refletir sobre o nosso próprio. Autores como J. R. R. Tolkien e C. S. Lewis exerceram uma influência profunda sobre minha formação, despertando em mim o fascínio pela fantasia e por narrativas que exploram valores como amizade, coragem, lealdade, sacrifício e esperança.

Embora minha trajetória profissional tenha seguido os caminhos da administração de empresas, do empreendedorismo e do marketing, a literatura jamais deixou de fazer parte da minha vida. Durante muitos anos, carreguei comigo o desejo de escrever uma grande história, com personagens marcantes, um universo próprio e, acima de tudo, uma mensagem que pudesse tocar o coração das pessoas. Entretanto, faltava algo que eu ainda não sabia definir. E foi justamente quando Sophya entrou em minha vida que tudo começou a fazer sentido. Nossa conexão afetiva despertou em mim uma inspiração extraordinária, como se aquela pequena centelha que permanecera adormecida durante tantos anos finalmente encontrasse a oportunidade de brilhar.

Foi assim que nasceu Sophya e a Centelha de Nizhaitir, meu primeiro romance e o início de uma saga de fantasia épica planejada em três volumes. Portanto, considero que minha entrada no universo literário aconteceu de uma maneira muito especial: não como uma mudança repentina de profissão, mas como a realização de um sonho cultivado ao longo de toda uma vida.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Sophya e a Centelha de Nizhaitir - Livro I", poderia comentar?

M. J. Franco: Sophya e a Centelha de Nizhaitir é uma obra de fantasia épica e aventura que representa, para mim, muito mais do que a realização de um sonho literário. É uma história que nasceu do desejo de explorar questões profundamente humanas por meio de um universo fantástico, onde coragem, amizade, lealdade, sacrifício e esperança desempenham papéis tão importantes quanto a própria magia.

A narrativa acompanha Sophya, uma menina de apenas doze anos, marcada pelo luto da perda da sua mãe, que, ao encontrar um misterioso cristal, vê sua vida mudar completamente. Sem compreender a verdadeira dimensão daquela descoberta, ela acaba envolvida em uma jornada extraordinária que a conduzirá a Nizhaitir, um mundo ancestral repleto de povos fascinantes, criaturas lendárias, mistérios e perigos.

Ao longo dessa aventura, Sophya encontrará personagens que terão importância fundamental em sua trajetória, como Darsus, Lyusara e Saitor, cada qual com suas próprias histórias, virtudes, fragilidades e segredos. Juntos, enfrentarão desafios que colocarão à prova não apenas sua coragem, mas também seus sentimentos, suas convicções e os laços que os unem.

Entretanto, acredito que o aspecto mais importante da obra esteja na transformação de sua protagonista. Sophya não é uma heroína invencível. É uma menina que sente medo, comete erros, enfrenta dúvidas e precisa amadurecer para compreender o verdadeiro significado da responsabilidade que lhe foi confiada. Seu crescimento acontece ao longo da jornada, e considero essa evolução um dos elementos mais emocionantes da narrativa.

O livro também apresenta ao leitor os primeiros caminhos de Terra-Nizhaitir, um universo que concebi para abrigar uma saga de três volumes, com uma mitologia própria, personagens marcantes e acontecimentos que ultrapassam os limites desta primeira aventura.

Mas, acima de tudo, existe uma mensagem que atravessa toda a história: a de que cada um de nós carrega uma centelha interior, uma luz que, por menor que pareça, possui o potencial de crescer, superar a escuridão e iluminar muitos caminhos.

Meu desejo é que o leitor encontre em Sophya e a Centelha de Nizhaitir não apenas uma aventura emocionante, mas também uma oportunidade de refletir sobre suas próprias escolhas, seus sonhos e a extraordinária capacidade que todos temos de fazer a diferença. E posso garantir que, ao longo dessa jornada, muitas surpresas o aguardam. Afinal, em Nizhaitir, nem tudo é exatamente o que parece ser.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

M. J. Franco: Acredito que meu processo criativo começa muito antes de eu me sentar diante de uma página em branco. Ele nasce da observação da vida, das experiências que acumulamos, das pessoas que conhecemos e, principalmente, dos sentimentos e questionamentos que carregamos ao longo de nossa existência. Sempre fui fascinado pela capacidade que a literatura possui de transformar experiências humanas em histórias extraordinárias. Desde a juventude, encontrei nas obras de autores como J. R. R. Tolkien, C. S. Lewis e outros grandes nomes da literatura uma fonte inesgotável de inspiração, especialmente pela maneira como construíram universos fantásticos sem perder de vista questões essenciais à condição humana.

Quando comecei a desenvolver Sophya e a Centelha de Nizhaitir, percebi que não bastava imaginar um mundo repleto de criaturas, paisagens e acontecimentos extraordinários. Era necessário dar a esse universo uma identidade própria, uma história, uma lógica interna e, sobretudo, personagens que despertassem sentimentos verdadeiros no leitor.

Meu processo de criação procura equilibrar imaginação e planejamento. Gosto de compreender os caminhos que pretendo percorrer, os conflitos que movimentam a narrativa e o papel que cada personagem desempenha na construção da história. Entretanto, também procuro preservar a liberdade criativa, permitindo que determinadas situações e emoções encontrem seu próprio desenvolvimento durante a escrita.

Uma das minhas maiores preocupações é fazer com que os personagens não sejam definidos apenas por suas virtudes ou habilidades, mas também por suas fragilidades, dúvidas e contradições. Afinal, acredito que são justamente essas características que os tornam próximos de nós, mesmo quando habitam mundos completamente imaginários.

Minhas inspirações também vêm de valores nos quais acredito profundamente: a amizade, a lealdade, a coragem, o amor incondicional, a capacidade de superação e a possibilidade de redenção. São temas que considero universais e que, de alguma maneira, sempre encontram espaço nas histórias que desejo contar.

E, naturalmente, Sophya ocupa um lugar muito especial nesse processo. Nossa conexão afetiva foi o elemento que transformou um antigo desejo de escrever em uma história concreta, dando vida a personagens e cenários que, até então, habitavam apenas minha imaginação.

Talvez eu possa resumir meu processo criativo dizendo que a imaginação constrói os mundos, as experiências de vida dão profundidade aos personagens, mas são os sentimentos que verdadeiramente dão alma às histórias.

No fim, meu maior desafio como escritor é justamente esse: criar algo que pareça extraordinário aos olhos do leitor, mas que, de alguma forma, seja profundamente verdadeiro ao seu coração.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

M. J. Franco: Essa é uma escolha particularmente difícil, porque Sophya e a Centelha de Nizhaitir é uma obra repleta de momentos de grande intensidade emocional, alguns profundamente comoventes, outros surpreendentes, que considero essenciais para a experiência do leitor. E, naturalmente, não gostaria de antecipar acontecimentos ou revelar detalhes que comprometessem as descobertas ao longo da narrativa.

Entretanto, há uma passagem, logo no início da jornada, pela qual tenho um carinho especial.

Sophya acaba de chegar a Nizhaitir. Está sozinha em um mundo completamente desconhecido, distante de tudo aquilo que ama e conhece. Assustada, confusa e tomada por um profundo sentimento de abandono, ela ainda não consegue compreender o que lhe aconteceu, muito menos imaginar os desafios que a aguardam.

É justamente nesse momento de extrema fragilidade que algo extraordinário acontece. Uma presença misteriosa, envolta em uma ternura quase inexplicável, aproxima-se de Sophya e lhe transmite uma sensação de acolhimento, proteção e amor. Por alguns instantes, o medo parece perder sua força, e a menina encontra um conforto que não imaginava ser possível naquele lugar tão estranho.

Não revelarei mais do que isso, porque acredito que a beleza dessa passagem está justamente naquilo que o leitor irá sentir e descobrir por si mesmo.

Essa cena traduz muito do que procurei transmitir ao longo da obra: mesmo quando nos sentimos completamente perdidos, quando a solidão parece insuportável e todas as nossas certezas desaparecem, ainda pode existir uma luz capaz de nos alcançar e devolver a esperança.

Acredito que algumas das passagens mais poderosas de uma história não são necessariamente aquelas em que grandes batalhas são travadas, mas aquelas em que um coração ferido encontra uma razão para continuar.

E posso assegurar aos leitores que essa é apenas uma das muitas cenas emocionalmente marcantes que encontrarão ao longo da jornada de Sophya.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

M. J. Franco: Os leitores interessados em conhecer Sophya e a Centelha de Nizhaitir - Livro I podem adquirir a obra de diversas maneiras. O livro está disponível no site da Editora Appris, na Amazon e em outras livrarias online, facilitando o acesso de leitores de diferentes regiões do Brasil.

Também existe a possibilidade de adquirir o livro diretamente comigo, por meio do meu perfil de autor no

Instagram, @autor.mauricio.franco. Essa é uma alternativa da qual gosto particularmente, pois permite um contato mais próximo com os leitores, além da possibilidade de oferecer materiais especiais relacionados ao universo da obra, como o mapa da travessia, um marcador de páginas personalizado e uma carta de agradecimento.

Pelo Instagram, os leitores também podem acompanhar novidades sobre a Saga Terra-Nizhaitir, conhecer um pouco mais sobre os personagens, descobrir curiosidades dos bastidores da criação e acompanhar os próximos passos desse universo literário que está apenas começando.

Mais do que conquistar novos leitores, meu desejo é construir uma comunidade de pessoas que compartilhem o entusiasmo pela literatura fantástica e pelas mensagens de amizade, coragem, esperança e transformação que procurei transmitir nessa história.

Será uma enorme alegria receber cada novo leitor nessa jornada. Afinal, a aventura começa nas páginas de um livro, mas pode continuar por muito tempo no coração de quem o lê. Espero encontrá-los em Nizhaitir!

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

M. J. Franco: Vejo a questão da leitura no Brasil com uma mistura de preocupação, responsabilidade e, acima de tudo, esperança. É inegável que ainda enfrentamos grandes desafios na formação de leitores, no acesso aos livros e na construção de uma cultura que valorize a literatura como parte essencial do desenvolvimento humano.

Entretanto, prefiro olhar para esse cenário não apenas pelo que nos falta, mas principalmente pelo extraordinário potencial que temos pela frente.

O Brasil é um país de enorme riqueza cultural, criatividade e diversidade. Temos escritores talentosos, histórias fascinantes e milhões de pessoas que talvez ainda não tenham descoberto o prazer de se perder nas páginas de um bom livro. E acredito que é justamente aí que reside uma das nossas maiores oportunidades.

Fico particularmente entusiasmado ao observar o interesse de tantos jovens pela literatura, especialmente pelas histórias de fantasia, aventura e ficção. As comunidades literárias, os clubes de leitura, as feiras de livros e as redes sociais têm criado novas maneiras de aproximar autores e leitores. Isso demonstra que a literatura continua viva, encontrando novos caminhos para conquistar seu espaço em um mundo cada vez mais digital.

Mas acredito também que precisamos mudar a maneira como apresentamos a leitura às novas gerações. Antes de ser uma obrigação escolar ou um exercício intelectual, ler precisa ser uma descoberta prazerosa, uma experiência capaz de despertar a imaginação, provocar emoções e ampliar nossa compreensão sobre a vida.

Nesse sentido, considero fundamental o papel das famílias, das escolas, dos educadores, das editoras e dos próprios escritores. Precisamos oferecer oportunidades para que crianças e jovens descubram histórias com as quais possam se identificar, personagens pelos quais possam se apaixonar e universos que despertem sua curiosidade.

Como escritor, sinto que também tenho uma pequena parcela de responsabilidade nesse processo. Se Sophya e a Centelha de Nizhaitir conseguir despertar em um jovem o interesse pela literatura, ou fazer com que alguém que há muito tempo não lê um livro redescubra esse prazer, já terei uma enorme razão para comemorar.

Acredito profundamente que um país que forma leitores também está formando pessoas mais críticas, sensíveis, criativas e capazes de compreender diferentes perspectivas sobre o mundo.

Por isso, apesar das dificuldades, sou otimista. Não acredito que estejamos diante do fim do interesse pela literatura, mas de um momento de transformação que exige novas ideias, maior compromisso com o acesso à cultura e, sobretudo, a capacidade de despertar nas pessoas o desejo de ler.

Costumo pensar que não precisamos apenas colocar mais livros nas mãos das pessoas. Precisamos fazer com que elas descubram os mundos extraordinários que podem encontrar dentro deles.

E, se cada escritor conseguir acender em alguém uma pequena centelha de interesse pela leitura, estaremos contribuindo para iluminar um futuro muito mais promissor para a literatura brasileira.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

M. J. Franco: Sim, e posso dizer que são projetos que me entusiasmam bastante! Minha prioridade neste momento é dar continuidade à Saga Terra-Nizhaitir, com a conclusão dos dois próximos volumes da trilogia iniciada com Sophya e a Centelha de Nizhaitir. Ainda há muitas histórias a serem contadas, mistérios a serem revelados e caminhos a serem percorridos por Sophya e seus companheiros. O universo de Nizhaitir é muito mais amplo do que aquilo que os leitores conhecerão neste primeiro livro, e estou ansioso para compartilhar os próximos capítulos dessa jornada.

Paralelamente, tenho outro projeto literário muito especial: um livro de contos policiais e de mistério, que terá como um de seus personagens meu avô materno, que foi soldado da antiga Força Pública no início do século XX. Esse projeto possui um significado particularmente afetivo para mim, pois representa a oportunidade de unir elementos da memória familiar à imaginação literária, explorando histórias de investigação, suspense e mistério em um contexto histórico fascinante.

Embora sejam propostas bastante diferentes, acredito que ambas compartilham algo essencial na minha maneira de escrever: o interesse pela natureza humana, pelas escolhas que fazemos e pelos acontecimentos que podem transformar nossas vidas. Se a fantasia me permite explorar mundos que nunca existiram, os contos policiais me oferecem a oportunidade de revisitar um mundo que existiu, mas cujos mistérios ainda podem render grandes histórias.

Portanto, posso garantir aos leitores que minha jornada pela literatura está apenas começando. E espero que possamos compartilhar muitas outras aventuras nos próximos anos!

PERGUNTAS RÁPIDAS

Um livro:
Apesar das influências eu cito Linha do Tempo de Michael Crichton.

Um ator ou atriz:
Al Pacino pela grandeza da obra.

Um filme:
O Retorno do Rei - Tolkien.

Um hobby:
Leitura, tempo com a família, tecnologia, esportes.

Um dia especial:
Nascimento da minha filha Rebeca.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

M. J. Franco: Gostaria de deixar uma mensagem de esperança a todos os leitores. Vivemos tempos em que, muitas vezes, a escuridão parece ganhar espaço sobre a luz. As dificuldades, os conflitos e as incertezas podem nos fazer esquecer aquilo que existe de mais precioso dentro de nós: nossa capacidade de amar, de acreditar, de recomeçar e de fazer o bem. Mas acredito profundamente que nenhuma escuridão é capaz de apagar a luz de quem se recusa a perder a esperança.
Que possamos, portanto, renovar diariamente nossa fé na vida, na bondade humana e no poder transformador do amor. Que nunca nos falte coragem para enfrentar os desafios, humildade para reconhecer nossos erros e generosidade para iluminar o caminho daqueles que caminham ao nosso lado. Porque todos nós carregamos uma centelha de luz. E, por menor que ela pareça, quando alimentada pela fé, pela esperança e pelo amor, pode se transformar em algo extraordinário.
Agradeço à Conexão Literatura pela oportunidade de compartilhar um pouco dessa jornada e aos leitores que me acompanharam até aqui.
Que a luz que existe dentro de cada um de nós jamais deixe de brilhar.

ENTREVISTA

O Mundo Mágico dos Duendes

Wagner Rodrigues Silvestre



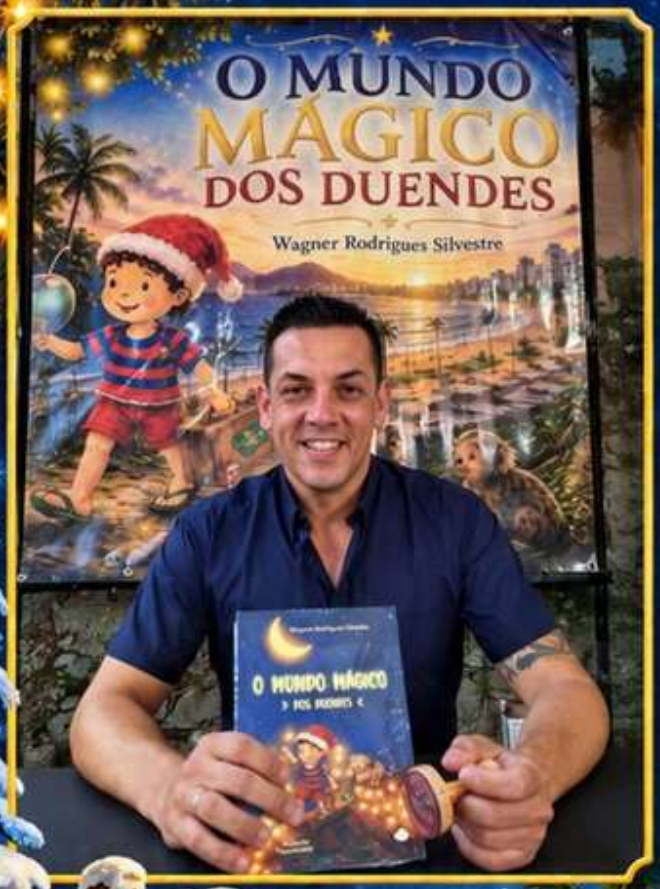


BIOGRAFIA:

Wagner Rodrigues Silvestre, 47 anos, nasceu e cresceu em Santos, no litoral paulista. Vive há 27 anos na Europa, tendo passado quatro anos na Espanha antes de se estabelecer em Colônia, na Alemanha, onde mora com sua família. Formado em Enfermagem, profissão que exerceu durante muitos anos, aprendeu a valorizar o cuidado, a empatia e as relações humanas. Atualmente, dedica-se à escrita e à criação de seus filhos, Angelo e Milan. Todos os anos retorna ao Brasil, fazendo questão de compartilhar com eles suas raízes, a cultura e os costumes brasileiros. Foi justamente a paternidade que despertou sua paixão pela literatura infantil, levando-o a escrever O Mundo Mágico dos Duendes e a criar o projeto literário Universo dos Duendes.

Revista Conexão Literatura: Wagner, você é enfermeiro de formação e vive na Alemanha há 27 anos. Como surgiu a ideia de se aventurar na literatura infantil, e de que maneira a chegada dos seus filhos, Angelo e Milan, transformou sua relação com as histórias e os livros?

Wagner Rodrigues Silvestre: Se alguém tivesse me dito que escreveria um livro infantil, provavelmente teria dado risada. Sou enfermeiro de formação, mas hoje percebo uma ligação entre cuidar de pessoas e contar histórias: ambos exigem escuta, empatia e atenção aos sentimentos. A chegada de Angelo e Milan mudou meu olhar sobre a infância. Nas brincadeiras e pequenas surpresas do cotidiano, descobri o valor das lembranças que construímos juntos. Comecei a escrever pensando: "Mesmo que esse livro não dê em nada, meus filhos terão uma história escrita pelo próprio pai." Por isso, dediquei a eles um capítulo ambientado em nossa casa, na Alemanha. Antes de me tornar escritor, precisei me tornar pai. Foi a paternidade que me ensinou a enxergar o mundo com os olhos de uma criança.



Revista Conexão Literatura: O projeto Universo dos Duendes nasceu de uma experiência vivida dentro da sua própria casa, com cartinhas, pequenas travessuras e surpresas noturnas. Em que momento você percebeu que essa brincadeira familiar poderia se transformar em um livro e, posteriormente, em um projeto literário?

Wagner Rodrigues Silvestre: Tudo começou em nossa casa, na Alemanha, com cartinhas e travessuras durante dezembro. Meus filhos acordavam procurando pistas do duende, e percebi que não estávamos apenas brincando: estávamos criando lembranças. Então me perguntei: e se outras crianças, especialmente as brasileiras, também pudessem viver essa magia? Imaginei Gilby saindo do Polo Norte para descobrir o calor, os animais e os costumes do Natal brasileiro. E foi assim que ele começou a fazer as malas. A primeira história abriu caminho para novos personagens, para As Pequenas Magias de Gilby e para o projeto pedagógico As Travessuras do Duende Lumi. O Universo dos Duendes cresceu, mas seu propósito permanece: aproximar crianças, livros e famílias.



Revista Conexão Literatura: Em O Mundo Mágico dos Duendes, o personagem Gilby chega ao Brasil e descobre novos costumes, paisagens e maneiras de viver. Por que foi importante criar uma história com identidade brasileira, especialmente em relação às tradições natalinas e ao nosso clima tropical?

Wagner Rodrigues Silvestre: Queria que as crianças brasileiras se reconhecessem na história. Mesmo vivendo na Alemanha, carrego comigo as lembranças de Santos, onde nasci, e a riqueza da nossa cultura. Muitas histórias de Natal mostram neve e frio; no Brasil, dezembro tem verão, natureza tropical e tradições próprias. Gilby chega do Polo Norte e se surpreende com tudo isso. A arara-azul Azulinda e os saguis Lelé, Tico e Pingo ajudam a revelar esse mundo. Gosto de pensar que Gilby não vem ensinar, mas aprender: aquilo que é cotidiano para uma criança brasileira torna-se extraordinário aos olhos dele. Queria mostrar que nossas paisagens também merecem ser cenário de grandes aventuras. A magia do Natal não depende de neve; pode nascer em qualquer casa.

Revista Conexão Literatura: Gilby é um personagem curioso, criativo e, como as próprias crianças, também comete erros e aprende com suas experiências. Como foi o processo de construção desse personagem, e quais valores você gostaria que os pequenos leitores descobrissem por meio de suas aventuras?

Wagner Rodrigues Silvestre: Não queria criar um herói perfeito. Gilby é curioso, brincalhão, carinhoso e às vezes atrapalhado, como tantas crianças. Ele erra, percebe as consequências de suas atitudes e aprende a fazer melhor. Também há um detalhe essencial: os humanos não podem vê-lo. As crianças conhecem sua presença pelas cartinhas e pequenas travessuras e, assim, dão espaço à própria imaginação. Suas aventuras abordam amizade, respeito, empatia e responsabilidade, mas sem transformar cada história em lição de moral. Prefiro que os leitores descubram esses valores acompanhando o personagem. Gilby mostra que não precisamos ser perfeitos para sermos especiais. Se uma criança terminar a leitura sentindo que ele poderia ser seu amigo, a história cumpriu seu papel.





Revista Conexão Literatura: Seu primeiro livro possui ilustrações feitas à mão por Padma Sarina, além de adesivos, cenários para montar e outros recursos interativos. Qual foi a sua intenção ao desenvolver uma obra que vai além da leitura tradicional e convida as crianças a participar ativamente da história?

Wagner Rodrigues Silvestre: Não queria um livro que terminasse quando a criança fechasse a última página. As ilustrações feitas à mão por Padma Sarina ajudam a dar vida ao universo de Gilby. Além da história, O Mundo Mágico dos Duendes traz adesivos, uma portinha mágica e um cenário para recortar, colar e montar. A criança pode inventar novas aventuras, enquanto os adultos deixam bilhetes ou pequenas pistas com objetos que já têm em casa. Não são necessários grandes gastos ou preparativos. Assim, o leitor também participa da narrativa. Minha intenção era transformar o livro em um convite à criatividade e à convivência, para que cada família pudesse construir suas próprias histórias.

Revista Conexão Literatura: Você utiliza a expressão "convivência literária" para definir uma das principais propostas do Universo dos Duendes. Na prática, como pais e responsáveis podem transformar a leitura e as brincadeiras em oportunidades de aproximação afetiva, sem que isso se torne mais uma obrigação na rotina familiar?

Wagner Rodrigues Silvestre: Chamo de convivência literária o momento em que uma história sai das páginas e passa a fazer parte da vida da família. Uma cartinha de Gilby pode despertar perguntas, conversas e risadas durante o café da manhã. Mas isso não deve se tornar mais uma obrigação. Como pai, sei que a rotina nem sempre permite atividades elaboradas. Às vezes, bastam cinco minutos para ler, esconder um bilhete ou imaginar uma aventura; em outros dias, nada acontece, e tudo bem. Quero que as crianças associem os livros à curiosidade e ao afeto, não apenas a tarefas. A verdadeira magia não está na travessura, mas na relação que ela ajuda a construir.

Revista Conexão Literatura: Sua trajetória mostra que os registros de momentos cotidianos, as fotografias das travessuras e as histórias compartilhadas com amigos e familiares foram fundamentais para o nascimento do livro. Quais foram os maiores desafios de transformar essas experiências pessoais em uma narrativa literária estruturada, considerando que sua formação original é na enfermagem?

Wagner Rodrigues Silvestre: O maior desafio foi transformar lembranças familiares em uma narrativa que também fizesse sentido para outras crianças. Eu tinha fotografias, cartinhas e muitas ideias, mas nunca havia escrito um livro. Precisei aprender a organizar capítulos, desenvolver personagens e encontrar o ritmo da literatura infantil. Também precisava conciliar a escrita com a paternidade. Durante o dia, anotava ideias enquanto cuidava de Angelo e Milan; à noite, quando eles dormiam, transformava essas anotações em histórias. Por isso, "Enquanto a casa dorme, a magia acontece" tem um significado tão pessoal. Minha experiência na Enfermagem contribuiu com a escuta e a sensibilidade, mas escrever exigiu aprender um ofício inteiramente novo.

ENTREVISTA · O Mundo Mágico dos Duendes

Revista Conexão Literatura: O Universo dos Duendes está se expandindo com novas obras, como As Pequenas Magias de Gilby e As Travessuras do Duende Lumi, esta última voltada à Educação Infantil e fundamentada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Como surgiu a proposta pedagógica, e de que maneira a literatura e a imaginação podem contribuir para o desenvolvimento das crianças no ambiente escolar?

Wagner Rodrigues Silvestre: Em As Pequenas Magias de Gilby, reuni 40 histórias em que o personagem também erra, reconhece atitudes e aprende sobre amizade, respeito e responsabilidade. Percebi que essa maneira de contar histórias poderia ganhar espaço na Educação Infantil. Assim nasceu o Projeto Pedagógico - As Travessuras do Duende Lumi, fundamentado na BNCC, que valoriza as interações e as brincadeiras. Por meio de cartinhas, histórias e descobertas, a proposta estimula linguagem, curiosidade, criatividade, convivência e expressão de sentimentos, respeitando cada faixa etária. A primeira aplicação acontece na Creche Mundo Novo, na Zona Noroeste de Santos, onde cresci. É muito especial levar ao lugar da minha infância uma proposta que aproxima literatura, educadores, crianças e famílias.



Revista Conexão Literatura: Em agosto de 2026, você lançou O Mundo Mágico dos Duendes na Casa das Culturas de Santos e recebeu reconhecimento pela relevância cultural e educacional do projeto. O que esse retorno representa para você, especialmente por ter nascido e crescido em Santos, e quais foram as emoções mais marcantes desse momento?

Wagner Rodrigues Silvestre: Lançar meu primeiro livro em Santos foi muito mais do que um evento literário. Nasci e cresci na Zona Noroeste e nunca perdi o sentimento de pertencimento à cidade. Em 22 de agosto, mais de cem pessoas estiveram na Casa das Culturas. Ao final, fui recebido com aplausos de pé. Lembrei das noites de escrita e de quando achava que, mesmo sem publicar, meus filhos teriam um livro feito pelo pai. A repercussão na imprensa e o Voto de Congratulações da Câmara Municipal de Santos também me emocionaram. Mas a maior recompensa foi perceber que a história tocava outras famílias. Voltei à cidade onde minha infância começou para apresentar uma história nascida da infância dos meus filhos.

ENTREVISTA · O Mundo Mágico dos Duendes



Revista Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Wagner Rodrigues Silvestre: O Mundo Mágico dos Duendes pode ser adquirido pela Amazon e pelo Mercado Livre. Para conhecer os personagens, acompanhar os bastidores e saber dos próximos livros e projetos, os leitores podem seguir o Instagram @universodosduendes e meu Facebook, Wagner Rodrigues Silvestre (Universo dos Duendes). Gosto especialmente de receber mensagens de famílias e educadores que estão descobrindo esse universo.
O projeto nasceu dentro de uma família, mas foi criado para que muitas outras também participem dessa magia.

Revista Conexão Literatura: Para concluir, você afirmou que, no início, desejava ao menos deixar para os seus filhos um livro escrito pelo próprio pai. Hoje, o Universo dos Duendes alcança novas famílias e também se aproxima do ambiente educacional. Quais são seus próximos projetos literários e que mensagem gostaria de deixar aos pais, educadores e leitores que acreditam no poder da imaginação e dos livros para criar memórias que permanecem por toda a vida?

Wagner Rodrigues Silvestre: Ainda existem personagens, aventuras e surpresas por trás da pequena portinha mágica. Quero continuar escrevendo e ampliar a experiência pedagógica iniciada na Creche Mundo Novo. Mas não desejo que o Universo dos Duendes cresça apenas em quantidade de livros: quero que cresça em significado. Aos pais e educadores, deixo uma reflexão: a infância passa depressa, e nem sempre são os grandes presentes que permanecem. Uma história antes de dormir, um bilhete escondido ou alguns minutos de atenção podem se tornar lembranças para a vida inteira. Meu sonho é que, anos depois, uma criança reencontre o livro de Gilby e se lembre das pessoas que viveram aquela magia com ela.

Os verdadeiros presentes não cabem dentro de uma caixa.

Porque, no fundo, nunca foi apenas sobre duendes: sempre foi sobre crianças, famílias, amor e as lembranças que permanecem quando a infância passa.

CITAÇÕES

PARA PENSAR, SENTIR E VIVER



Ao vencedor, as batatas.

— MACHADO DE ASSIS
Quincas Borba, 1891



Quem lê muito e anda muito, vê muito e sabe muito.

— MIGUEL DE CERVANTES
Dom Quixote, 1615



Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.

— LUÍS DE CAMÕES
Rimas, século XVI

A BOA LITERATURA SEMPRE NOS ACOMPANHA.

"Palavras que tocam, histórias que ficam."

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

PARTICIPE DAS NOSSAS

Antologias

TIRE O SEU CONTO OU POEMA DA GAVETA

Dê voz à sua criatividade e publique seu talento ao lado de grandes autores.

AO PARTICIPAR, VOCÊ GANHA:

Certificado digital de participação

Sua história merece ser lida.

CLIQUE AQUI!

POEMAS
Versos que inspiram e emocionam.

CONTOS
Histórias curtas que transportam e surpreendem.

CRÔNICAS
O cotidiano transformado em boa leitura.

DIVERSOS TEMAS
Liberdade para escrever o que toca sua alma.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA
Conectando autores e leitores desde 2015

ACESSE NOSSO SITE
www.revistaconexaoliteratura.com.br

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

DE VOLTA À VIDA

HISTÓRIA EM QUADRINHOS



BASEADA NO CONTO DE

ADEMIR PASCALE

EDIÇÃO 137 • NOVEMBRO DE 2026

DE VOLTA À VIDA

HISTÓRIA EM QUADRINHOS • BASEADA NO CONTO DE

ADEMIR PASCALE











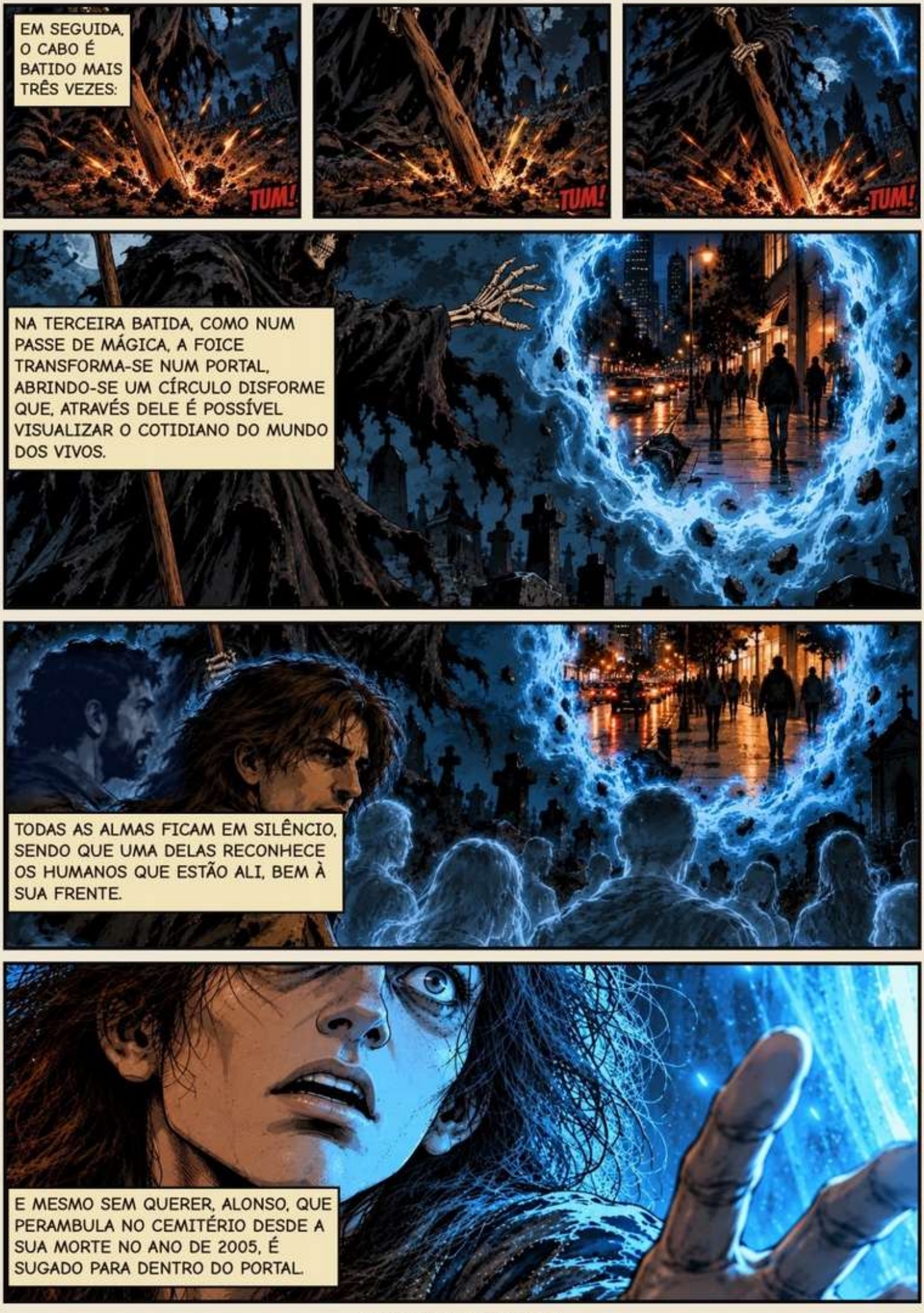

APÓS O ANÚNCIO DA MORTE, AS ALMAS COMEÇAM A SUSSURRAR, MAS EM POUCOS MINUTOS ENTRAM EM ALVOROÇO DISCUTINDO COMO SERIA ESSA TAL ESCOLHA. AFINAL, QUAL DELES IRÁ RESSUSCITAR?


SILÊNCIO, CAROS AMIGOS IMORTAIS!
A MORTE PEDE SILÊNCIO, MAS NÃO É OUVIDA, ENTÃO PEDE NOVAMENTE NUM TOM MAIS ELEVADO:


AS ALMAS CONTINUAM DISCUTINDO E NÃO DÃO OUVIDOS À MORTE QUE JÁ APARENTA IRRITAÇÃO...


...DEIXANDO EMANAR UM BRILHO AVERMELHADO SOBRE O SEU MANTO ESVOAÇANTE, ENQUANTO QUE AS ÓRBITAS DE SUAS CAVIDADES ÓSSEAS CHISPAM FAÍSCAS DE FOGO.
SILÊNCIO, ALMAS PENADAS DO ALÉM!


A MORTE BATE O CABO DA SUA FOICE NO CHÃO, FAZENDO ESTREMECER OS TÚMULOS DO CEMITÉRIO.
SILÊNCIO!
TUM!


EM SEGUIDA, O CABO É BATIDO MAIS TRÊS VEZES:
TUM!
TUM!
TUM!
NA TERCEIRA BATIDA, COMO NUM PASSE DE MÁGICA, A FOICE TRANSFORMA-SE NUM PORTAL, ABRINDO-SE UM CÍRCULO DISFORME QUE, ATRAVÉS DELE É POSSÍVEL VISUALIZAR O COTIDIANO DO MUNDO DOS VIVOS.
TODAS AS ALMAS FICAM EM SILÊNCIO, SENDO QUE UMA DELAS RECONHECE OS HUMANOS QUE ESTÃO ALI, BEM À SUA FRENTE.
E MESMO SEM QUERER, ALONSO, QUE PERAMBULA NO CEMITÉRIO DESDE A SUA MORTE NO ANO DE 2005, É SUGADO PARA DENTRO DO PORTAL.




ALGUMAS ALMAS SENTEM INVEJA DELE, POIS ELAS AINDA CONTINUAM APEGADAS AOS SENTIMENTOS. OUTRAS, SENTEM ALÍVIO POR NÃO RETORNAR AO MUNDO DOS VIVOS.


APROVEITE O SEU RETORNO, ALONSO. E LEMBRE-SE: ESTARÁ NOVAMENTE ENTRE OS VIVOS POR APENAS ALGUNS DIAS.
A MORTE OLHA PARA A LUA CHEIA E EM SEGUIDA O PORTAL É FECHADO. AGORA ALONSO ESTÁ ENTRE OS VIVOS.


FSSSHH...


ALONSO SENTE O AROMA DE FLOR DE LÓTUS DO INCENSO SOBRE O PEQUENO ALTAR NA SALA DE ESTAR, ABRE OS OLHOS E A PRIMEIRA VISÃO NOVAMENTE ENTRE OS VIVOS, É A DE SEU IRMÃO OLHANDO ATÔNITO PARA ELE.


QUANDO FALECEU, MÁRIO, SEU IRMÃO, TINHA APENAS 15 ANOS. HOJE É UM HOMEM DE 33 ANOS, MADURO E BARBADO.
MÁRIO ESFREGA OS OLHOS E NÃO ACREDITA NO QUE VÊ.


SOU EU, MANO. RETORNEI. DÁ CÁ UM ABRAÇO, ANDA.


MÁRIO, AINDA CONFUSO, CAMINHA LENTAMENTE ATÉ O IRMÃO, MAS DEPOIS DEIXA OS PENSAMENTOS DE LADO E AGE APENAS COM O CORAÇÃO.


COMO ISSO PODE SER POSSÍVEL, ALONSO? ESTIVE NO SEU ENTERRO E, EMBORA NÃO O TENHA VISTO DENTRO DO CAIXÃO, PORQUE FOI LACRADO, CHOREI MUITO POR VOCÊ. E SUA APARÊNCIA... VOCÊ NÃO MUDOU NADA, NÃO ENVELHECEU...
ESSA É UMA LONGA HISTÓRIA, MAS DEIXEMOS ISSO PARA LÁ. O QUE EU MAIS QUERO AGORA É VER E ABRAÇAR TODO MUNDO. CADÊ O PESSOAL?
O PESSOAL? CADA UM FOI PARA UM LADO; ALGUNS CASARAM, OUTROS DIVORCIARAM, E TEM OS QUE MUDARAM ATÉ DE PAÍS.
NOSSA! E A CLAUDINHA?
DEPOIS DO SEU "SUPOSTO" ENTERRO, ELA CAIU NA DEPRESSÃO, PASSOU MAIS DE DOIS ANOS TRANCAFIADA EM CASA, MAS COM O PASSAR DO TEMPO ELA COMEÇOU A IR NUMAS SESSÕES DE TERAPIA E CONHECEU UM PSIQUIATRA. HOJE ELES ESTÃO CASADOS, TÊM TRÊS FILHOS E UM CACHORRO. UMA FAMÍLIA LINDA.


ALONSO OLHA PARA UM RETRATO SEU AINDA NA PAREDE E RECORDA-SE DOS MOMENTOS EM QUE PASSOU COM A CLAUDINHA, AMIGA DESDE A INFÂNCIA.
ELES ESTAVAM NOIVOS E FALTAVAM POUCOS MESES PARA SE CASAREM, QUANDO ACONTECEU O FATÍDICO ACIDENTE QUE TIROU-LHE A VIDA.
VOCÊ ESTÁ COM FOME?
O QUÊ?
MORRENDO — SENDO SARCÁSTICO — DE FOME. E SABE O QUE MAIS QUERO COMER?
PIZZA. MUITA PIZZA.
NÃO SEI EM QUAL CIDADE VOCÊ ESTAVA, MAS PELO VISTO LÁ NÃO TINHA PIZZA, NÃO É?
NÃO MESMO...
MÁRIO PEGA O CELULAR E NOTA A ESTRANHEZA DO IRMÃO OLHANDO PARA O APARELHO, MAS DEPOIS DESISTE DE PEDIR PIZZA PELO APLICATIVO. PELO TEMPO QUE PASSOU DISTANTE DO IRMÃO, ACHA MELHOR SAIR COM ELE NA RUA E CAMINHAR LENTAMENTE ATÉ A PIZZARIA.


NOSSA, QUE ROUPAS ANTIQUADAS, ALONSO. QUER VESTIR ALGUMA ROUPA MINHA?
ALONSO OLHA PARA SUAS ROUPAS, MAS SENTE-SE BEM COM ELAS E PREFERE NÃO MUDÁ-LAS, PELO MENOS POR ENQUANTO.
OS IRMÃOS SAEM DE CASA E A PRIMEIRA VISÃO DA RUA FOI DE ESTRANHEZA. TUDO ESTÁ DIFERENTE.
NOVAS CASAS, NOVOS COMÉRCIOS E AUTOMÓVEIS DIFERENTES... PAROU NO TEMPO E FICOU DISTANTE DALI APENAS POR 18 ANOS, MAS SENTE QUE ESTÁ NUM NOVO MUNDO.
SE EU CONTAR PARA O PESSOAL QUE VOCÊ VOLTOU, NINGUÉM IRÁ ACREDITAR. DEPOIS IREI TIRAR UMA FOTO COM VOCÊ PARA POSTAR EM NOSSO GRUPO DO ZAP.
ALONSO NÃO ENTENDE O QUE O IRMÃO DIZ, AFINAL, NÃO SABE QUE RAIOS PODERIA SER UM GRUPO DO ZAP.
GRUPO DO ZAP?
ACOSTUMADO COM O SILÊNCIO DO CEMITÉRIO, O SOM DAS BUZINAS DOS CARROS E TODA A MOVIMENTAÇÃO NA RUA, CAUSAM-LHE DESCONFORTO.
BIIIP! FOM! PIIII!

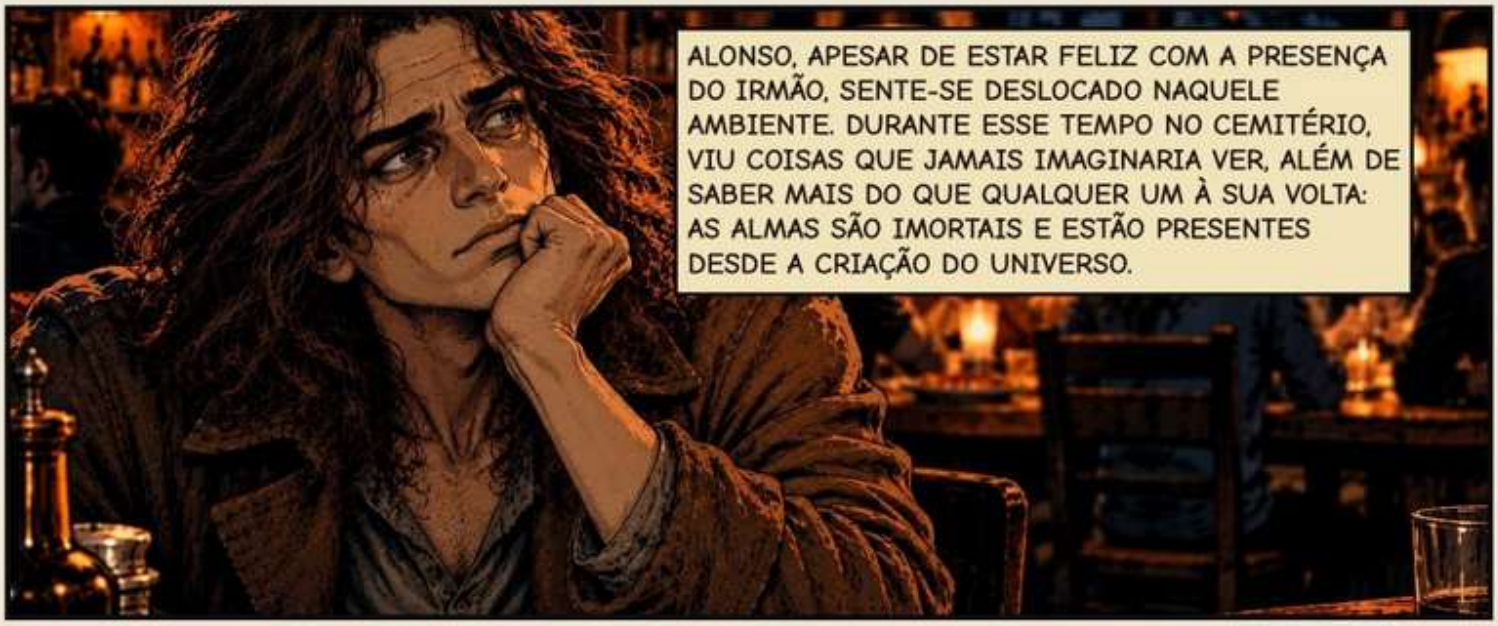

NA PIZZARIA, ALONSO NOTA AS PESSOAS SENTADAS COM SEUS CELULARES E NÃO ENTENDE O MOTIVO DELAS NÃO DESGRUDAREM O OLHAR DOS SEUS APARELHOS,


POIS EM SUA ÉPOCA, O SEU CELULAR, ALÉM DE SER UM MODELO BEM DIFERENTE, SERVIA APENAS PARA FAZER E RECEBER LIGAÇÕES, OUVIR MÚSICAS E JOGAR ALGUNS JOGUINHOS.


UM CASAL NA MESA AO LADO NÃO CONVERSA E NEM TROCAM OLHARES, AMBOS ESTÃO TECLANDO E OLHANDO FIXAMENTE PARA SEUS CELULARES. ALONSO SORRI AO COMPARÁ-LOS COM ZUMBIS E SENTE QUE O CONTATO HUMANO ESTÁ DILUINDO-SE COM O TEMPO.


E OBSERVANDO BEM AS PESSOAS ALI PRESENTES, PERCEBE ALGO SOBRENATURAL QUE JAMAIS PRESENCIARA QUANDO ESTAVA ENTRE OS HUMANOS, PROVAVELMENTE PORQUE UM SIMPLES HUMANO NÃO CONSEGUE ENXERGAR ALÉM DO QUE VÊ: UMA EMANAÇÃO DISFORME E COLORIDA EM TORNO DOS CORPOS, OU SIMPLESMENTE O QUE PODEMOS CHAMAR DE "AURA". AS CORES VARIAM DEPENDENDO DO ESTADO EMOCIONAL DE CADA PESSOA.


O GARÇOM ENTREGA O CARDÁPIO AOS IRMÃOS. E SEM MUITO RODEIO, PEDEM A PIZZA QUE MAIS AMAM: MARGHERITA.


ALONSO, APESAR DE ESTAR FELIZ COM A PRESENÇA DO IRMÃO, SENTE-SE DESLOCADO NAQUELE AMBIENTE. DURANTE ESSE TEMPO NO CEMITÉRIO, VIU COISAS QUE JAMAIS IMAGINARIA VER, ALÉM DE SABER MAIS DO QUE QUALQUER UM À SUA VOLTA: AS ALMAS SÃO IMORTAIS E ESTÃO PRESENTES DESDE A CRIAÇÃO DO UNIVERSO.


TUDO FAZ PARTE DO ELEMENTO DA CRIAÇÃO, QUE, SEPARADO EM QUATRO PARTES, RESULTA EM ÁGUA, TERRA, AR E FOGO.


PRESO NO CEMITÉRIO, ELE E TANTOS OUTROS AGUARDAM PELA PRÓXIMA ETAPA; PASSAR PARA UM NÍVEL DIFERENTE. MAS AGORA, POR ALGUM MOTIVO QUE DESCONHECE, FOI RESSUSCITADO PELA PRÓPRIA MORTE, MESMO QUE POR POUCO TEMPO.

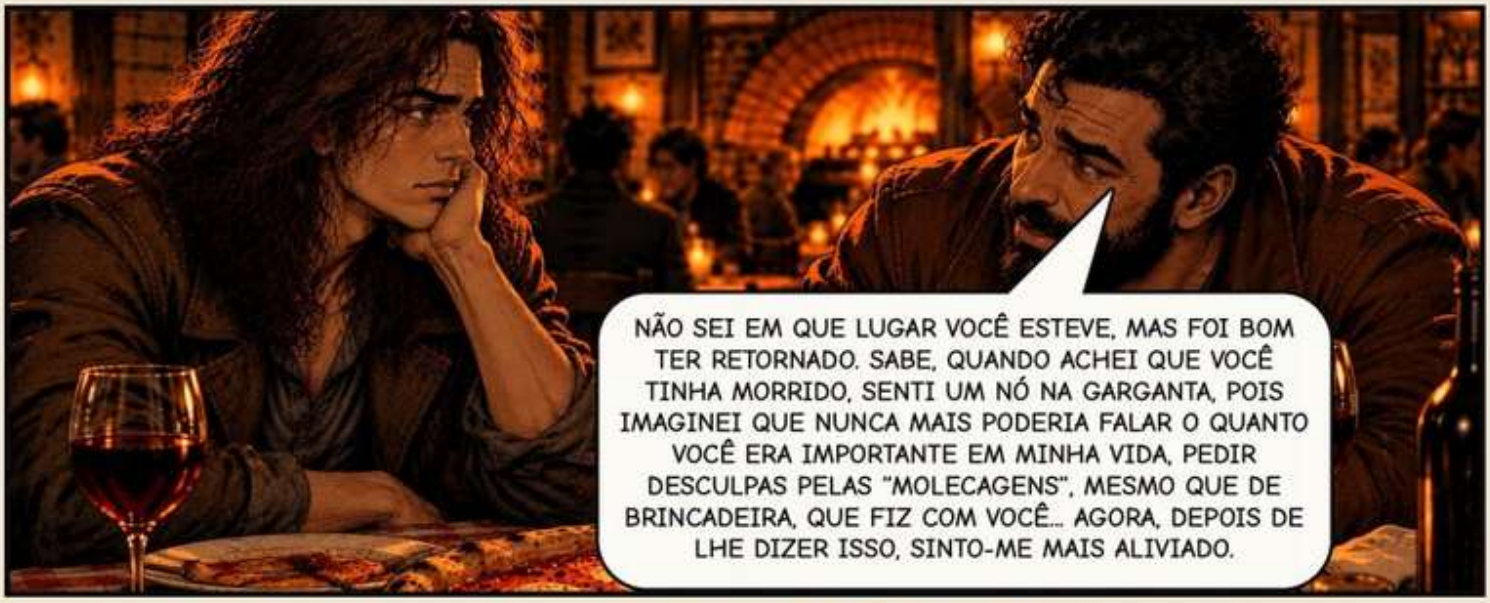

ALGO DESPERTA A SUA ATENÇÃO: CLAUDINHA, SUA AMIGA E EX-NOIVA, ENTRA NA PIZZARIA E ESTÁ ACOMPANHADA DO MARIDO. ELA ESTÁ FELIZ E SUA AURA APRESENTA UM TOM ALARANJADO.


MÁRIO TAMBÉM NOTA A SUA PRESENÇA. PENSA EM CHAMÁ-LA PARA CONTAR SOBRE A NOVIDADE, MAS PERCEBE O DESAPONTAMENTO DE ALONSO, QUE MUDA O SEMBLANTE DRASTICAMENTE.
QUER IR EMBORA, ALONSO?
NÃO, NÃO. VIEMOS AQUI PARA COMER PIZZA E PARA LEMBRAR DOS BONS TEMPOS, MAS É DIFÍCIL ACEITAR ALGUMAS COISAS... SE EU ESTIVESSE CONTINUADO VIV..., QUER DIZER, AQUI, AS COISAS HOJE SERIAM BEM DIFERENTES.
ALONSO SENTE UMA DOR IMENSURÁVEL NO PEITO, ALGO QUE NÃO RECORDAVA COMO ERA.
ESTAR VIVO É SENTIR UMA MISTURA DE SENTIMENTOS.
ALONSO SUSPIRA E ENQUANTO O IRMÃO OLHA O CELULAR, REFLETE SOBRE OS ACONTECIMENTOS: ELE PERDEU A VIDA CEDO DEMAIS, MAS TUDO PARECE TER A SUA HORA E O QUE PASSOU, PARECE NÃO TER RETORNO. A CLAUDINHA JÁ TINHA A SUA VIDA. SEUS PARENTES JÁ ESTAVAM ACOSTUMADOS COM A SUA MORTE. E ESTAVA COMPLETAMENTE DESLOCADO E DESATUALIZADO.


A PIZZA FINALMENTE CHEGA. OS DOIS COMEM DESESPERADAMENTE, PRINCIPALMENTE ALONSO.


MANO, AINDA NÃO CONSIGO ACREDITAR QUE VOCÊ ESTÁ AQUI. ISSO PARECE UM SONHO E TENHO MEDO DE ACORDAR A QUALQUER MOMENTO.


NÃO É UM SONHO, ISSO ESTÁ MUITO ALÉM DISSO E NEM EU MESMO SEI O REAL MOTIVO DE ESTAR AQUI.

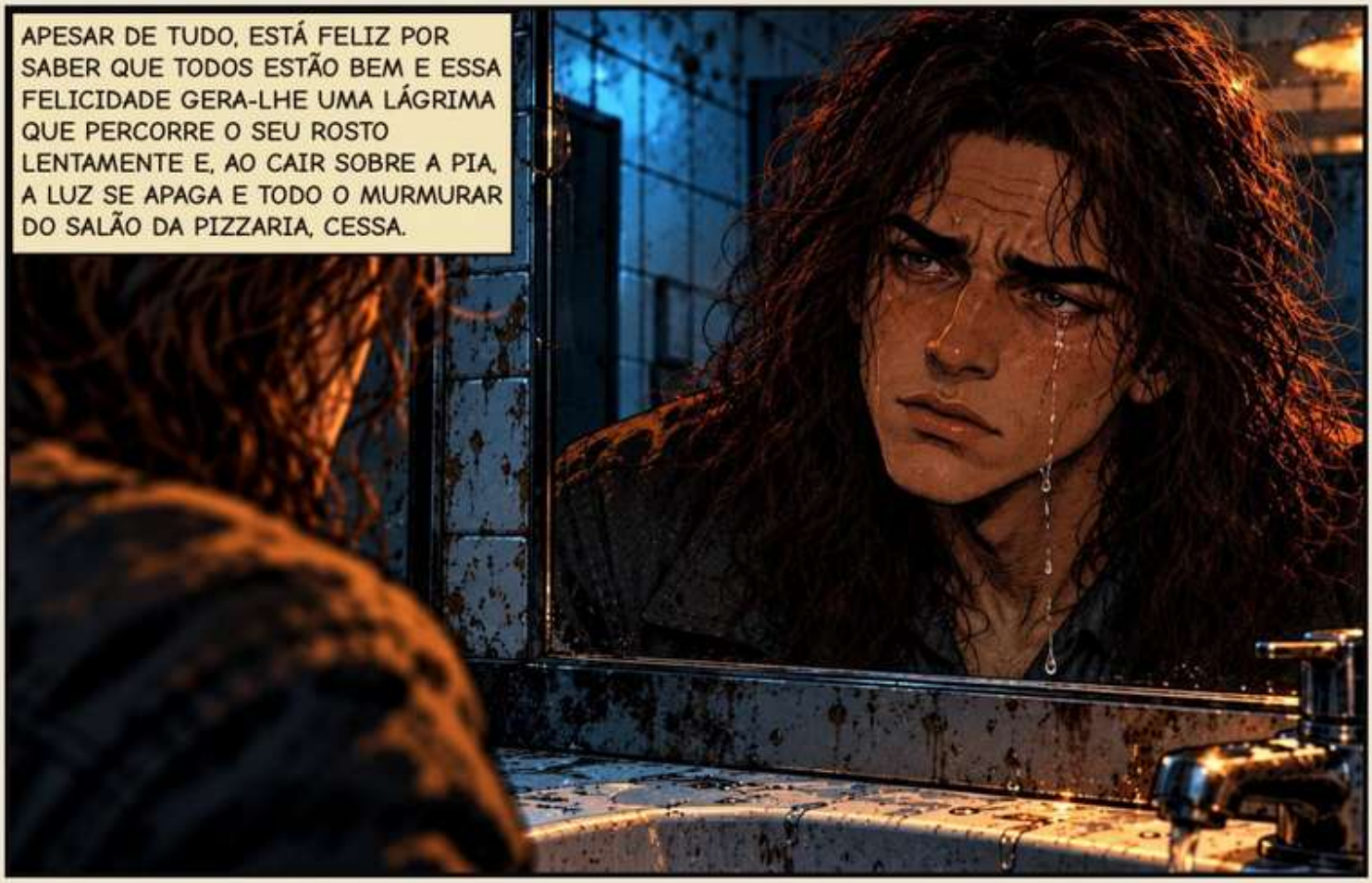

NÃO SEI EM QUE LUGAR VOCÊ ESTEVE, MAS FOI BOM TER RETORNADO. SABE, QUANDO ACHEI QUE VOCÊ TINHA MORRIDO, SENTI UM NÓ NA GARGANTA, POIS IMAGINEI QUE NUNCA MAIS PODERIA FALAR O QUANTO VOCÊ ERA IMPORTANTE EM MINHA VIDA, PEDIR DESCULPAS PELAS "MOLECAGENS", MESMO QUE DE BRINCADEIRA, QUE FIZ COM VOCÊ... AGORA, DEPOIS DE LHE DIZER ISSO, SINTO-ME MAIS ALIVIADO.


APESAR DA MINHA MENTE AINDA ESTAR CONFUSA, TAMBÉM SINTO-ME MAIS ALIVIADO COM O QUE DISSE. VI QUE A CLAUDINHA ESTÁ BEM E QUE TODOS SEGUIRAM AS SUAS VIDAS. AGORA PERCEBO QUE TUDO TEM O SEU TEMPO E QUE TEMOS QUE APROVEITAR CADA DIA COMO SE FOSSE O ÚLTIMO JUNTO DAS PESSOAS QUE AMAMOS.


ALONSO TERMINA DE COMER O ÚLTIMO PEDAÇO DA PIZZA, LEVANTA E VAI AO BANHEIRO TOMANDO TODAS AS CAUTELAS PARA QUE A CLAUDINHA NÃO LHE VEJA.




COM O BANHEIRO VAZIO, OLHA-SE NO ESPELHO E SENTE UM ARREPIO AO VER SUA APARÊNCIA HUMANA.


APESAR DE TUDO, ESTÁ FELIZ POR SABER QUE TODOS ESTÃO BEM E ESSA FELICIDADE GERA-LHE UMA LÁGRIMA QUE PERCORRE O SEU ROSTO LENTAMENTE E, AO CAIR SOBRE A PIA, A LUZ SE APAGA E TODO O MURMURAR DO SALÃO DA PIZZARIA, CESSA.


ALONSO OLHA PARA OS LADOS E SENTE A TEMPERATURA CAIR DRASTICAMENTE E PERCEBE NO REFLEXO DO ESPELHO QUE UMA LUZ AVERMELHADA SURGE ATRÁS DELE, DEIXANDO O LOCAL ILUMINADO.
DOIS LONGOS BRAÇOS ESQUELÉTICOS SE ABREM. EM UMA DE SUAS MÃOS ESTÁ A SUA ANTIGA FOICE.
O SEU MANTO PARECE TER VIDA PRÓPRIA E PERCORRE CADA CANTO DAQUELE BANHEIRO.
ALONSO SABE QUE ESSA MANIFESTAÇÃO TEM NOME: MORTE.
ALONSO FICA PARALISADO. A PRESENÇA DA MORTE É REAL, INESCAPÁVEL, IMPONENTE...


ESTOU SURPREENDIDO, ALONSO, POIS VOCÊ CONSEGUIU SUPERAR MINHAS EXPECTATIVAS. EM APENAS UM DIA, CONSEGUIU O QUE MUITOS NÃO CONSEGUIRAM NUMA VIDA.
ALONSO FICA SEM SABER SOBRE O QUÊ A MORTE ESTÁ FALANDO. ENTÃO ELA CONTINUA:
TROUXE VOCÊ NOVAMENTE À VIDA, POIS TINHA QUE SABER SE ESTAVA REALMENTE PREPARADO PARA O OUTRO NÍVEL, ALÉM DE QUE TINHAM RESTADO ALGUMAS PENDÊNCIAS ENTRE VOCÊ E SEU IRMÃO.
A DOR QUE ELE SENTIA EM NÃO TER DITO O QUE DESEJAVA PARA VOCÊ EM VIDA, PRENDIA SUA ALMA NESTE PLANO. MAS AGORA VOCÊ ESTÁ LIVRE.
DEPOIS DAS PALAVRAS DA MORTE, ALONSO COMPREENDE O REAL MOTIVO DA SUA VINDA. ESTÁ MAIS LEVE E FELIZ, ALÉM DE QUE SEMPRE GOSTOU DE DESAFIOS.
IR PARA OUTRO NÍVEL? SERÁ BEM INTERESSANTE, POIS FINALMENTE CONSEGUIREI OBTER CONHECIMENTO ALÉM DE QUALQUER OUTRO HUMANO OU ALMA PENADA QUE AINDA ESTÁ PRESA NESTE MUNDO.


A MORTE BATE O CABO DA SUA FOICE NO CHÃO E UM FURACÃO COMEÇA A DESMATERIALIZAR AS PAREDES DO BANHEIRO, ASSIM COMO O CHÃO E TUDO AO SEU REDOR.
TUM!


ALONSO FICA SUSPENSO NO VAZIO E SEU CORPO TOMA OUTRA FORMA, TORNANDO-SE UM SER DE LUZ.


UM TÚNEL SURGE À SUA FRENTE E MESMO QUE INVOLUNTARIAMENTE, COMEÇA A SER SUGADO EM SUA DIREÇÃO.


O QUE ALONSO ENCONTRARÁ DO OUTRO LADO, JÁ SERÁ UMA OUTRA HISTÓRIA.


EM NOSSO PLANO ESPIRITUAL, O TEMPO CONGELA POR ALGUNS MINUTOS. NO SALÃO DA PIZZARIA, MÁRIO PERMANECE INERTE OLHANDO PARA O SEU ÚLTIMO PEDAÇO DE PIZZA. MAS DEPOIS TUDO VOLTA AO NORMAL E, SEM LEMBRAR QUE ESTEVE COM ALONSO,
FICA CONFUSO EM NOTAR O PRATO SUJO, COPO COM VINHO PELA METADE E TALHERES QUE ESTÃO DO OUTRO LADO DA MESA.



Sobre o autor

Ademir Pascale é paulista, escritor e ativista cultural, casado com a publicitária Elenir Alves e pai de dois meninos. Editor da Revista Conexão Literatura (http://www.revistaconexaoliteratura.com.br) e colunista da Revista Projeto AutoEstima (http://www.revistaprojetoautoestima.com.br). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Publicou ao lado de Pedro Bandeira no livro "Nouvelles du Brésil" (França), com xilogravuras de José Costa Leite. Organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir) e "Time Out - Os Viajantes do Tempo" (Editora Estronho). Fã de Mauricio de Sousa e Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs. Autor dos romances "Jornal em São Camilo da Maré" e "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe". Entre a organização de suas antologias, estão os títulos "O Legado De Edgar Allan Poe", "Histórias Para Ler e Morrer de Medo" e outros. Escreveu a introdução do livro "Bloody Mary - Lendas Inglesas" (Ed. Dark Books).

Contato: ademirpascale@gmail.com

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS SOBRE O TEMPO

VOL. XVIII



E-BOOK

saiba mais: clique aqui

ÁGUA LIMPA

Por **Anderson Nogueira**



Revista Conexão Literatura

Nasceu em noite de lua cheia, redonda tal qual queijo branco e brilhante; mas queijo por aqui só se conhece de ouvir falar pois nem as cabras dão mais leite pra fazê-lo, tal a secura do pasto nesse estio que teima em não cessar. O céu estrelado antes parecia revoada de tanto vaga-lume que nunca se vira um tantão assim por essas bandas; de tempos pra cá o calor anda tanto que nem vaga-lume tem dado as caras, só se vê voo de mariposa asa de bruxa e de formiga arará.

O cenário que emoldurava a chegada do rebento, mais um na prole numerosa, tinha tudo pra ser poético, mas o calor extremo, a secura do chão, a chuva que teimava em não cair tornavam qualquer ternura em tormento, poesia em agonia, alento em sofrimento.

Nasceu. E como todo recém-nascido, sujo de sangue, sebento. Limparam-no com um pano quase branco – já tinha sido branco há tempos, quando aqui chovia e tinha água pra lavar... Não pôde ser banhado pela parteira, água não havia quase, não se carecia desperdiçar, ia faltar pra beber. Quando tinha água pra beber...

A vida é dura por aqui, o chão é duro por aqui – não chove água pra molhar a terra, pra afofar o chão daqui. Nunca se vê lama por aqui – nem se sabe o que isso é nas bandas daqui...

A mãe do recém-nascido quase parece vó de tão enrugada, rosto envelhecido muito antes do tempo certo, a pele da cara é o espelho do solo do lugar: rachado, quebradiço, poeirento. Sem expressão. Sem alento. O suor que escorre marca a poeira grudada no rosto.

Não chora lágrimas da dor do parto, nem da alegria da maternidade; as lágrimas secaram, seja pela dor que já se acostumou – "nasceu rápido, tem boa passagem", disse a parteira; seja pelo tamanho da prole já numerosa, "é o nono filho! Seis vivos", disse o marido acendendo um cigarro de palha.

As lágrimas devem ter evaporado tal qual o açude da Vila, que nem o riacho que descia do morro marrom do qual sobrou só o leito, tal é o calor que faz aqui. Se tivesse lágrimas, chorava muito só pra ver se juntava água, ainda que salgada.

O último rebento cresceu, "como o tempo passa rápido igual carreira de bode", assim se diz por aqui. Já tem sombra de bigode e tanta espinha na cara que parece mandacaru de janeiro, que não fulora na seca. Quase nunca viu chuva, nem se lembra quantas vezes. Não conhece enchente, temporal nem sabe o que é. Água limpa nunca viu. Nem bebeu, não sabe do sem-gosto da água limpa: "água tem gosto de terra".

A pouca água que por vezes cai do céu – de quando em vez São José abençoa, cai na terra e evapora. A que sobra vai pro raso açude barrento, pisado de gado magro, remexido de lata d'água e cuia de cabaça. É raso, mas não se vê o fundo, tem pouca água, quase nada, rasa e turva que nem vista cansada.

"Ouvi dizer que água era limpa, clara e cristalina que nem vidro de janela." Nunca viu assim não, quando cai do céu é tão pouca que não junta, quando tá na terra mistura e ganha cor. Pra beber não presta não, mas se não beber não sobrevive.

Dizem que na cidade grande tem de tudo: trabalho, mar, moça pra casar – e água limpa. "Vou pra lá, minha mãezinha". Juntou as tralhas, bem pouquinha, fez sinal pra carona no caminhão que vai pra cidade, lá bem longe. "Diz que lá tem muita água, tem até uma tal de inundação de tanta água que chove. Sei dizer o que é, não, ninguém voltou de lá pra contar. Deve ser bom".

Saltou da carona na cidade perto da estação central de trem. Falatório, correria, confusão. Nunca vira tanta gente junta, "parece até enxame de formiga carregadeira, meu Deus!" Largou no chão o bornal com as poucas tralhas que carregava de tonto que ficou. "Perdeu, mané!" Ouviu o grito e lá se foi a pouca bagagem que tinha, sumida dentre a multidão.

Sem a pouca bagagem, sem paradeiro pra onde ir, se deu conta do tamanho do problema que tinha naquele lugar desconhecido. Vagou sem saber pra onde ir, adormeceu na marquise acompanhado d'outros tantos como ele, sem pouso certo pra ficar. Puxou conversa: "onde tem água limpa por aqui? Rio que se vê peixe nadar, que se vê pedra no fundo?"

"Água até tem, logo depois no viaduto, pra lá do sinal; já água limpa é ruim, hein. O rio daqui é o canal do mangue, quase dá pra andar por cima d'água; e nem precisa ser homem santo. Peixe? Tá de sacanagem, né."

Foi lá pra conferir: corre uma vala de água cinza, fedorenta, grossa que gruda nas pedras. As pedras ficam ensebadas e nem se tivesse mil panos quase brancos, daqueles com que a parteira o limpou conseguiria descobrir a cor das pedras. Ouvira dizer que água era cristalina, sem cheiro, sem cor. Sem gosto de nada, o que não entendia muito bem: "como pode ser boa se nem gosto tem?"

Escreveu carta pra mãe: "Não creia, que nem eu, que água é coisa limpa que nem céu sem nuvem, clara como vidro de janela – isso não existe! Deve ser fruto de contação de história de cigana. Água é cinza, sebenta, tem cheiro ruim, tentei até beber – vomitei. É ruim por demais. Acho que água boa só tem aquela que cai por aí de quando em vez, cada vez menos. Pelo menos se bebe." A carta guardou no bolso de trás da calça desbotada, não tinha dinheiro pra mandar. E se tivesse, ainda assim ele chegaria antes em casa. "Vou voltar pra casa na primeira carona de volta", falou com seu pensamento – "daqui já vou rezando pra São José pra chuva de quando em vez cair no sertão. Água boa por aqui, cidade grande, não existe não."

Uma noite, outra depois, mais uma também depois de cada dia de sol. No quarto dia o tempo fechou em nuvens cinzentas, clarão de raio e barulho de trovão lhe chamaram a atenção. "Hoje a chuva vem, vamos ver se é boa mesmo, se dá inundação. Vou tomar banho de água limpa, vou beber água limpa também."

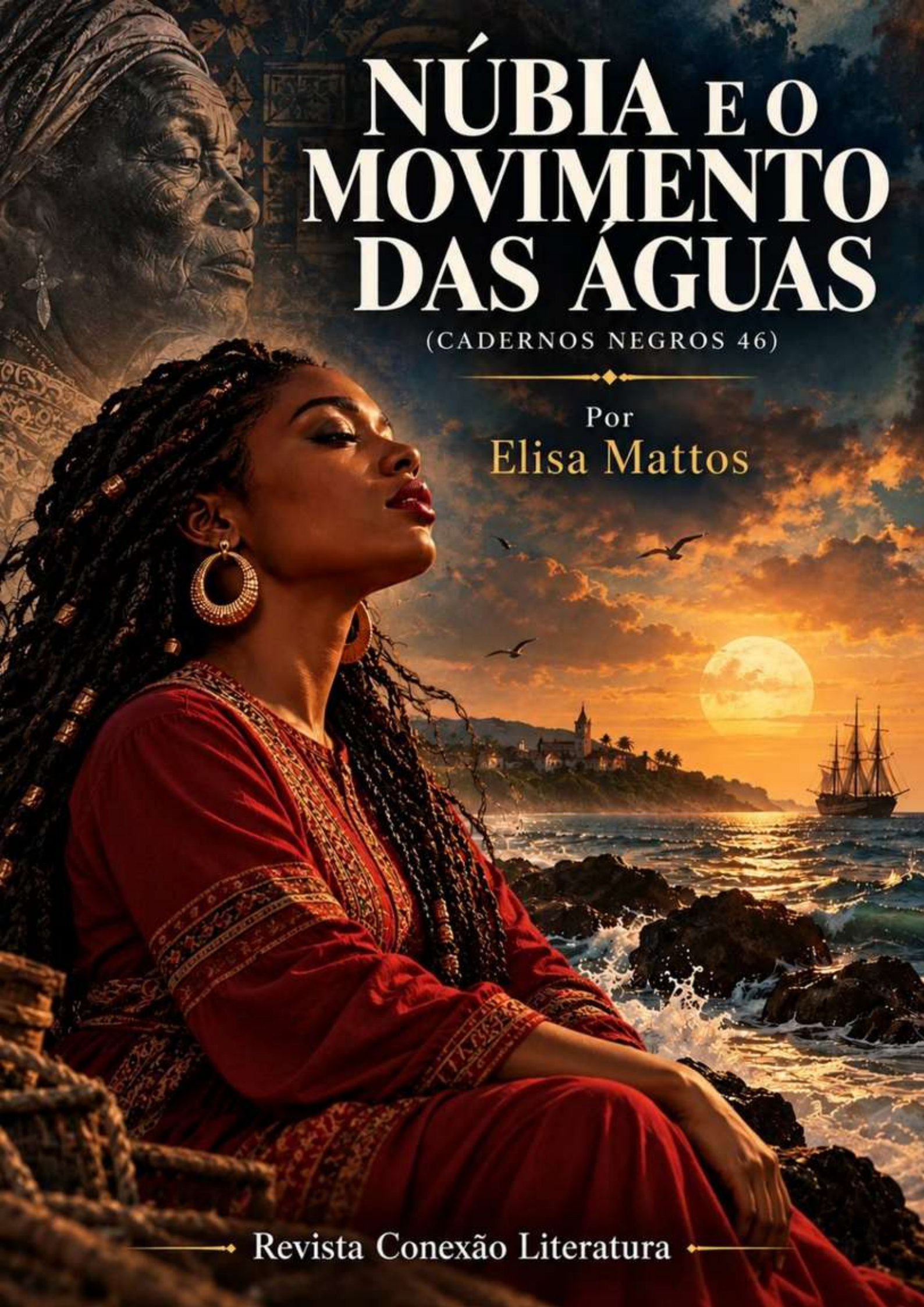
A chuva caiu forte, nunca vira tanta água assim. De repente correria, tumulto, gritaria. Tinha mais barulho além do som de trovão: "Corre!" "Pega!" "Para!" A correria foi seguida de barulho de tiros. A chuva caiu forte, as trovoadas aumentaram o volume, os clarões dos relâmpagos confundiam-se com os clarões das rajadas de balas do tiroteio.

"Tá chovendo, meu Deus!" gritou sem ser ouvido em meio ao tumulto na multidão. "Água limpa!" Nunca vira tanta, em tamanha quantidade. Estava tão extasiado com a profusão de pingos grossos na face lavada que nem deu importância para o baque forte no ventre – porrada ardida que doeu qual ferro em brasa. Hipnotizado pela água farta que nunca tinha visto, olhou em volta – de cima caía limpa, no chão, aos seus pés a água estava tingida de carmim – vermelho que nem pena de passarinho tiê.

Alvejado pela bala perdida, morreu na poça d'água limpa com que sempre sonhara. Água ainda quase limpa, manchada com seu sangue…



Anderson Almeida Nogueira nasceu em Magé/RJ em 26/12/1966, é morador de Cachoeiras de Macacu/RJ. Autor independente tem seis livros publicados. É membro da Academia Cachoeirense de Letras desde 2018, onde ocupa a Cadeira de nº 18. Seu conto "Vazio" foi publicado na Revista Innombrable de Medellín, na Colômbia em 2020 com título em espanhol (Vacío). O poema "Rio" foi classificado nos Concursos "Jardim Botânico 2023" em Coimbra, e "Natureza à Escuta" em Évora, os dois em Portugal.


NÚBIA E O MOVIMENTO DAS ÁGUAS
(CADERNOS NEGROS 46)
Por
Elisa Mattos
Revista Conexão Literatura

Mesa forrada com toalha branca de crochê, café fresco na garrafa térmica, bolo quente de milho com perfume de erva-doce. O preferido de Nilo. Núbia sabia todos os gostos do companheiro, todos os segredos que jamais seriam revelados. Ela era o seu maior segredo. Que mais desejaria da vida? Eram felizes, acreditava, e agradecia ao senhor destino pelo amor com que fora presenteada.

Núbia Aparecida da Conceição levantava-se sempre junto com os primeiros raios do sol; gostava de testemunhar a noite se transformar em dia. Perdia-se nas horas da manhã a admirar a beleza do seu corpo, que já havia deixado a juventude para trás. As longas tranças negras, cuidadosamente lavadas com sabão de coco; a cabeça mergulhada na bacia de alumínio que, como um espelho, espalhava o reflexo do céu pelo quintal. Tinha as unhas dos pés e das mãos pintadas de carmim e a boca carnuda carregada de batom também vermelho, sua cor preferida. A cor do sangue, o alimento da vida.

Núbia calculava a passagem do tempo pelas mudanças da lua, a chegada e a partida dos barcos, as quebradas da maré, o uivo dos ventos. Da infância, Cidinha da Ceição — como era conhecida na vizinhança — não recordava quase nada. Nem sabia se tinha pais ou irmãos vivos. O passado se apagou desde que, ainda menina, foi retirada da família para limpar outras casas e cuidar de outras crianças da mesma idade que ela. Não frequentou a escola, nunca soube o que era brincar. Guardava apenas, protegidas na memória como as mais preciosas relíquias, as histórias contadas pela mulher mais doce que conheceu: a Vó Yeji.

A mãe de seu pai narrava, com os olhos marejados e a voz embargada, as lembranças que ouvira de outros descendentes de homens e mulheres de peles negras como as deles, sobre um continente distante, do outro lado do mar, farto e exuberante, onde seus habitantes originários exerciam a plenitude da vida em toda a sua grandeza. Sentadas de mãos dadas na areia morna da praia, avó e neta miravam, nostálgicas, o território ancestral, lá do outro lado do mar. "Quem sabe um dia a gente faz o caminho de volta?", sonhavam felizes.

Vó Yeji não queria entristecer a neta e pulava os capítulos da história sobre a chegada à África de homens cruéis e violentos, de peles claras, que bravejavam em outras línguas enquanto cometiam os mais diversos tipos de violência. Famílias inteiras, incluindo crianças e idosos, foram arrancadas de seus lares, acorrentadas e amontoadas nos porões dos navios, dividindo espaço e comida com ratos, para serem escravizadas no continente americano. Milhares de irmãos sucumbiram ainda em alto-mar. Dolorosa jornada que perdurou por centenas de anos e deixou cicatrizes profundas no corpo e na alma dos sobreviventes e de suas gerações seguintes. Dores que Vó Yeji da Conceição bem conhecia e que Núbia Aparecida da Conceição sentia no coração.

Naquela manhã de sábado, Núbia acordou eufórica, soltando a voz. Entoava trechos da ópera Carmen com a mesma entrega da protagonista no ato final. Sabia a

trama de cor; aprendera quando dormia nas escadarias do El Gran Teatro, no centro antigo da cidade, onde a peça ficou em cartaz durante anos. O dia transcorreu sem sobressaltos. Cidinha da Ceição catou feijão, como fazia na casa da mãe, torceu a pequena muda de roupas que cabia em uma só mala, foi dar uma volta na praia e até arriscou construir castelos na areia.

Vestido de renda vermelha, sandálias de salto alto douradas, cabelos soltos e mãos livres. Lá foi ela, ao cair da noite, bailando pelas ruas de pedra, ao encontro do amado Nilo, no velho hotel da Rua dos Aflitos. Durante horas, Núbia aguardou inerte, observando o movimento da rua pelo vitrô do minúsculo quarto encardido. Casais de diversas idades e origens entravam e saíam a todo instante do prédio. Mais uma vez, Nilo não apareceu.

A conhecida sensação de abandono e solidão corroeu o coração de Núbia. Frustrada, faminta, com sede e sem sono, ela entrou no bar do beco ao lado, onde tantas vezes já estivera sozinha. Sentou-se ao balcão, pediu um conhaque e acendeu um cigarro mentolado que pediu a alguém. Entre um trago e outro, buscava um sentido para a vida. Da Silva, o único garçom do estabelecimento, de mãos trêmulas e uniforme desbotado, serviu-lhe a bebida barata com um sorriso. Num gesto solidário, colocou para tocar o bolero arranhado de sempre.

— Tú me acostumbraste, a todas esas cosas y tú me enseñaste, que son maravillosas. Sutil llegaste a mí como una tentación, llenando de inquietud mi corazón.

O corpo de Núbia Aparecida da Conceição estremeceu; sentiu um nó na garganta. Ela se lembrou do pastel de carne que a avó fazia para o almoço de domingo. Músicas de amor, perfumes e cheiros de comida lhe provocavam nostalgia. Queria de volta os dias de vida em família, que nem sabia ter vivido. Estava tão mergulhada no provável passado que não percebeu o homem que entrou esbaforido no bar: suado, com as bochechas rosadas, terno surrado e voz estridente. Sem pedir licença, tragou um gole de sua bebida e lhe arrancou um beijo babado. Ela não reagiu. De olhos entrefechados, deixou-se levar pela música. Apenas os dois estavam no bar. Cheiros de fritura, suor e álcool impregnavam o ambiente. Foi uma longa noite.

Mesas amontoadas, cadeiras viradas, porta cerrada. O sol já apontava na esquina. Núbia pediu a saideira e sentou-se no meio-fio em frente ao bar. Pela primeira vez, sentiu muita raiva de Nilo. Homem de olhar manso, sorriso de canto de boca, fala melodiosa. Um corpo preto que se movimentava com a elegância de um rio. Porém, um rio de águas turvas, turbulento, com correnteza feroz rumo ao mar aberto.

Mesmo exausta, triste e com o espírito enfraquecido, Núbia não se permitia abater. Precisava reagir, recuperar a força ancestral que a salvara tantas vezes. Seguiu devagar pelas ruelas, sem saber exatamente para onde seus pés a levariam. O sol ardia a pino; a cidade girava em torno da rotina urbana. Ofegante, com a boca seca e os olhos ardidos,

ela não parava: Núbia subia e descia ladeiras, dobrava avenidas, cruzava praças. Seu único desejo era encontrar seu amado Nilo e ouvir um pedido de perdão.

Era uma casa alta, com muro verde, jardim florido e bem cuidado e um cachorro sonolento na calçada. Chegou ao endereço dele, do outro lado da cidade, guiada pela intuição. Quando a mulher abriu a porta, Núbia se espantou. Rugas na testa e em torno da boca, unhas corroídas, sem esmalte, semblante cansado de quem dormia pouco e chorava muito antes de pegar no sono. O café do casal de filhos e o cuscuz do marido, preparados antes do dia amanhecer.

Núbia sentiu pena da jovem companheira de Nilo. E dela própria, por ter desejado tanto aquela vida para si. Desistiu de confrontar seu homem. Na verdade, desistiu dele; não queria mais saber das sobras de carinho morno reservadas para ela. Antes de virar as costas, a mãe dos filhos de Nilo avançou sobre Núbia com fúria. Deu-lhe vários socos no peito, chamou-a de vadia, puta e filha dos infernos e arranhou-lhe os braços. Os olhos da mulher estavam em chamas; a boca cuspia enquanto ela colocava seu ódio para fora.

Núbia ficou paralisada. Não quis revidar; percebeu logo que as duas sentiam as mesmas dores, tinham as mesmas feridas. A cena na porta da casa não significou um duelo; foi um reencontro — deduziu. Núbia sorriu e abraçou a irmã num gesto de paz e cumplicidade. Partiu de alma lavada.

Quando finalmente pisou em casa, estava com a cabeça confusa, latejante, e os pensamentos se entrelaçavam em imagens. Quantos dias havia ficado fora? Não sabia. Por onde andara? Não lembrava. Tudo lhe doía, por fora e por dentro. As unhas estavam quebradas, os pés rachados, em carne viva. Alguns dentes haviam sumido da boca; havia sangue espirrado pelas pernas. Novos cortes pelo corpo.

Núbia precisava desesperadamente descansar. Usou o resto da água fria do balde para se banhar e, ali mesmo, deitou-se no chão molhado e caiu em sono profundo. Ruço, o gato despelado que a perseguia por toda parte, ficou o tempo todo ao seu lado. Mas nem durante o sono Núbia da Conceição teve paz. O sono foi agitado: ela debatia as pernas, ouvia gritos ao longe e teve a impressão de que tentaram arrancar seus cabelos. Mãos pesadas tocaram-lhe o pescoço, impedindo-a de respirar. Outra vez, um pesadelo.

Ao despertar, Núbia ergueu as mãos espalmadas para o céu, num gesto de agradecimento e reverência ao divino, como lhe ensinara Vó Yeji da Conceição. Estava pronta para mais um dia de sobrevivência. O que havia se passado na noite anterior caiu no esquecimento. Era como se o tempo de Núbia andasse só para a frente: as horas passadas nunca haviam existido. Todos os dias eram seu renascimento. Desde que conhecera as mazelas das ruas, ainda na adolescência, ela desenvolvera um método para manipular os fatos em sua consciência e zerar a caixa de memória, evitando, assim, sofrimentos constantes. Alguns chamavam seu comportamento de loucura. Para Núbia, era defesa.

A vida segue. Com as tranças enroladas no alto da cabeça em forma de coroa, vestido leve e solto sobre as curvas volumosas, Núbia foi à beira-mar apreciar o vai e vem sonoro das ondas. Seu ritual de libertação. O movimento das águas e o cheiro de maresia despertavam nela um sentimento parecido com felicidade. Era onde se sentia viva e acolhida, em frente à imensidão do mar.

A faca usada para se defender do ataque de Nilo Januário na noite anterior ficou jogada na pia, misturada ao resto da louça suja. Nunca soube o destino que levou minha mãe, Núbia Aparecida da Conceição, desde que seu corpo desapareceu naquele mergulho profundo, na tarde ensolarada de verão. Faz muito tempo; não me lembro da data exata. Mas nunca tiro do dedo o anel de rubi que herdei de minha bisavó Yeji, joia que fortalece as mulheres da nossa família há tantos séculos e nos mantém interligadas pelas veias de um só coração. Ubuntu.

***



O conto faz parte da coletânea Cadernos Negros 46.

A jornalista e escritora **Elisa Mattos**, pós-graduada em Jornalismo Político, trabalhou durante 40 anos na imprensa escrita e televisiva. Foi editora da TV Globo por 23 anos, até se aposentar. É pesquisadora e conselheira do NEPFIR — Núcleo de Escritoras Pretas Maria Firmina dos Reis, da Universidade de Brasília. É autora dos livros *Meu Reverso*, finalista do Prêmio Maria Firmina dos Reis (2018, poesia, edição independente); *Estela nas Nuvens* (2025, infantojuvenil, Editora Revista África e Africanidades); e *Vírus: Medo, Solidão e Desprezo por Corpos Negros* (2025, crônicas, Editora Telha). Participa como coautora de 17 coletâneas nacionais e internacionais, entre elas *As tecnologias e suas encruzilhadas* (Editora Telha, 2026) e *Cadernos Negros*, volumes 45 e 46 (Coletivo Quilombhoje).

O CADETE

Por IRACI JOSÉ MARIN



Revista Conexão Literatura

— Boa tarde. Cadete 24?
— Só existe um: sou eu!
Se olharam, examinando-se. Quem era um e quem era o outro?
— Melhor dizendo, só existia um, e era eu...
— Sim, claro... Como não ia me lembrar?
— Se lembrar do quê?... Quem é o senhor?
Cadete 24 tratou o visitante por "senhor", pois aprendera esse respeito na instituição. Fora subalterno do outro, mas isso ele ainda não sabia. Na verdade, sempre fora lerdo de pensamento... Ali, naquele encontro sem hora marcada, estava mais uma prova de sua lerdeza.
— Não se lembra de mim, não?
— Não... Acho que nunca o vi. Não tenho lembrança de sua fisionomia.
— É plenamente possível que não se lembre de mim porque, de fato, mudei. Naquele tempo, eu tinha cabelos pretos e não usava óculos. Nem tinha a barba que tenho hoje. Era proibido. Diziam que era coisa de comunista, imagine!
— Ainda não sei quem é o senhor.
— Não faz mal. Podemos conversar como dois conhecidos que se tornaram desconhecidos com o tempo.
— Mas o senhor me reconheceu, me chamou pelo apelido que eu tinha.
— Todos lá tinham um apelido. Alguns eram engraçados. Como não ia me lembrar de você, Cadete 24?
— Não posso conversar com alguém que diz me conhecer, mas que eu não reconheço e que não se apresenta.
— Eu me apresento: sou o ex-sargento Aristides. Se lembra?
Num lance rápido de memória, reagiu:
— O instrutor de judô?
— Isso mesmo.
— Não quero me lembrar, e não é bem-vindo.
— Ora, não seja tolo!
— Era assim que você chamava a gente nos treinamentos.
— Então se lembra.
— Claro, eu era o seu tolo maior. Parecia que você tinha prazer em me chamar assim.
— Meu prazer era outro, você deve se lembrar.
— Não quero lembrar.
— Não tem nenhuma importância ou demérito você não querer se lembrar.
— Eu mudei. Inclusive, passei a capitão quando dei baixa.
— Deu baixa por imposição dos superiores, diga a verdade.
— Investigou a minha vida?
— Não, mas você não é invisível. Nem o que faz.
— Esta conversa já cansou.
Virou as costas e retornou para dentro do prédio. Aristides gritou:
— O que é isso?

Virou-se:
— Isso o quê?
— Virar as costas. Não foi o que aprendeu lá? Bem... Acho que não aprendeu mesmo. Você sempre foi duro para aprender alguma coisa, além de ser indisciplinado, cheio de razões e com muita conversa fiada.
— Veio aqui para me xingar e atingir a minha moral? Me procurou para me torturar de novo? Não basta o que fez comigo quando eu era um pobre cadete?
— Ué, você gostava! Ficava todo arrepiado.
— Para com isso. Agora eu sou um homem de verdade, macho, sabe o que é isso? Macho!
— Sei o que é. Mas não se envergonhe de seu passado.
— Meu passado não importa, já esqueci tudo. Agora sou capitão.
— Eu sei.
— Fui eleito.
— Também sei.
— Então não me aporrinha.
— Calma. Não te procurei por nada.
— É mesmo? O que pretende?
Aristides baixou a cabeça, procurando as palavras certas para dizer.
— Se é dinheiro o que veio me pedir, pode dar meia-volta. Não devo nada a ninguém. Minha vida é limpa.
— Não é dinheiro e não vim cobrar nada.
— Então, o que é?
— Você pode me nomear para ser assessor de alguma coisa.
— Veio pedir um cargo em troca do silêncio a respeito do meu passado? Isso é chantagem, baixaria. Fique sabendo que eu não me rendo a esse tipo de coisa.
— Não é chantagem. Eu quero fazer algo, ocupar meu tempo.
— Não, você precisa de dinheiro em troca do silêncio.
— O dinheiro é sempre bem-vindo. Mas, no fundo, não é o mais importante. E não é negociação também. Eu quero me ocupar. Estou me sentindo inútil. Veja, estou um pouco acima do peso, e isso não é bom.
Cadete 24 olhou para os lados e, depois, para o interlocutor.
— Seu Aristides, vou ver se posso conseguir algo.
— Vou ficar agradecido.
Com um sorriso irônico, advertiu:
— Mas vai ter um pedágio.
— Pedágio? Não entendi.
— Parte do teu salário fica comigo.
— Puta merda, você aprendeu a ser...
— Não me venha com esse tipo de conversa. Se quiser um cargo, é assim. É sem mimimi.
Virou-lhe as costas acintosamente e entrou no prédio.

IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul – RS. É professor estadual aposentado e advogado. Publicou romances e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa, como também artigos na mesma linha. Publica contos regularmente em diversas revistas e participou de várias Antologias e Coletâneas de contos.

Ainda é cedo amor

Por Luciana Simon de Paula Leite



Revista Conexão Literatura

Betina era uma jovem de classe média baixa. Cabelos longos, castanho-escuros, repartidos no meio. Morava com a tia-avó numa casa térrea em um bairro do centro antigo de Santos. Herança de família que sobrevivia dentre os galpões industriais, uma ilha em meio ao movimento avassalador de veículos nas avenidas que circundavam a rua pequena, encolhida como uma lembrança sem relevância de um tempo sepultado há muito.

Sua mãe morreu no parto e o pai, um forte estivador que trabalhava no porto, não reconheceu a paternidade da menina. Sumiu ao ouvir a notícia de que estava sendo gestada pela então jovem mãe, de 21 anos. Betina apenas conhecia seu apelido: "Zé Carioca", uma referência ao sotaque similar ao modo de falar de algumas pessoas do estado do Rio de Janeiro, com erres e esses acentuados. Sequer sabia se ele era realmente do Rio de Janeiro já que na região da baixada santista diversas pessoas possuíam aquele jeito de se expressar verbalmente.

Quando ainda era recém-nascida, a avó Dona Elvira havia lhe prestado os cuidados essenciais, residindo com a irmã Eulália. Aos dez anos da menina, faleceu Dona Elvira, de pneumonia. Era muito magra, fumante, desgostosa com a vida. A tristeza, mais do que a doença, certamente exauriu suas forças essenciais, prematuramente. Sempre ouviu de pessoas conhecidas da avó frases como "A vida foi muito dura com ela, descansou". Nunca compreendeu ao certo tais ponderações.

Em suas lembranças, recordava-se de observar a avó nos dias ensolarados esfregando roupas no tanque de louça branca e cantando. Betina ficava sentada no chão de azulejos hidráulicos desbotados, alternando seu olhar atento entre a avó, duas bonecas, uma sem a cabeça e outra, bastante descabelada. A cabeça não havia sido perdida, estava apenas a alguns centímetros da proprietária de plástico. A música? Algo que dizia "ainda é cedo amor, mal começaste a conhecer a vida.". Foi sua tia-avó Eulália quem lhe contou, aquela música era uma das preferidas da avó, do "mestre" Cartola, um grande compositor dos anos 70, embora já fosse sambista desde a década de 30. O reconhecimento público veio quando já contava com mais de sessenta anos.

Betina rememorava esses detalhes, talvez, porque em seu íntimo permanecia uma indagação sem resposta. Será que caso sua avó houvesse falecido mais tarde, teria como Cartola alcançado algum êxito na vida? Um trabalho melhor ou, vai saber, um bom marido que dela cuidasse? Elvira comentava com a neta, desde pequena, sobre a importância da menina, que era muito bonita, encontrar um "bom homem que lhe sustentasse e fosse respeitoso". Betina ignorava se isso de fato existisse. Na vizinhança, os relacionamentos não eram harmônicos e via as pessoas mais sozinhas ou malcasadas, imersas em discussões. Mas talvez fosse a falta de recursos. A dificuldade material era uma questão penosa.

Ela era organizada e responsável. Não era seu costume matraquear, porém não se acanhava quando precisava se posicionar e expunha, com firmeza, seu ponto de vista. Sabia, ela era sozinha no mundo. Precisava se defender sem aguardar os adultos. A tia Eulália lhe tratava bem. Porém, era mais velha do que sua finada avó, tinha seus problemas de saúde e ainda trabalhava em uma empresa, embora fosse aposentada há muitos anos pelo INSS. Trabalhava porque tinha de cuidar da sobrinha e Betina era

profundamente grata à tia por essa dedicação. Não queria ser um peso, mais do que já era, bem sabia.

Na fase da adolescência, Betina começou a trabalhar em shopping center como vendedora. Era educada, paciente e buscava ser objetiva para trazer aos clientes o que lhe pediam. Evitava insistir no oferecimento de diversos produtos, a não ser quando percebia interesse efetivo. Essa conduta profissional sempre lhe rendeu bons frutos, permanecendo nos empregos que encontrou por longos períodos e poupando recursos para os estudos. Passou no vestibular e se matriculou em faculdade privada, sob custo não exacerbado, logrando êxito na inscrição em programa de financiamento estudantil.

A rotina de Betina não era fácil. Acordava muito cedo, valia-se de transporte público e caminhava bastante para chegar ao trabalho, deslocando-se à faculdade no período noturno, após o expediente. Chegava exausta e faminta em casa, mas não reclamava. Sabia que precisava ser forte e aproveitar enquanto era jovem e saudável para cumprir uma rotina diária desgastante, essencial ao alcance de seus objetivos. Segurança financeira, estabilidade. O necessário para não se sentir desprotegida num mundo em que o dinheiro era o maior valor. Ou, às vezes, o único perceptível, segundo o comportamento que notava nas pessoas.

Numa sexta-feira, no intervalo das aulas na faculdade para o café, passou distraída pelo mural de recados e avistou uma folha de papel sulfite com um texto longo impresso. Sua cabeça doía, sono acumulado e problemas de visão, provavelmente estava precisando usar óculos para leitura, no auge de seus dezenove anos: PROCURA-SE ESTAGIÁRIA, PERÍODO INTEGRAL EM ESCRITÓRIO DE CONTABILIDADE, REMUNERAÇÃO DOIS SALÁRIOS-MÍNIMOS MENSALMENTE, COM CARTEIRA ASSINADA, EXIGE-SE BOA APARÊNCIA, CONHECIMENTOS EM INFORMÁTICA...

Betina não conseguiu deixar de achar a proposta interessante pois poderia angariar conhecimentos técnicos úteis e ainda receber remuneração fixa. Embora com comissões seu salário na boutique pudesse ser superior, isso dependia muito do período do ano. Em alguns meses as vendas eram pífias, tinha de se privar de várias coisas para poder fazer frente às despesas indispensáveis, como alimentação e transporte. E seria positivo para a faculdade esse trabalho, no curso de ciências contábeis que cursava!

Não pensou duas vezes. O não, já possuía. Agendou por aplicativo de mensagens entrevista presencial com o dono do escritório, Sr Rodoaldo Menezes da Silva, na segunda-feira seguinte ao contato, às 09:00 horas.

Como o escritório ficava bastante distante, programou-se para sair de casa cedo, tomando três conduções. Chegou às 08:45 horas no local da entrevista, um prédio de quatro andares, com grandes janelas de vidro espelhado acinzentado. Vestia calça jeans não justa, tênis brancos, uma blusa vinho com bolinhas brancas e babados delicados de renda na mesma cor da estampa. Os cabelos estavam presos num rabo de cavalo baixo. Usava gloss rosa , maquiagem leve e brincos de argola prateados, de tamanho mediano.

Ao entrar na sala do diretor, deparou-se com um homem de quarenta e poucos anos, cabelos grisalhos, sem barba ou bigode, meio corpulento, com sobrancelhas negras com alguns fios brancos, o qual olhava para uma papelada com ar irritado quando, ao vê-

la, subitamente mudou a expressão. Arregalou um pouco os olhos muito negros emoldurados por lentes de grau quadradas, em sua direção.

Um sorriso escancarou-se no rosto dele, exibindo vários dentes, os quais eram esbranquiçados em virtude da inserção de lentes de porcelana. Um homem simpático, um tanto quanto obeso e que a olhava com aparente adoração. Era polido e muito bom com palavras. Pensou que estaria segura no contexto e não era caso de deixar de aproveitar uma chance de evolução profissional. Ademais, com o progresso futuro teria condições de melhor auxiliar sua tia-avó na aposentadoria merecida e mais do que procrastinada, por sua causa...

Pouco tempo após haver iniciado as atividades na função de estagiária, Betina já se viu num relacionamento afetivo com o dono do escritório. Nem ela soube dizer às poucas amigas com exatidão como se desenrolaram os fatos de modo tão instantâneo. Ele lhe dava bastante atenção, era uma figura paternal e conselheira. Betina em síntese se sentia segura, única, especial. Foram cafés à tarde na lanchonete da esquina. Mais tarde, um jantar com clientes, durante a semana, rotina que rapidamente se intensificou com encontros românticos numa cantina no centro da cidade e subsequente licor e café em um hotel tradicional e charmoso na orla...

Não foi sem profunda surpresa que Eulália, em menos de duas semanas do início do trabalho de Betina como estagiária no escritório de contabilidade, deixou de ter a companhia da sobrinha em casa. De modo repentino, sem troca anterior de ideias, Betina fez as malas, deu um beijo na face da tia e lhe comunicou que "estava tudo bem mas decidiu se mudar para a casa do namorado por ser mais próximo do trabalho , inexistiam motivos para preocupações, iria telefonar para a tia".

O telefonema tardou e por fim, não veio. Betina desapareceu. Eulália, desesperada com o sumiço da sobrinha, não poupou esforços.... os dias após a despedida informal e repentina foram se multiplicando, num silêncio absurdo e surreal. A mulher idosa foi à delegacia de polícia. Antes, à faculdade e ao local de trabalho de Betina. Ninguém conhecia seu paradeiro. Há dias, faltava às aulas... no trabalho, demitiu-se imotivadamente ainda sob a vigência de contrato de experiência. Segundo lhe informaram, "a funcionária disse que iria viajar". Apenas isso. As poucas amigas, perderam o contato com Betina após a notícia de sua mudança para a casa do namorado, que não chegaram a conhecer.... nada de concreto, em lugar algum. Nenhuma pista!

Betina foi considerada pessoa desaparecida nas estatísticas oficiais. Diziam à tia-avó, "essa menina descabeçada deve estar se drogando em algum lugar e a senhora aí, preocupada...deve ter ido a São Paulo....a senhora já investigou?" No início, Eulália brigava, ficava indignada, gritava. Aquilo era mentira! Sua menina sempre foi honesta, trabalhadora, sem vícios!

A resposta era sempre a mesma. Não há crime sem corpo. Onde estaria Betina? Como poderia a senhora pobre, sem instrução e idosa acusar quem quer que fosse? Alguém do escritório de contabilidade, mas quem? Eulália não sabia.

Betina apenas queria melhor qualidade de vida, trabalho digno, condições para usufruir de sua existência, com segurança para si e para quem lhe importava.

Ainda era muito cedo para perder Betina. Ela mal havia começado a conhecer a vida, assim como foi com sua mãe...

Betina nunca retornou. Em seu lugar, restou uma tristeza imensa no peito de Eulália.



Luciana Simon de Paula Leite: exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado "Para nossas meninas", obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

REVISTA

CONEXÃO

LITERATURA

LITERATURA QUE CONECTA HISTÓRIAS, IDEIAS E TRANSFORMA REALIDADES.

CONHEÇA O LIVRO

JENIPAPO

DA AUTORA

LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE

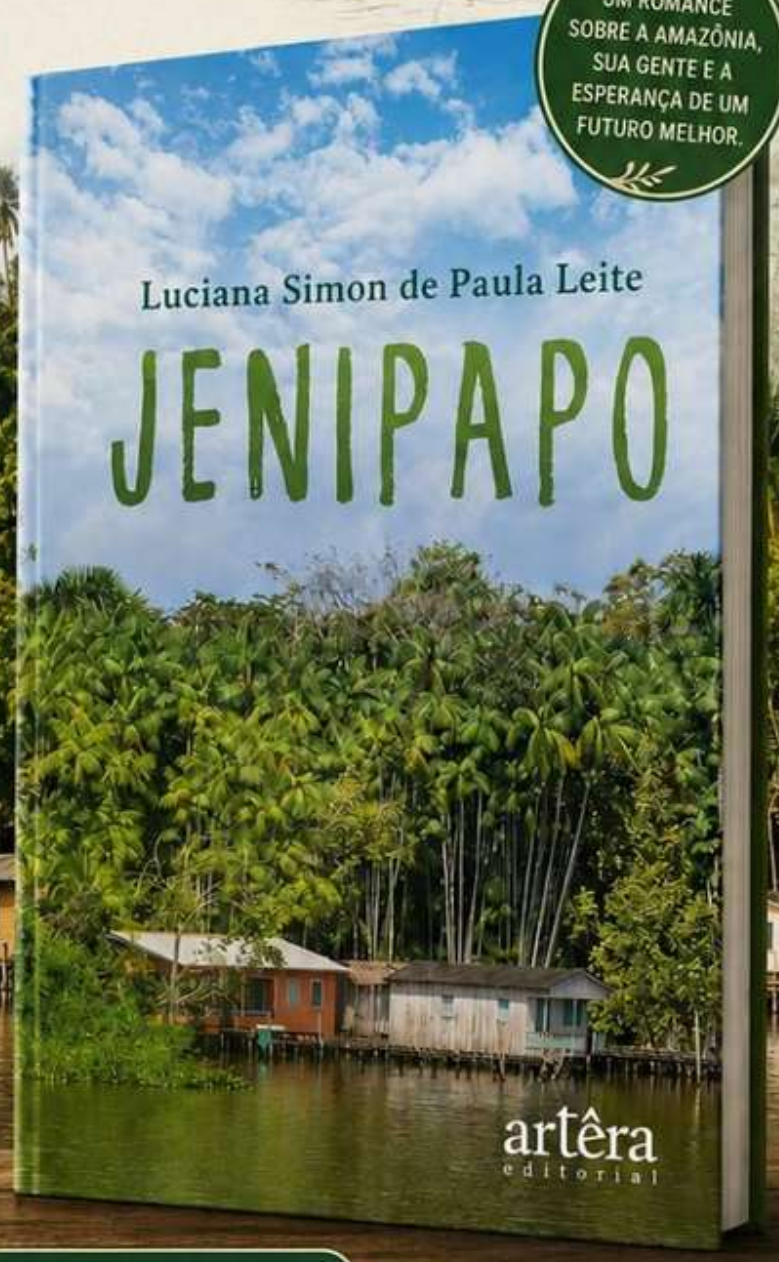
UM ROMANCE SOBRE A AMAZÔNIA, SUA GENTE E A ESPERANÇA DE UM FUTURO MELHOR.

SINOPSE

Jenipapo é uma obra de ficção baseada em fatos, aborda a realidade do Marajó hodiernamente com menção a episódios que envolveram diretamente Giovanni Gallo, padre jesuíta que se instalou na região albergada pelo Município de Santa Cruz do Arari na década de 1970 e que fundou o Museu do Marajó, homem visionário e que muito esforçou-se para o desenvolvimento sustentável do Marajó mediante combate à pobreza extrema.

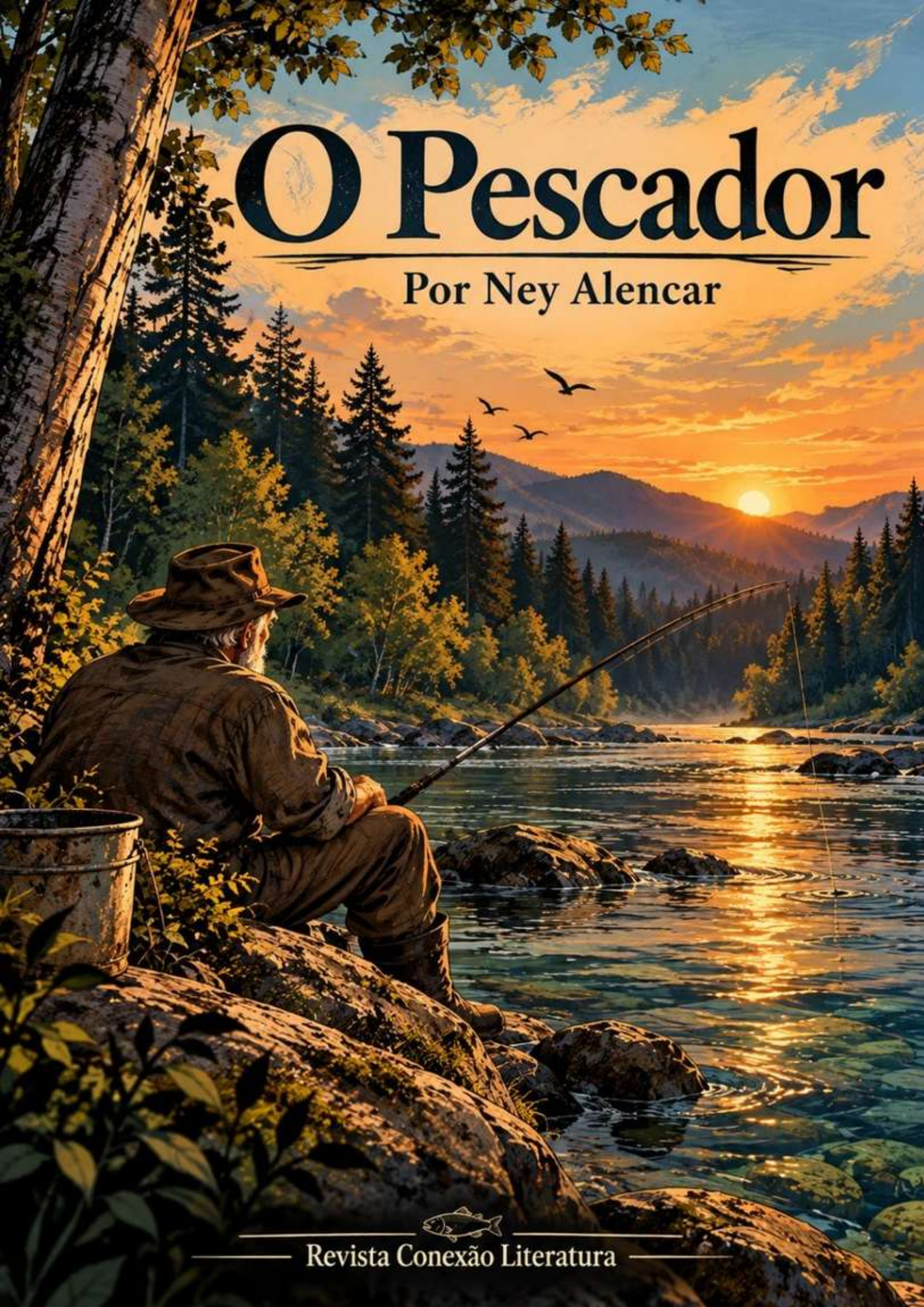
A atualidade da temática é irrefutável posto concernente à preservação da Região Amazônica e seus problemas múltiplos, tais como aquecimento global, risco à subsistência, segurança e saúde de comunidades ribeirinhas e quilombolas, poluição ambiental, sem olvidar a dinâmica das relações humanas instigando reflexões sobre capacitismo, racismo, abuso sexual infantil, afeto, parentalidade, conjugalidade, entre outros fatores.

Mas é a sombra de Giovanni Gallo, com seu incondicional apreço ao Marajó, sua cultura e natureza e, especialmente, seu franco desejo de concorrer para a melhoria de qualidade de vida do homem marajoara, prestigiando sua história e estimulando autoestima, que inegavelmente permeia a obra, absolutamente atual, cuja leitura é necessária.



PARA ADQUIRIR O LIVRO:
CLIQUE AQUI

artêra
editorial


O Pescador
Por Ney Alencar
Revista Conexão Literatura

"Escamas refletem a água
Vida que nada."

— Desconhecido

O velho chegou ao rio antes o sol subir!

O ar estava frio e limpo e havia uma quietude que era apenas espera.

O rio corria lento, largo e claro, tão claro que podia ver as pedras no fundo e a sombra longa dos peixes que se moviam entre elas.

A água vinha das terras altas e trazia um frio constante que mantinha a mente desperta.

Colocou o chapéu no chão e ficou um momento olhando.

As margens eram cobertas por álamos e bétulas, seus troncos claros refletindo a luz pálida da manhã.

Mais atrás havia pinheiros escuros, firmes, e o vento fazia um som baixo quando passava por eles.

O velho conhecia aquele som desde menino.

Era um som que não mentia!

Montou a vara com cuidado.

Primeiro as iscas vivas, guardadas num pequeno balde.

Pegou uma minhoca grossa e a passou pelo anzol com dedos firmes e lentos.

Depois lançou a linha com um movimento curto, preciso, deixando que a isca afundasse onde a corrente era mais lenta.

A linha ficou esticada e calma, como se fosse parte do rio.

Esperou, sempre esperava.

Quando o peixe mordeu foi um puxão curto e decidido.

Ergueu a vara, sentiu o peso e trouxe o peixe para perto com paciência.

Era um peixe bom, prateado, ainda forte.

Segurou-o com a mão esquerda, sentindo o frio e o tremor do corpo vivo e então pegou a faca.

A faca era antiga!

O cabo estava gasto e liso pelo uso e a lâmina curta brilhava pouco, mas cortava bem.

Abriu o peixe com um gesto limpo, sem pressa.

O sangue escorreu para o rio e se dissolveu rápido na água clara.

Retirou as entranhas com cuidado e jogou-as de volta na corrente, onde desapareceram entre as pedras.

Depois trocou a linha e usou uma isca artificial, uma pequena colher metálica que refletia a luz do sol já mais alto.

Lançou novamente!

A colher girava sob a água, brilhando como um peixe ferido.

Gostava da sensação do peso da linha, da certeza do que estava fazendo.

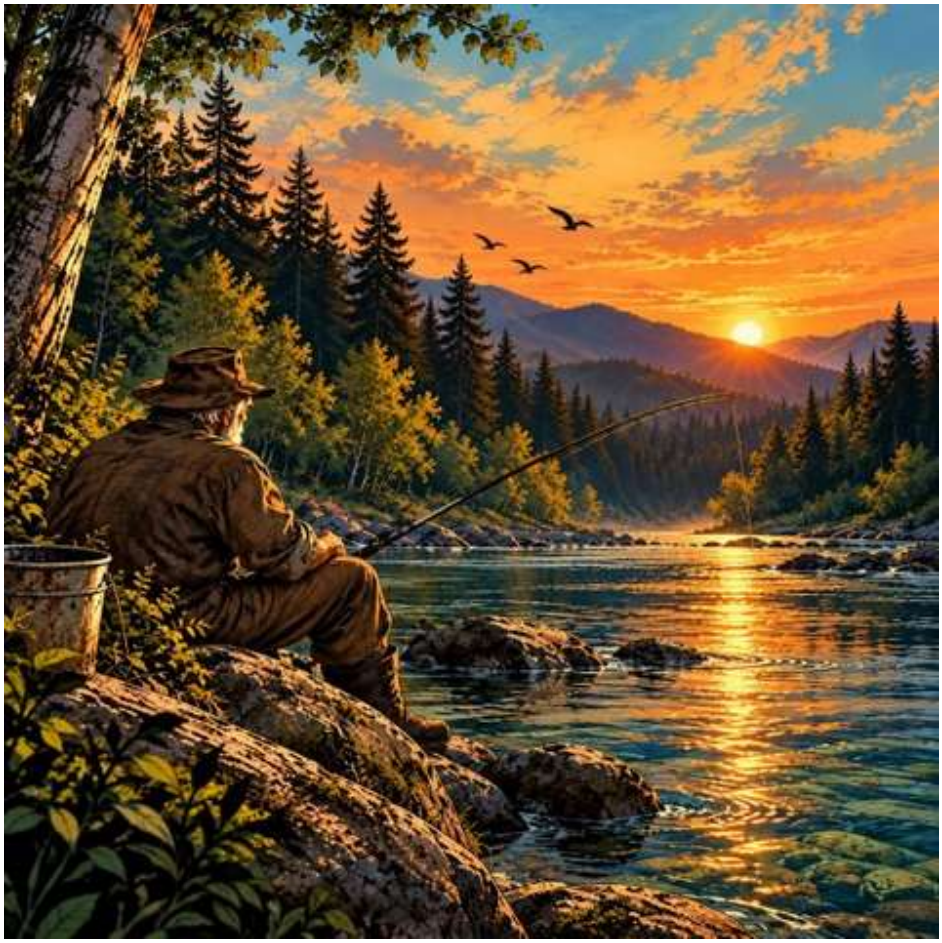
O rio seguia igual, paciente.

As árvores permaneciam imóveis, observando.

Um pássaro cruzou o céu e sumiu além das copas.
O velho continuou pescando, sabendo que ali tudo era simples e suficiente.
O rio dava o que dava e isso bastava!
Deitou-se para descansar no fim da tarde debaixo de um álamo.
O cansaço era o que lhe restava.
A dor no peito veio como um carinho apenas.
Os olhos deixaram a luz para fora.
Quando a noite veio, dormiu!

"A morte alimenta a vida
Bastava-lhe o nada que o rio levava!"

— Um Idílio

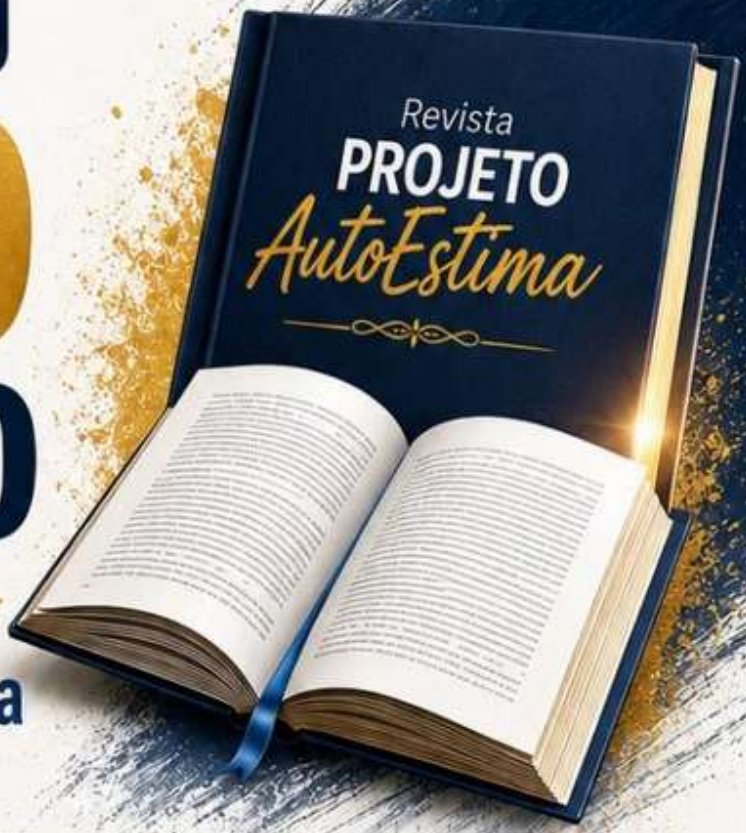


Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 500 contos publicados em 80 e-books e em 202 antologias. Possui 19 livros publicados.

DIVULGUE O SEU LIVRO OU TEXTO

NA

Revista Projeto AutoEstima



Entrevista:
Entrevista Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

R$ 200,00

Texto: **R$ 80,00**

Poema até 2 páginas: **R$ 80,00**

Conto ou crônica até 4 páginas: **R$ 80,00**

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT:

CLIQUE AQUI



Revista
PROJETO
AutoEstima

https://revistaprojetoautoestima.com.br

A Bibliotecária

Por Raul Schaefer Filho



Revista Conexão Literatura

Estancou seu veículo no alto da colina. Desfez-se do cinto de segurança e abriu a porta para sair e tomar uma fresca. Era verão e a canícula ardia. A cidadezinha se estirava lá embaixo, sobressaindo como paisagem comum à região a torre proeminente da igreja. Ruas bem traçadas, com aparência de serem planas, e, ao longe, um leve aclive anunciava o desenho do lugar. Árvores enfileiradas no meio da rua, que se mostrava principal, produziam belas sombras; as casas eram baixas, com arquitetura modesta. Um ou outro ponto comercial é que se impunha mais elevado, em construções de dois andares. Voltou ao automóvel para encarar a sua nova vida.

À medida que descia em direção à cidade, a mente de Amélia Solo rememorava a cerimônia e a bonita e divertida festa de formatura no curso de Biblioteconomia. Sorriu com as lembranças. A formal entrega do diploma por parte do reitor, o discurso da oradora, o coral de encerramento... e o baile. Tudo de sonho, mas outro era o dia de acordar. A experiência na área resumia-se a um estágio na biblioteca da própria universidade, onde a imensidão do acervo não permitiu que ela progredisse. E logo veio o concurso para bibliotecária em município interiorano. Com surpresa, foi aprovada, nomeada e chamada para tomar posse no cargo. Ali estava para se apresentar.

Quando estacionou o carro em frente ao prédio da Prefeitura, Amélia ainda estava imersa em lembranças. Sorriu. Caminhou determinada à entrada da repartição e encontrou o saguão deserto. Meio desorientada, não sabia se aguardava ou seguia por um corredor de fraca claridade. Uma moça de grandes olhos surgiu do nada para perguntar o que desejava. Cumprimentando a moça, apresentou-se como a nova bibliotecária, obtendo a resposta de que estava sendo esperada. Sem rodeios, a moça conduziu-a até uma espaçosa sala com apenas duas escrivaninhas e muitas prateleiras atopetadas de papéis e pastas soltas. Atrás da escrivaninha mais extensa encontrava-se um homem aparentando uns sessenta anos, de estatura alta, largo sorriso e uma genética típica de ascendência italianizada, que se levantou para cumprimentar quem chegava, anunciando-se Prefeito. Disse estar surpreso por ser a bibliotecária uma moça tão nova e, perguntando um tanto preocupado, se ela realmente viera para tomar posse no cargo, pois se tratava de pequeno município localizado distante da capital.

— Claro, senhor Prefeito! — redarguiu Amélia com simpatia. — Vim com toda a vontade, toda a garra para começar meu serviço.

— Que bom! Assim você me traz alívio. Vou abrir o livro de posse para você assinar. Depois mostro o local do seu trabalho — foi respondendo o Prefeito com um certo entusiasmo.

Concluída a formalidade que a burocracia pública exigia, o Prefeito imediatamente conduziu Amélia até um aposento que se mostrava carregado de caixas, livros e papéis espalhados pelo chão. Um leve bafio desprendia-se do lugar fechado. Saltando os obstáculos possíveis, o Prefeito dirigiu-se a uma janela e, com algum rangido, abriu-a, deixando o local ser invadido pelo sol.

— Eis seu local de trabalho, moça! Espero que não desista da sua intenção — disse o Prefeito. — Está assim abandonado desde a ideia de instalar uma biblioteca municipal. Precisa, sim, de ordem, de organização.

— De fato, senhor Prefeito — comentou Amélia, emendando: — Vou ter muito trabalho. Espero que o senhor me dê o tempo necessário para limpar e organizar tudo por aqui.

— Com certeza, senhorita Amélia. Terá o tempo que precisar — sentenciou o Prefeito. — Mas primeiro vamos acomodá-la como merece, no único hotel da cidade. Já falei ao hoteleiro Jerônimo para arrumar o melhor quarto. Acompanho a senhorita até lá. Como já deve ter percebido, sou o faz-tudo por aqui. A Prefeitura só dispõe de três funcionários: a Clara, que a atendeu na chegada; dona Ivone, a faxineira; e o Contador-Geral, aquele senhor que divide a sala comigo. "Seo" Anastácio.

O hotel, ainda que modesto, possuía um asseio irretocável. As fronhas e os lençóis eram de uma alvura que cegava, além do aroma deveras agradável. Tocado apaixonadamente pelo casal Jerônimo e Eva (na verdade, Evanilde) Herroes, tinha uma aparência simpática e levava o nome de família dos proprietários: Hotel Herroes. Da região, era um dos poucos, e seu maior movimento começava sempre nas sextas-feiras, prolongando-se até as segundas-feiras, com a grande maioria dos hóspedes sendo de representantes comerciais. Trazia no térreo um aconchegante restaurante que fornecia comida caseira. Eis uma preocupação a menos para Amélia.

O serviço começou pesado; com a ajuda de dona Ivone, em algumas semanas, estava em ordem e limpo. Iniciava, então, a função de bibliotecária: organizar nas estantes de madeira os livros, classificando-os e catalogando-os. Precisou de paciência, mas obteve sucesso. Tudo arrumadinho, abriu a biblioteca municipal com festa. Muita gente acorreu e elogiou a novidade. Foi uma vitória e tanto. O Prefeito estava esfuziante, com um sorriso de orelha a orelha.

Encômios e benfazejos à parte, o tempo foi voando, com a biblioteca entrando no cotidiano do município. Sua imensa frequência se compunha de estudantes das escolas da região. Às vezes, para incrementar a existência da biblioteca, Amélia criava promoções e encontros, como a possibilidade de transacionar livros, isto é, quem trazia dois livros para o acervo da biblioteca podia escolher um para levar, ou sessões de prosa e histórias com convidados especiais. Ao se aproximar o fim do ano, Amélia soube do encontro de um ano de formatura de sua turma em Biblioteconomia e ficou superanimada. Uma possibilidade de rever as amigas, a capital e retornar ao movimento das cidades maiores. Autorizada, preparou-se. Quando chegasse o dia, sairia bem cedo para melhor proveito da viagem.

E esse dia chegou. Mala pronta. Carro devidamente abastecido. Ainda estava escuro quando deixou a cidade e desapareceu na dobra da colina. Apesar da ansiedade, conduzia devagar o veículo. Àquela hora, toda a cautela se fazia necessária. Aos primeiros raios de sol, suspirou aliviada. Pôs o rádio para funcionar; afinal, a curiosidade sobre as notícias da manhã mostrava-se aguçada. Com o passar das horas, foi ouvindo música; escondia a ansiedade. Uma parada aqui, outra mais adiante; a distância ia sendo vencida. Pela vegetação das margens da estrada, vislumbrou que se aproximava do litoral, até reconhecer que o rio que corria à sua direita era o Itajaí-Açu. Sorriu da ansiedade que a consumia. Estava mais perto. Música para distrair e alegrar. Todas, da MPB ao rock pauleira, do sertanejo ao pagode. Dançava e sorria ao volante. À medida que descia para o vale, observava o rio chocar-se contra as pedras e levantar um lençol d'água. Havia

trechos em que o rio desabalava, forte, com fúria, como a querer levar consigo as rochas presas ao seu veio. O som que ecoava no automóvel ia criando um clima de relaxamento. Amélia piscou os olhos inúmeras vezes para espantar a dormência e a hipnose de estrada. A melodia embriagadora da valsa "Danúbio Azul", de Johann Strauss Jr., que soerguia do rádio e se espalhava pelo interior do veículo, moveu Amélia a imitar a sua dança, como se estivesse num salão vienense. Pelas curvas da BR que margeava o rio Itajaí-Açu, Amélia conduzia o carro como se com ele estivesse valsando. Ia sorrindo e mentalizando o encontro com a turma de amigas: festa com certeza, conversas, novidades, alegrias. Aumentou o som do rádio, e a valsa parecia ter invadido seu cérebro. Continuou sorrindo, e o carro indo para cá e para lá. Mais uma curva, valsando. O rio marulhando. Correndo com ela e com a valsa. De um lado para outro. Brooonnff! Inesperado. De inopino. O caminhão-tanque. Estrondo. Ribanceira. Destroços. Da pirambeira evolava uma fumaça escura em estranho formato retangular.



Raul Schaefer Filho: É formado em Direito pela UFSC e reside em Florianópolis. Participou de diversas antologias literárias com poemas, contos, crônicas e artigos, desenvolvendo uma produção marcada pela observação sensível da paisagem, da memória e das experiências humanas.

Divulga Livros



Mais livros.
Mais leitores.
Mais conexões.





Conheça o projeto:
https://divulgalivros.org

Para cadastrar seu livro:
https://divulgalivros.org/cadastre-seu-livro


O Menino e o Cometa
Por Roberto Schima
(Parte 2)
Revista Conexão Literatura

A recente vinda do cometa foi recebida com novos olhos. Uma geração nascida na era da tecnologia e dos computadores viu nele um mero fenômeno natural a ser analisado e racionalmente compreendido. Sua composição química, as equações matemáticas que regiam seu movimento, a matéria primordial do Universo, tudo estava sendo planejado. Sondas espaciais de altíssima precisão foram previamente lançadas para, pessoalmente, "ver" e até "tocar" o Carrossel de Fogo.

Olhei tudo isso com tristeza. Onde estava a poesia? Onde estava a magia? Toda aquela exatidão e sede de saber estava roubando o encanto daquele raro momento. Destruía do coração das novas crianças a doce arte de sonhar.

Um desejo premente reacendeu-se em mim. Queria retornar a minha terra, a terra onde nasci e passei os primeiros anos de vida. Queria uma vez mais, uma última vez, subir a colina, conversar com as estrelas e viajar com o Mensageiro Cósmico.

Os preparativos foram rápidos. A era da tecnologia predisse com exatidão a data da maior aproximação e proporcionou um veloz meio de transporte.

Meus filhos ficaram preocupados ao ver um frágil velhinho empreender tamanha aventura e talvez até tenha passado por suas mentes a ideia de que eu estivesse caduco. Quiseram ajudar e me acompanhar. Recusei. Era algo que eu precisava fazer sozinho.

Diversas emoções se mesclaram em mim à medida em que o ônibus se aproximava. Casas e edifícios de linhas retas, de construção recente, passaram por meus olhos. Ruas antes cercadas por descampados estavam agora asfaltadas e alinhadas. Áreas antes ocupadas pela vegetação deram lugar a lojas, residências, pequenas fábricas, praças, escritórios, postos de gasolina e supermercados.

Uma melancólica nostalgia apertou meu coração. Quanta coisa mudara nesses cinquenta anos...

Meus sentimentos em ebulição entraram em erupção quando as portas se abriram e, hesitante, pus meus pés na calçada, sendo acolhido por aquela antiga e familiar atmosfera. O dia estava lindo. Fiquei uns instantes parado, sentindo o ar preencher todos os recantos de meu peito. Havia chegado na véspera da maior aproximação do cometa.

A primeira coisa que fiz foi procurar um hotel para passar a noite e deixar minha modesta bagagem. Encontrei um próximo à colina onde, do lado oposto, ficava a casa que fora o berço de minha infância.

O hotel era pequeno e acolhedor. Escolhi-o por ter uma estrutura antiga e pesada, decorações em arabescos, linhas espirais e grossas portas de madeira. Era um testemunho do meu tempo, uma catedral do passado, rígida e orgulhosa de sua herança. Não dava mostras de temer suas vizinhas modernas, angulosas e imponentes. Ainda assim, via-se que não estava totalmente imune às influências da era moderna. Passara por várias reformas, instalações elétricas, água corrente, decoração anos 80, todo um contraste do ontem e do hoje.

Já em meu quarto, tomei um banho relaxante, pedindo em seguida uma refeição leve, apesar de estar faminto. Depois, deitei-me.

Após descansar por uma hora, levantei. Fitei no espelho aquele homem idoso, de rugas profundas, camisa branca e engomada, calças cinzas bem folgadas. Ele tinha um ar

cansado conforme penteava os cabelos brancos, mas, no geral, conservava um ar de menino. Seus olhos brilhantes e ansiosos denunciavam isso.

Saí, então, do hotel para explorar meu mundo.

Muito embora as novas construções houvessem modificado drasticamente a paisagem, no seu todo o cenário me era ainda muito familiar. Os contornos das colinas era o mesmo, e o traçado das ruas fora conservado.

Décadas se passaram desde que parti e não tinha qualquer esperança de encontrar um rosto conhecido. Inicialmente, explorei os arredores do hotel. Automóveis passavam apressados. Caminhões iam e vinham com suas cargas e descargas. Pessoas sérias, carrancudas, caminhavam perdidas em seus próprios pensamentos, ou, quando acompanhadas, conversavam sobre assuntos do dia a dia.

Numa banca de jornais, vi diversas publicações dedicadas ao cometa e à Astronomia de um modo geral. As livrarias também exibiam várias obras do gênero. Se esta recente vinda do cometa não estava sendo encarada sob o véu de misticismo do passado, ao menos pôde despertar a atenção pública para a ciência do Universo e fornecer um farto material para os amantes das estrelas.

A exploração comercial em torno do acontecimento me entristeceu profundamente. Até onde ia a falta de sensibilidade do ser humano? Uma fábrica de lâmpadas presenteava lunetas rudimentares a uns poucos felizardos. Um tênis mencionava seu nome parecido ao do cometa. Um complemento alimentício propunha-se a dar "a força e a velocidade de um cometa". Cadernos, malharias, automóveis, revistas em quadrinhos, discos, relógios, chicletes, bijuterias, bolsas e carteiras, bolas... Quase tudo, enfim, que a indústria consumista pudesse imaginar trazia impressa a figura do cometa e reclamava para si alguma propriedade milagrosa dele.

Entrei por uma rua transversal mais tranquila, ocupada quase exclusivamente por residências. Era bem arborizada de ambos os lados. As casas eram bonitas. Algumas azulejadas, outras pintadas de azul, bege ou amarelo. Samambaias penduradas nas paredes ou vasos num canto do quintal refletiam o inconsciente bem estar transmitido pela natureza. Entretanto, os muros altos e o número elevado de portões e cercas com grades pontas-de-lança demonstravam ser essa tranquilidade um tanto frágil. Lembro-me de um morador lavando seu quintal, crianças jogando bola e cães latindo ao longe. O Sol aquecendo meu rosto e o céu azul continuavam tão lindos como há cinquenta anos.

Em minha mente, fragmentos de velhas recordações apareciam a todo instante. Rostos e vozes do passado desfilavam ante meus olhos e ouvidos, quando reconhecia determinada esquina, um velho casarão, um perfil de colina. Senti-me num túnel longo e escuro, tendo de um lado o passado e, do outro, o presente. Oscilava nesse túnel. Ora via as luzes de minha infância e juventude, ora via a minha imagem refletida no espelho do hotel. Deu-me a impressão que, num momento raro e de estranha beleza, as luzes de cada extremidade se fundiram. Tornaram-se um clarão único, iluminando feito um farol marítimo o misterioso oceano do Tempo. E uma criança tímida e pequenina caminhou de mãos dadas com um velho de cabelos brancos, roupas engomadas e andar desengonçado.

Como posso descrever em palavras as emoções que se apossaram de mim ao escutar logo mais à frente o som do velho riacho? Soou em meus ouvidos como uma doce canção a me embalar na nostalgia, o eco de uma voz amiga havia muito distante.

Apressei meu passo em sua direção.

Oh, mas quanta desilusão!

O velho riacho mudara tanto desde os meus tempos de infância... Suas águas, outrora cristalinas, perderam a transparência. O som puro de seu fluxo contínuo entre as pedras perderam a nitidez, tornou-se abafado e longínquo. Nas margens, grossas camadas de limo misturavam-se às raízes do matagal e punhados de lixo doméstico. Não havia mais peixes. Não havia mais camarões. Mesmo o cascalho me era invisível, separado que estava da luz do Sol pelas águas barrentas e pelo lodo mal cheiroso.

Uma alegria, ao menos, eu tive: a árvore em que costumava descansar ainda estava lá. A idade também se abatera sobre ela, que já era velha antes mesmo d'eu nascer. Seu tronco parecia frágil e, como eu, encurvara-se sob o próprio peso, mas ainda era bela e repleta de folhagem. Acariciei o tronco. Minhas mãos enegreceram-se com a fuligem de longos anos, no entanto, pouco me importei. Tratava-se da "minha" árvore. Sentei-me sob sua sombra amiga. Relembrei as longas conversas silenciosas que tive naquele lugar. Um grupo de pardais sobre minha cabeça me fez cogitar se não seriam descendentes daqueles outros que, certa manhã, despertaram-me com sua algazarra. Fiquei a observá-los em suas caóticas brincadeiras até partirem, perdendo-se na imensidão.

As horas passaram sem eu me dar conta. O passado inundava-me à mente a ponto de causar dor. Uma melancolia profunda fazia eu desejar desesperadamente poder voltar no tempo e ser menino outra vez. Contudo, o vento frio e o resmungo das juntas disseram-me ser hora de retornar ao hotel.

Meu lenço ficou preto quando tentei limpar as mãos. Minhas calças ficaram amarrotadas e um pouco sujas de terra. E os cabelos estavam em desalinho. Ajeitei-me o melhor que pude.

Antes de partir, precisava fazer uma coisa.

Mais uma vez, fiquei em pé à beira do riacho a lamentar seu estado. O som das águas soava como o gargarejo de uma velha banguela. Revirei meus bolsos até encontrar o que procurava. Era um pequeno seixo verde e arredondado. Fora o único que restara de minha antiga coleção. Guardado com carinho ao longo dos anos como se fosse um amuleto, acompanhou-me por décadas onde quer que eu estivesse. Era, por sinal, a única relíquia daquela época que conseguira conservar.

Fitei-o por um longo tempo.

Tempo, tempo, tempo... Sempre o tempo.

E, então, atirei-o ao ar. Vi quando descreveu, indiferente, uma pequena parábola até desaparecer sob as águas turvas num "blop" sem graça.

"De volta ao lar", foi o pensamento que me veio. Havia emoções demais transbordando em mim para poder expressá-las melhor em palavras.

Já no quarto do hotel, após o jantar, folheei uma revista que comprara sobre o cometa. Nele, explicava a origem dos cometas como restos da nuvem primordial formadora do sistema solar. Ao que parecia, havia mais de três mil anos os chineses já conheciam o "meu" cometa. Pensei num punhado de crianças de olhinhos puxados e tez de porcelana a navegar entre as estrelas com seus rabichos balançando ao vento. Quais seriam seus sonhos então?

Li sobre dados físicos e químicos, sobre uma rede internacional de observação e entrevistas com astrônomos. Os vários satélites, numa frágil imitação, tentariam alcançar o Carrossel Flamejante. Como observá-lo. Como fotografá-lo. Como acompanhá-lo. Estaria, enfim, cercado por todos os lados feito uma celebridade de Hollywood.

As ondas leves e monótonas da sonolência embaralharam as letras, e fui caindo aos poucos num abismo profundo, quente e reconfortante.

O sono.

A dormência.

A vinda do sonho.

Havia o som de vozes. Vozes de crianças ecoavam na escuridão como sons refletindo-se na cúpula de uma igreja vazia. Estava um breu, mas eu não sentia medo. Vi, então, surgindo do nada, uma pequenina luz que foi, aos poucos, aumentando de intensidade. Um clarão passou por mim ao mesmo tempo que as vozes ribombaram em meus ouvidos, para então voltarem a diminuir. A luz foi sumindo, mergulhando novamente nas trevas. Desesperado, tentei alcançá-la, mas não sentia meus braços, nem tampouco as pernas. E a luz foi sumindo, sumindo e sumindo, até a escuridão e o silêncio reinarem outra vez.

Abri os olhos a tempo de ver minhas mãos estendidas para o alto, tentando agarrar o vazio.

"Que estranho...", foi tudo o que consegui pensar, além de indagar sobre o fascinante mistério do mundo dos sonhos.

Chegou.

Esse era o dia.

O dia da grande aproximação.

Por mais que eu tentasse, não consegui dominar a ansiedade e a expectativa. Os minutos aparentavam prolongar-se em horas; e as horas, em dias.

Enquanto aguardava pela noite, fui visitar o outro lado da colina.

Já no alto, tive a visão da minha rua por onde, certa noite, subira aos tropeços, conversando com as estrelas. Ela estava asfaltada. Os terrenos baldios praticamente não existiam mais e alguns edifícios modernos tapavam a visão do horizonte, outrora tão cara para mim. Uma brisa suave soprou um odor de fumaça que antes não existia.

Porém, apesar dos pesares, amei aquela vista. Mudasse como mudasse, era o meu mundo. O cenário atual era estranho para mim, mas em seu todo, em sua essência, existia em meu coração, um cantinho particular feito de sonhos e esperanças que jamais morreu.

Minha velha casa desapareceu muitos anos atrás. Em seu lugar havia um prédio que, apesar das linhas retas e modernas, dava sinais da passagem do tempo: rachaduras nas bordas, tinta descascando, manchas... Saberiam ou ao menos indagariam seus moradores sobre os sonhos e fantasias acalentados por aquele lugar? Saberiam sobre o exército de formigas que por lá marchava em busca de alimento? Pensei na velha casa de reboque, no pomar tenro, no cheiro agradável das flores e das folhas ao raiar do Sol. Pensei em mamãe... Todo seu mundo praticamente restrito àquele pedaço de terra sobre o qual assentava aquela sisuda construção. Todo um passado quase esquecido. Em minha mente, voltei a ver o brilho em seus olhos. O par de luzes que iluminara a fria noite e tantas outras que se seguiram...

Senti um puxão na manga de minha blusa.

— Ei, vovô — disse uma menina sardenta de cabelos dourados com cerca de sete anos. — Por que tá chorando?

Só então, percebi que, sem me dar conta, lágrimas silenciosas rolavam pelas minhas faces. Embaraçado, peguei meu lenço e as enxuguei.

— Ah, não é nada, não — respondi. — Eu estou resfriado.

— Tadinho! — exclamou ela, pensativa. — O senhor tá chorando porque tem medo de injeção?

Não pude deixar de sorrir ante sua lógica infantil.

— É sim. Dói muito.

— Eu sei. Também tomei injeção quando fiquei doente. Minha mãe falô pra pensar numa coisa bem alegre que, daí, nem ia doer.

— E deu certo? Não doeu? — perguntei.

Ela fez um muxoxo:

— Não adiantô. Pensei no dia que fui no parquinho. Andei nos brinquedos e comi doces. Mas, então, senti uma pontada no "bumbum" e abri o maior berreiro.

Ri alto, embriagado pela esperteza daquela criança, afugentando, assim, a tristeza.

— Você mora aí? — perguntei, apontando para o prédio que estivera a fitar.

— Moro, desde que nasci.

Nisso, ouvimos uma voz de mulher, chamando por alguém.

— É mamãe — explicou a menina. — Preciso ir agora. Tchau, vovô!

— Tchau, criança.

E lá se foi a menininha, correndo, esbanjando energia.

Uma nova geração crescia naquele lugar, um novo ciclo da vida, com suas próprias lembranças e sua própria história. Um dia, daqui a muitos anos, uma mulher retornaria àquela cidade e se lembraria de sua infância, do parquinho e de seu mundo como se único fosse. E, quem sabe, num recanto mais oculto de sua memória, recordar-se-ia de um efêmero encontro que tivera com um velhinho a quem tão carinhosamente chamara de "vovô".

O restante do dia passei entretido, visitando outros lugares, incluindo a velha escola onde me foi desvendado o mistério das letras e dos números. Também li um jornal e assisti ao noticiário pela TV.

Apesar de ser um dia de grande importância para mim, observei curioso que as pessoas mal falavam sobre o cometa. Estavam presas demais a problemas terrestres. Invariavelmente, mencionavam a crise econômica, os problemas financeiros, o alto índice de criminalidade, o custo dos alimentos e por aí afora. Afigurava-me distante o tempo em que a vinda do cometa causara medo e assombro, gelando o coração de milhares de pessoas.

A noite chegou finalmente.

Muito embora no hotel o jantar estivesse pronto, saí sem nada comer. Um vento repentino despenteou uma mecha de cabelo tão logo abri a porta. Subi a colina em passos vagarosos, olhos voltados para o chão. Receava olhar para o alto antes de haver alcançado o topo. Um temor interior parecia me dizer que as estrelas fugiriam se assim o fizesse.

Passo a passo, fui atingindo meu objetivo.

Desta vez, não tropeçaria mesmo que estivesse de olhos vendados devido à rua asfaltada e à calçada cimentada. Ouvia sons de vozes, automóveis, cães latindo, música de algum toca-discos esquecido. Porém, o som das batidas de meu coração soava mais alto.

Já no alto da colina, lancei a vista ao redor. Milhares de lâmpadas brilhavam na escuridão, quase transformando a noite em dia. "Luzes demais", pensei. Não ouvia o cantar do grilos, nem via qualquer vegetação no qual pudessem sobreviver.

Respirei fundo.

Vagarosamente, voltei os olhos para o céu.

Se pudesse imaginar a sensação que teria um alpinista ao chegar no cume de uma montanha e ver nele fincado uma outra bandeira, seria a mesma sensação naquele instante. Fitando o céu de aspecto leitoso, uma pergunta perfurou meu cérebro: "Onde estão as estrelas?" Procurei, procurei e procurei, tentando encontrar, naquela imensidão escura, as centelhas que tanto amava. As poucas que encontrei davam facilmente para se contar nos dedos.

Os anos aparentavam não só haver eliminado os vestígios de minha infância, mas as próprias estrelas no firmamento. Lembrava-me nitidamente da noite em que, pequenino, conversara com elas. Havia milhares! Eram como infinitos pontinhos fosforescentes de plâncton no vasto oceano cósmico. Senti-me abatido.

O Mensageiro das Estrelas transformou-se num sonho vago e distante.

E o sonho da noite passada assumiu o aspecto de uma triste profecia realizada.

Havia toda a eternidade naqueles segundos silenciosos, naquele céu, naquelas fracas e distantes luzes.

Abaixando os olhos, reparei pela primeira vez num rapaz nas proximidades. Estava atrás de um telescópio equilibrado por um tripé. Sua fisionomia aparentava tanta desolação quanto a minha. Caminhei em sua direção.

Ele me viu chegar, no entanto, continuou concentrado em seu instrumento. Vestia um pesado casaco e, tudo indicava, iria passar a noite em vigília. Trouxera uma cadeira de alumínio e lona, daquelas usadas na praia, e, ao seu lado, uma garrafa térmica refletia os brilhos das lâmpadas próximas.

— O céu está vazio... — murmurei.

— Sim... E isso é terrível! — respondeu ele numa voz abafada, tirando os olhos de seu aparelho. — Esperei anos e anos por esta oportunidade... Anos!... Cauteloso, juntei minhas economias para adquirir este telescópio. Apontei para o céu. Aguardei a vinda do cometa. Há meses, tento enxergá-lo entre as nuvens... Nada! Essa maldita poluição, as luzes das casas e das ruas apagaram minhas esperanças.

— Já tentou ir a um local mais afastado da cidade?

— Sim, mas não adiantou. Outros colegas também o fizeram e fracassaram. Teve até um, mais rico, que embarcou num avião para subir acima das nuvens, longe das luzes e da poeira. Apesar de ver um céu mais límpido, não avistou o cometa.

Ficamos uns minutos em silêncio, enquanto ele me oferecia uma xícara de chocolate quente.

Depois d'eu sorver o último gole, ele passou a me explicar como essa vinda do cometa se tornara o grande fracasso astronômico da década.

— Tudo estava sendo preparado — continuou o jovem. — No mundo inteiro, todos esperavam o surgimento majestoso do cometa a fim de vê-lo. Mas, qual nada! Sua órbita estendeu-se longe demais da Terra e mesmo os mais potentes telescópios do planeta só conseguiram obter fotografias medíocres.

— Eu penso que o Carrossel de Fogo se assustou com tamanha euforia — repliquei.

— Como assim?

— Acho que ele se intimidou ao ver tantos olhos a procurá-lo, tantas máquinas empenhadas em caçá-lo. Creio que ele se sentiu acossado e... decepcionado.

O rapaz me fitou, sério.

— Decepcionado? Como assim?

— Bem... — respirei fundo, mirando a escuridão. — Houve um tempo em que as pessoas acreditavam nos sonhos. Amavam ou odiavam, riam ou choravam, mas de qualquer maneira, acreditavam. O cometa fazia parte disso. Sua chegada vinha envolta em temores e esperanças, trazendo à tona novos sonhos. Suas asas flamejavam na noite como uma imensa ave de rapina, flutuando ao vento. Ele vinha de geração a geração, saído das trevas do esquecimento, para colher as pessoas da Terra e levá-las ao reino dos céus. Porém, tudo acabou. Chegou a Era da Compreensão, a Era da Certeza, com suas máquinas, a Ciência e a Tecnologia. O mundo deixou de ser um lugar misterioso e fascinante para se tornar reduzido a um rígido conjunto de fórmulas numa fria e escura lousa de escola. Os sonhos pereceram e, com eles, foi-se a razão de viver do cometa. Assim, triste e desiludido, suas chamas perderam o brilho, seu voar deixou de ser majestoso. E, agora, não vê a hora de retornar à escuridão para, talvez, jamais aparecer.

O jovem, que até então ouvira atentamente, esboçou um sorriso irônico.

— É uma bonita história... para crianças ingênuas. O cometa não é um Carrossel de Fogo, mas tão somente um bloco fossilizado de gelo, rochas e poeira a vagar, obedecendo as leis de Kepler e Newton. Apenas isso. Seu fascínio reside em não sabermos exatamente a sua origem, sua morfologia, sua exata composição e distribuição no Universo. E a minha frustração é não poder vê-lo, sabendo que não mais terei outra oportunidade como essa.

Depois, voltou a se concentrar no telescópio, ajustando botões, olhando pela ocular e pela luneta de busca. Aparentemente, encerrara a conversa e se esquecera por completo de minha presença.

Fiquei a observá-lo. Senti pena do rapaz. Ele, assim como eu, amava as estrelas, todavia a seu modo. Em seu mundo, não havia lugar para duendes, sacis, fadas ou fantasmas. Para ele, Ícaro nada mais foi do que um devaneio psicológico de uma mente sonhadora. De seu ponto de vista, a Lua era apenas um corpo morto, cravejado de crateras, a orbitar a Terra. O cantar das ondas na praia não passava de um som monótono ocasionado pelo deslocamento de ar. Seu mundo era seco e duro tal qual uma rocha.

Olhei mais uma vez para o céu.

"Por que vocês me enganaram? Por que me negaram o privilégio de vê-lo mais uma vez?", perguntei em pensamento às poucas estrelas visíveis. "Será que cresci demais? Vocês me disseram certa vez que mesmo as pessoas grandes poderiam navegar ao seu

lado. Que existia uma chama diminuta a brilhar dentro da gente e que ela poderia, um dia, crescer e a tudo iluminar."

As estrelas prosseguiram a cintilar. Não havia nenhum ruído nas proximidades além da minha própria respiração e do rapaz a mexer no telescópio.

Fitei ao longe para as incontáveis luzes das casas e das ruas. Deu-me a impressão de que as estrelas que faltavam no céu haviam caído na Terra, cobrindo os morros ondulantes de purpurina.

Procurei, encontrei e observei o lugar, rua abaixo, onde um dia existira a minha casa. Ah, quantos anos se passaram... Senti-me cansado, tão cansado...

Então, subitamente, das profundezas de meu ser, vindo à tona como trovões longínquos se convertendo em tempestade, ouvi aquele familiar coro de vozes, a crescer e crescer até se tornar audível:

— *Nós não nos esquecemos de você!*

E tornei a mirar o céu.

Sim, sim... SIM! Lá estava ele: o Carrossel de Fogo, o Mensageiro das Estrelas, o Ícaro Celeste. Era apenas um brilho como se mais uma estrelinha fosse, contudo, eu sabia que não era. Era ele! Meu coração só faltou explodir.

O Carrossel de Fogo brilhou só por alguns momentos, e, então, apagou-se para sempre no vazio.

Compreendi a magia daquele momento e acenei um adeus. Senti os olhos úmidos, mas desta vez as lágrimas não rolaram. Só pude dizer baixinho:

— Obrigado...

O jovem, notando a minha agitação, indagou:

— O que houve? Por acaso, não está passando bem?

— Oh, não é nada — respondi. — É que acabo de ver o "meu" cometa.

— O que?! Como? Onde? Diga-me!

Apontei para a posição exata no céu, e ele, rapidamente, ajeitou seu instrumento

— Onde está? — gritou instantes depois. — Não vejo nada!

— Ele está lá — apontei outra vez. — Retorna ao país da noite eterna para esperar o momento em que a humanidade volte a ser criança outra vez.

Tirando os olhos do telescópio, ele me encarou e disse:

— Deve ter sido um satélite artificial ou um meteoro. Jamais verei o cometa.

— Quem sabe?

— Como assim?

— Quem sabe, se você um dia aprender a ver não com os olhos ou com o cérebro, mas com o coração.

Ele ia retrucar qualquer coisa, dar vazão a sua raiva, porém se conteve. Deve ter achado inútil continuar aquela conversa com um velho, cuja sanidade oscilava entre os dois extremos.

Não me importei. Sentia-me feliz. Despedi-me do jovem amante das estrelas.

A noite estava fria.

Com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco, senti o calor reconfortante do tecido.

Ao longe, cães uivaram seu lamento.

Desci a colina em direção do velho hotel. Meus passos ressoavam no asfalto escuro.

Uma fina neblina começou a descer, tornando o horizonte translúcido, transformando os vultos ao redor num cenário londrino.

Uma longa viagem me aguardava na manhã seguinte.

Voltei a olhar para trás mais uma vez. Não mais sentia tristeza e nem lamentava abandonar aquele lugar. Não estava deixando o passado para trás, mas levando-o comigo, no brilho de meus olhos e na fornalha de meu coração.

***

NOTA DO AUTOR:

A presente história foi escrita em meados de 1986, e publicada no meu primeiro livro, "Pequenas Portas do Eu" (João Scortecci Editor, 1987). Fiz alguns retoques no início dos anos 90 e, em 2013, republiquei na antologia "Limbographia" (Clube de Autores, agBook). Fiz nova revisão na segunda metade de agosto de 2024. Está entre as minhas composições favoritas e, por mais de um motivo, evoca em mim uma enxurrada de recordações e nostalgia.

BIOGRAFIA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação à "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônymo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). O conto *Na Ponta do Lápis* foi o 1º colocado no *Concurso Dia do Escritor* (Ed. Arame Farpado). O microconto *Planos de Substituição* foi o grande campeão do *5º Torneio Mágico da Mhajulla* (Ed. Mhajulla), tema *Log de Mensagem*. Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras*, *A Voz do Oceano* etc. Participei de quatrocentas e quarenta antologias. Contato: schimaroberto@gmail.com. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima
https://www.calameo.com/subscriptions/5443422
https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22
https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima
https://loja.uiclap.com/?s=roberto+schima&post_type=product
https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima



PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



ESCRITOR(A)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.

FAÇA PARTE DE UMA DAS MAIORES REVISTAS LITERÁRIAS INDEPENDENTES DO BRASIL!

CONTOS

Aceitamos contos de diversos gêneros.
Até 4 páginas:
R$ 70,00.
Envie o seu arquivo em Word.

CRÔNICAS, ARTIGOS, RESENHAS ETC

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc.
Até 4 páginas em Word:
R$ 70,00 (custo para o autor).
Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail:
ademir@divulgalivros.org

POEMAS

Poemas com até 4 páginas:
R$ 70,00.
Envie o seu arquivo em Word.

MAIS DE **110 EDIÇÕES** PUBLICADAS

MAIS DE **1 MILHÃO** DE SEGUIDORES

CENTENAS DE AUTORES DIVULGADOS E NOVOS LEITORES ALCANÇADOS

SOBRE A PUBLICAÇÃO

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura.
Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem, mas temos todo o trabalho na diagramação dos textos, arte, divulgação, etc.



NÃO PERCA TEMPO:
encaminhe o seu texto para o editor
Ademir Pascale
E-mail: **ademir@divulgalivros.org**

www.revistaconexaoliteratura.com.br
LITERATURA | CULTURA | LEITURA | CONEXÃO

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

2026

Patrocine

A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Editoras, livrarias, autores, etc., saibam como patrocinar a revista Conexão Literatura e ter a sua marca (site, produto) divulgada no site da revista, edições mensais e redes sociais, que somam mais de 1 milhão de seguidores.

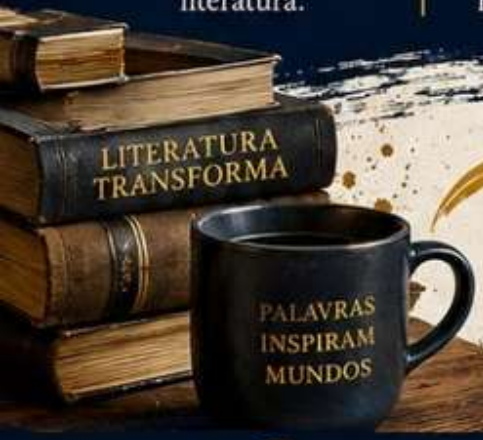
SUA MARCA EM DESTAQUE:

VISIBILIDADE
Sua marca para milhares de leitores apaixonados por literatura.

CREDIBILIDADE
Associe sua marca a conteúdo de qualidade e relevância no universo literário.

ALCANCE
Divulgação no site, edições mensais e redes sociais que não param de crescer.

CONEXÃO
Conecte sua marca a uma comunidade fiel, engajada e inspiradora.



SAIBA COMO:
CLIQUE AQUI



WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

PASSATEMPO

CAÇA-PALAVRAS

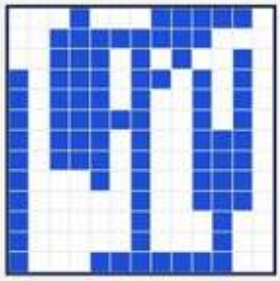
COMO JOGAR: ache na grade as 12 palavras do mundo dos livros. Elas podem estar em qualquer direção: horizontal, vertical ou diagonal, de frente para trás ou de trás para frente.

E	G	E	E	B	G	O	L	I	V	R	O	O
T	Z	C	C	A	C	O	N	T	O	S	D	O
Q	E	R	N	I	U	P	S	T	O	A	O	J
B	H	O	A	R	Q	E	I	S	A	G	L	Q
I	D	N	M	O	P	R	J	H	R	T	U	Z
B	O	I	O	T	C	S	X	R	U	V	T	C
L	R	C	R	S	M	O	P	Q	T	E	I	S
I	A	A	E	I	B	N	G	I	I	D	P	N
O	S	M	I	H	U	A	S	J	E	I	A	Q
T	F	B	E	M	J	G	F	U	L	T	C	D
E	H	D	I	T	X	E	C	B	H	O	T	V
C	V	D	R	L	L	M	X	L	U	R	S	L
A	L	J	G	A	I	S	E	O	P	A	G	A

PROCURE

01 BIBLIOTECA
02 CAPÍTULO
03 CONTO
04 CRÔNICA
05 EDITORA
06 ESCRITOR
07 HISTÓRIA
08 LEITURA
09 LIVRO
10 PERSONAGEM
11 POESIA
12 ROMANCE

GABARITO



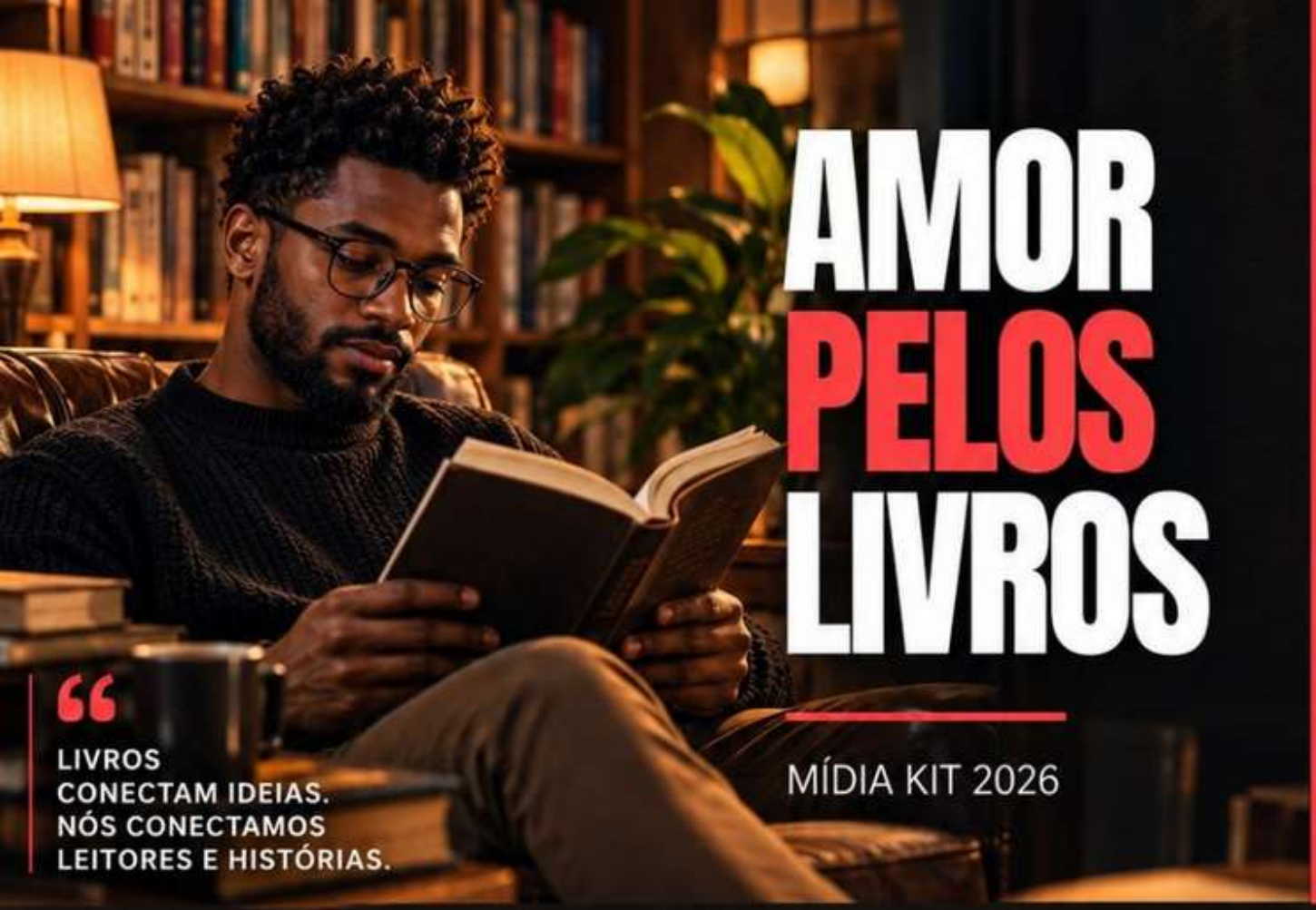
Boa diversão! E lembre-se: ***comprar e divulgar o livro de quem escreve*** *mantém viva a literatura brasileira.*

TIRINHA

Autor brasileiro vive de leitor. Compre, leia e divulgue.

ESTANTE CHEIA, LEITOR FELIZ!





AMOR PELOS LIVROS

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

"LIVROS CONECTAM IDEIAS. NÓS CONECTAMOS LEITORES E HISTÓRIAS.

MÍDIA KIT 2026

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Um espaço dedicado à literatura em todas as suas formas.

Publicamos contos, crônicas, poemas, entrevistas, resenhas e artigos que inspiram, informam e transformam.

ESTATÍSTICAS QUE CONECTAM

+791 MIL
seguidores no
FACEBOOK

+305 MIL
seguidores no
INSTAGRAM

+5 MILHÕES
de acessos em nosso
SITE

ANUNCIE COM QUEM FALA COM LEITORES!

Divulgue nas edições da nossa revista e conecte sua marca a um público apaixonado por leitura.

E-mail:
ademir@revistaconexaoliteratura.com.br

Site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

ACESSE O QR CODE
E CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT

MÍDIA KIT 2026

REVISTA

CONEXÃO LITERATURA

LITERATURA • CULTURA • CONHECIMENTO

BAIXE AS EDIÇÕES ANTERIORES

Explore conteúdos inspiradores com **entrevistas exclusivas, contos, crônicas, poemas** e dicas para leitura.



CONTEÚDOS EXCLUSIVOS
Artigos, entrevistas e inspirações literárias.

VARIEDADE LITERÁRIA
Contos, crônicas e poemas.

DICAS PARA LEITURA
Sugestões de livros e autores.

DOWNLOAD GRATUITO
Acesso fácil e rápido às edições.

DOWNLOAD GRATUITO

CLIQUE E BAIXE AGORA!

ACESSE E BAIXE GRATUITAMENTE!

www.revistaconexaoliteratura.com.br

MÍDIA KIT

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ISSN 2448-1068

OPÇÕES PARA DIVULGAÇÃO

Divulgue o seu livro, produto ou serviço nas edições e canais da Revista Conexão Literatura e alcance milhares de leitores.



POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

MAIS DE 1 MILHÃO DE SEGUIDORES NAS REDES SOCIAIS
Instagram, Facebook e outras plataformas com grande alcance e engajamento.

REVISTA DIGITAL COM ISSN 2448-1068
Credibilidade e reconhecimento para você e o seu trabalho.

ALCANCE NACIONAL E INTERNACIONAL (BRASIL E PORTUGAL)
Leitores em todo o Brasil e na Europa, especialmente em Portugal.

SITE ATUALIZADO DIARIAMENTE
Conteúdo novo todos os dias para você ter sempre visibilidade.

DIVULGAÇÃO PARA AUTORES, EDITORAS E LIVRARIAS
Espaço ideal para promover livros, produtos, serviços e lançamentos.

ESCOLHA A OPÇÃO IDEAL PARA VOCÊ:

1 DIVULGAÇÃO DE AUTOR/LIVRO

Entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital. 01 postagem do link e banner da entrevista em nossa fanpage e Instagram, somando mais de 1 milhão de seguidores.

CUSTO: Brasil: R$ 180,00 | Portugal: € 37

2 ANÚNCIO – 1 PÁGINA (INTERNA)

Anúncio de 1 página interna (tamanho A4) em 1 edição da revista digital.

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil: R$ 200,00 | Portugal: € 60

3 ANÚNCIO – 1 PÁGINA (INTERNA) EM 6 EDIÇÕES

Anúncio de 1 página interna (tamanho A4) em 6 edições da revista digital.

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil: R$ 1.000,00 | Portugal: € 300

4 BANNER CLICÁVEL (SITE)

Banner clicável na lateral da página principal do site.

- Formato (dimensões): 306 x 194 px, em jpg.
- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil: R$ 300,00 | Portugal: € 80

5 CAPA DO LIVRO / PRODUTO / NOTÍCIA

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil: R$ 500,00 | Portugal: € 100

6 CAPA DA REVISTA + ENTREVISTA (DESTAQUE)

Seja capa da nossa revista. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage e na lateral da página principal do nosso site.

CUSTO: Brasil: de R$ 2.500,00 por R$ 1.900,00 | Portugal: € 370

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:
e-mail: ademir@divulgalivros.org | c/ Ademir Pascale
www.revistaconexaoliteratura.com.br | @revistaconexaoliteratura | facebook.com/conexaoliteratura

PORQUE AMAMOS LIVROS

REVISTA

CONEXÃO LITERATURA

NO AR

DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
todo dia 1º de cada mês

MENSAGEM DO EDITOR



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 120 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.

PARA DOAR UMA QUANTIA DE
QUALQUER VALOR:

CLIQUE AQUI

PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO | CLIQUE AQUI

ACESSE O NOSSO SITE E REDES SOCIAIS:
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Facebook
@conexaoliteratura

Instagram
@revistaconexaoliteratura

Youtube
@conexaonerd